

DOIS CONTOS DE TRUMAN CAPOTE: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Ana Reis Silva

**Dissertação de Mestrado em Tradução
Especialização em Inglês**

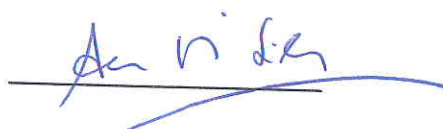
SETEMBRO DE 2010



**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa**

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

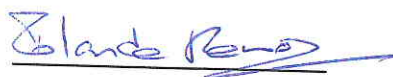
A candidata,



Lisboa, 22 de Setembro de 2010.

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

As orientadoras,



Lisboa, 22 de Setembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Professora Doutora Isabel Oliveira Martins

e

Professora Doutora Iolanda Ramos,

Pelo excelente (e incansável) trabalho de orientação, a constante disponibilidade e apoio, a preciosa ajuda na definição e organização das linhas orientadoras que o regeram e a aturada revisão crítica a que foi sendo sujeito, que me permitiram tornar-me uma melhor tradutora.

Gostaria igualmente de agradecer a ambas a cedência de obras literárias a que, de outra forma, não teria tido acesso e cujo contributo para a elaboração deste trabalho foi inestimável.

A ambas, os meus mais profundos agradecimentos.

Maria Helena Reis (mãe), sem a qual nada disto seria possível.

À restante família, amigos, ao Carlos Filipe Faria e aos colegas de trabalho da NetJets, pelo constante apoio sempre que me ausentava para ir à faculdade trabalhar na elaboração desta tese.

RESUMO

Dois Contos de Truman Capote: Reflexão crítica sobre uma proposta de tradução

Ana Reis Silva

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Tradução, Crítica de Tradução, Literatura Norte-Americana do pós-Segunda Guerra Mundial, Truman Capote, Tradução de dialecto

A dissertação que se segue apresenta uma proposta de tradução de dois contos de Truman Capote, “Preacher’s Legend” e “Master Misery”, ambos escritos no período do pós-Segunda Guerra Mundial (1945 e 1949, respectivamente), inseridos na compilação *The Complete Stories of Truman Capote*, publicada em 2004. O final dos anos 40 e início dos anos 50 do século XX constituiu-se como um período de grandes mudanças na sociedade norte-americana e foi também nestas duas décadas que se assistiu a dois movimentos cujo reflexo se faz sentir, até certo ponto, nos contos seleccionados: a luta pela igualdade de género (em “Master Misery”) e o movimento pelos direitos cívicos (patente em “Preacher’s Legend”), este último de especial interesse para Truman Capote, grande defensor dos direitos dos negros. O período do pós-Segunda Guerra Mundial constituiu igualmente o ponto de viragem do que viriam a ser os Estudos de Tradução, tal como hoje os conhecemos.

A proposta de tradução e respectivas opções tradutológicas são analisadas à luz dos Estudos de Tradução. É dada especial ênfase à tradução do discurso dialectal de Preacher (em “Preacher’s Legend”), o maior desafio de tradução presente no conto, bem como à abordagem de aspectos relacionados com a tradução de culturas (em “Master Misery”). A proposta de tradução apresentada é ainda objecto de reflexão crítica, através da comparação com a recente tradução de *Contos Completos de Truman Capote*, da autoria de José Vieira de Lima, publicada pela Sextante Editora.

ABSTRACT

Two short stories by Truman Capote: Critical study of a translation proposal

Ana Reis Silva

KEYWORDS: Translation Studies, Translation Criticism, American Literature after the Second World War, Truman Capote, Translation of dialect

This dissertation presents a translation proposal for two short stories by Truman Capote, collected in *The Complete Stories of Truman Capote* (2004): “Preacher’s Legend” and “Master Misery”, both written after the Second World War (respectively in 1945 and 1949). The late ‘40s and the beginning of the ‘50s of the 20th century brought considerable changes into North American society. During these two decades there were also two important movements, which are reflected to some extent in both short stories: the fight for equal rights among men and women (in “Master Misery”) and the civil rights’ movement (in “Preacher’s Legend”). The latter was particularly dear to Truman Capote, who was a great defender of black people’s rights. The post-war period was also a turning point for Translation Studies, as they are currently understood.

Both the translation proposal and the corresponding translation options are analysed from a Translation Studies’ perspective with examples taken from the authors that were studied. A particular emphasis is given to the translation of the character’s dialect (Preacher, in “Preacher’s Legend”), which was the greatest translation challenge of this short story, as well as to aspects concerning the translation of cultures (in “Master Misery”). The translation proposal is also critically analysed in comparison with José Vieira de Lima’s translation (*Contos Completos de Truman Capote*), recently published by Sextante Editora.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: Tradução do conto “Preacher’s Legend” (“A Lenda de Preacher”)	5
Capítulo II: Tradução do conto “Master Misery” (“Mestre Miséria”)	18
Capítulo III: Reflexão tradutológica.....	40
Conclusão	58
Bibliografia.....	60
Anexo 1 – Contos: “Preacher’s Legend” e “Master Misery”, por Truman Capote	
Anexo 2 – Contos: “A Lenda de Preacher” e “Professor Miséria”, tradução de José Vieira de Lima	
Anexo 3 – Registo comparativo de ocorrências	65

Introdução

O presente trabalho tem como objectivo elaborar uma proposta de tradução de dois contos de Truman Capote, “Preacher’s Legend” (1945) e “Master Misery” (1949). Será complementada por uma abordagem comparativa com uma tradução portuguesa dos referidos contos, recentemente publicada em 2008, procurando apresentar uma reflexão crítica sobre as duas versões, a qual se espera permitir problematizar a questão da tradução enquanto processo de transferência linguística, mas também produto de comunicação intercultural.

Truman Streckfus Persons¹ nasceu a 30 de Setembro de 1924, em Nova Orleães. Em 1930, ainda antes do seu sexto aniversário, assistiu à separação dos pais, tendo sido educado por parentes maternos, em Monroeville, Alabama, durante cerca de cinco anos. Posteriormente, iria viver com a mãe, entretanto casada em 1932 com o cubano Joseph Garcia Capote, que o adoptou legalmente e lhe deu o seu apelido. Estudou em Trinity School, Saint John’s Academy, em Nova Iorque, e em Greenwich High School, em Millbrook, no Connecticut. Foi amigo de infância de Harper Lee, autora de *To Kill a Mockingbird*, de quem tinha sido vizinho em Monroeville, e com quem continuaria a manter relações privilegiadas.

Em 1942, Capote arranjou emprego na revista *The New Yorker*, sendo posteriormente despedido em 1944, facto que acabaria por lhe ser favorável, pois permitiu-lhe, nos anos que se seguiram, dedicar-se à escrita de diversos contos, pelos quais viria a ser premiado (recebeu o *O. Henry Memorial Award*, em 1946, pela escrita de “Miriam” e, dois anos depois, o mesmo galardão por “Shut a Final Door”). Em 1948, estreou-se na publicação de romances com *Other Voices, Other Rooms*, obra com um marcado cunho autobiográfico, uma vez que conta a história de um rapaz de 13 anos, Joel Knox, abandonado à nascença pelo pai, e que, depois da morte da mãe, vai morar com o progenitor que o abandonara. Seguiu-se, em 1951, um romance mais curto, *The Grass Harp*, cuja versão teatral, da sua autoria, viria a estreiar-se um ano mais tarde. Embora o autor comesse por não ser adepto destas passagens de um campo semiótico para outro, acabaria por se dedicar bastante ao palco e ao cinema, tanto mais que escreveu o musical

¹ Os dados biográficos apresentados nesta Introdução foram retirados sobretudo dos estudos de Clarke (2006) e de Waldmeir (1999).

House of Flowers, em 1954, ano em que também estrearia o filme “Beat the Devil”, de John Huston, cujo argumento é igualmente da autoria de Truman Capote.

O mundo do cinema continuaria a fazer parte da sua vida, não só através do convívio com várias estrelas de cinema, como Marilyn Monroe, Montgomery Clift ou Elizabeth Taylor, mas também com a elaboração de outros argumentos, nomeadamente a adaptação de *The Turn of the Screw*, de Henry James, que sairia com o título *The Innocents*, em 1961. Entraria ainda como actor no filme “Murder by Death”, de Neil Simon, em 1976. Por outro lado, dedicou-se também ao jornalismo, área em que publicaria ao longo dos anos, nomeadamente “Local Color” (1950), uma colectânea das suas impressões de viagem pela Europa, e “The Muses Are Heard” (1956), uma série de crónicas que escreveu sobre a deslocação da companhia *Everyman Opera* à União Soviética. Estas incursões jornalísticas terão estado na base da sua futura obra-prima, *In Cold Blood*: por um lado, permitiam-lhe procurar a ‘verdade’, algo que o fascinava (Clarke, 2006:317), sendo entretanto esta quase sempre pincelada com incursões imaginativas.

A mãe de Capote suicidou-se em 1953, o que o afectou psicologicamente menos do que seria de esperar, uma vez que a relação entre os dois sempre tinha sido conflituosa. No entanto, continuou responsável pela subsistência financeira do padrasto.

Em 1958 é publicado um dos seus romances curtos mais célebres, *Breakfast at Tiffany's*,² cuja versão cinematográfica (1961) imortalizaria Audrey Hepburn, ainda que o escritor tivesse preferido a sua amiga Marilyn Monroe como protagonista. Um ano mais tarde, juntamente com Harper Lee, iniciava a investigação do assassinato da família Clutter, ocorrido em Holcomb, no estado do Kansas, que resultou naquela que é considerada a sua obra-prima: *In Cold Blood*, que, no entanto, só viria a ser publicada sete anos depois, na medida em que a investigação para a feitura do livro levou quase seis anos. O seu envolvimento na busca da verdade e os encontros com os acusados na prisão foram, de resto, um elemento fundamental para a construção da obra que revolucionaria a cena literária americana, dado tratar um acontecimento real através das técnicas da ficção. Insere-se numa categoria de escrita praticada, entretanto, por outros autores, como Norman Mailer, e que foi denominada pelo próprio Capote como “romance não ficcional”, como também se pode subentender pelo subtítulo da obra: *A True Account of a Multiple*

² A obra *Breakfast at Tiffany's: A Short Novel and Three Stories* (1958) continha ainda três ficções mais curtas: “House of Flowers”, “A Diamond Guitar” e “A Christmas Memory”.

Murder and Its Consequences. Posteriormente, o processo de elaboração desta obra também viria a ser utilizado como fio condutor do filme *Capote*, realizado em 2005.

Em 1971 é operado a um cancro, sobrevive e continua a escrever. Em 1973 é editada *The Dogs Bark: Public People and Private Places*, uma colectânea de escritos sobre lugares e pessoas desde 1942, integrando, por exemplo, “Local Color” e “The Muses are Heard”. Dois anos depois, são publicados excertos de *Answered Prayers*, o seu último romance, na revista *Esquire*, posteriormente editado incompleto em 1986.

Em 1980 publica ainda *Music for Chameleons*, uma colectânea de ficção e ensaios, vindo a morrer em 1984, na Califórnia, provavelmente como resultado de sobredosagem de drogas. Embora seja muitas vezes reconhecido como um dos mais proeminentes escritores da chamada literatura gótica sulista dos Estados Unidos, a par de Eudora Welty, Carson McCullers e Flannery O'Connor, esta inserção não é estritamente correcta. Com efeito, a sua obra e, em particular, os seus contos não se limitam ao quadro referencial e mental do Sul (Pugh, 1998: 663), embora este lhe tenha permitido libertar-se de alguns parâmetros que ele considerava serem os aceitáveis, nos primórdios da sua carreira, para a generalidade das editoras, aquando da elaboração de uma história. Na verdade, a sua infância, até quase aos 10 anos, vivida em Monroeville, com parte da família materna, foi bastante influente na sua forma de escrever, nomeadamente no uso do fantástico e de um certo humor corrosivo. Mas, de igual modo, a sua obra apresenta muitas outras influências provenientes dos meios sociais cosmopolitas em que se movia, além de reflectir temáticas que lhe são caras, nomeadamente a constante revisitação do passado da infância, a forma como mulheres pressupostamente racionais sucumbem aos terrores profundos da alma, ou ainda os abismos que, em geral, dominam a afirmação da identidade, seja esta pessoal, social ou sexual.

Os contos seleccionados para tradução, neste trabalho, foram escritos em 1945 (“Preacher’s Legend”) e 1949 (“Master Misery”). Muita da sua ficção curta foi sucessivamente publicada em revistas como *Harper’s Bazaar*, *Mademoiselle*, *The New Yorker* ou *The Atlantic Monthly*, ou inserida em colectâneas. Para além de terem sido escritos no período do pós-guerra, neles se revelam precisamente as duas dimensões atrás referidas. As décadas de 40 e 50 assistiram a algumas das maiores mudanças na história recente dos Estados Unidos da América e transformaram este país na superpotência que ainda hoje reconhecemos. Precisamente o período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial foi

também o ponto de viragem nos Estudos da Tradução, tal como nos dá conta James S. Holmes, no ensaio “The Name and Nature of Translation Studies” (1998: 11).

Esta breve introdução à vida e obra de Truman Capote permite registar como parte da produção literária deste autor foi publicada e serve de ligação com o momento seguinte deste estudo.

A proposta tradutológica é apresentada em dois capítulos, iniciados por uma curta análise dos contos seleccionados para tradução. Ambos reflectem realidades completamente díspares: se em “Preacher’s Legend” nos é relatada a vivência sulista, “Master Misery”, por seu turno, tem por cenário a realidade citadina de Nova Iorque. “Preacher’s Legend” levantou diversos problemas de tradução, em primeiro lugar, pela existência do registo dialectal, que se tentou reproduzir, mas também pela linguagem bastante metaforizada e pelas referências culturais especificamente norte-americanas, cuja transposição para português oscilou ora entre uma abordagem mais domesticante, ora estranhante, consoante a referência tivesse um maior ou menor grau de reconhecimento para o leitor do texto de chegada. “Master Misery” levantou sobretudo problemas tradutológicos pela utilização de alcunhas e diminutivos aplicados a personagens e objectos, assim como, mais uma vez, pelo uso de variadas metáforas e referências culturais marcadamente norte-americanas, tais como canções e formas de expressão, que, por essa mesma especificidade, se tornaram um incentivo para a tradução aqui proposta.

Por último, procurar-se-á reflectir sobre as opções tradutológicas tomadas e, tendo presente o âmbito dos Estudos de Tradução, fundamentá-las com base nas opiniões expressas por teóricos como Gideon Toury, Susan Bassnett, Vladimir Ivir, Hans Vermeer, Peter Newmark ou ainda Lawrence Venuti. Para esse efeito, será apresentado um registo comparativo de ocorrências que torna mais visíveis as opções aqui tomadas, face à tradução para português destes contos de Truman Capote, elaborada por José Vieira de Lima³ em 2008, e publicada pela Sextante Editora. Procurar-se-á apurar os critérios de selecção do tradutor, quais os prós e contras da sua metodologia e quais os motivos linguísticos, culturais e/ou pragmáticos que estiveram na base das escolhas efectuadas.

É de destacar o facto de só em 2004 aparecer toda a ficção curta de Capote em inglês e de ser essa talvez a razão para a tradução integral dos contos de Capote de JVL, a única existente no mercado editorial português, tanto quanto foi possível verificar. O

³ A tradução de José Vieira de Lima será, doravante, referida como JVL.

sistema literário português privilegiou anteriormente a tradução das obras *Breakfast at Tiffany's*, *In Cold Blood* e *Other Voices, Other Rooms*, vertidas, respectivamente, como *Boneca de Luxo* (publicado em 1998 pela Editorial Notícias), *A Sangue Frio* (de 1967, publicado pela Dois Mundos) e *Outras Vozes, Outros Lugares* (editado em 2004, pela Relógio D'Água).

Em suma, e de acordo com o objecto de estudo, pretende-se que esta dissertação, tanto na sua dimensão prática como através da reflexão crítica sobre os problemas tradutológicos encontrados nos contos que foram seleccionados, se possa constituir como um contributo de algum relevo no domínio dos Estudos de Tradução.

Capítulo I. TRADUÇÃO DO CONTO “PREACHER’S LEGEND” (“A LENDA DE PREACHER”)

Neste capítulo apresenta-se uma proposta de tradução integral do conto “Preacher’s Legend”, cujas principais temáticas espelham o contexto sociocultural do Sul dos Estados Unidos da América. Com efeito, apesar do conflito que mobilizara todo o país, as mentalidades pouco pareciam ter mudado no período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial.

Este conto apresenta um idoso negro, Preacher, cuja solitária e supersticiosa vivência numa quinta do sul dos Estados Unidos da América é, subitamente, abalada pelo encontro com dois caçadores, confundidos pela personagem principal com figuras divinas. Desde o início esse equívoco produz um efeito cómico, pois Preacher julga que a aparição dos caçadores brancos, e posterior visita à sua casa, significa a sua morte. Por seu turno, os dois homens, face ao inusitado tratamento que lhes é dado, reagem com estupefacção e alguma condescendência que, na parte final do conto, se transforma em incompreensão e, até, no caso de um deles (o Louro), em algum desrespeito (nomeadamente racial) para com Preacher.

São abordadas neste conto temáticas como a pobreza, a solidão, a raça, a superstição e a morte, as quais reflectem parte das inquietações presentes à época e que Capote descreve de forma singular, na medida em que as inscreve no contexto agrário sulista. As falas de Preacher, com marcado dialecto afro-americano, constituíram-se como um dos maiores problemas de tradução para português enfrentados na realização deste trabalho.

“A Lenda de Preacher”

(1945)

Uma nuvem a mover-se para sul tapou, por momentos, o sol, e um pedaço negro, uma ilha de sombra, caiu sobre o campo, espalhando-se pela montanha. Agora começara a chover: chuva de Verão, com tempo soalheiro, de pouca dura, apenas o suficiente para assentar a poeira e deixar as folhas a brilhar. Quando parou, um velho negro (de nome Preacher) abriu a porta da sua barraca e olhou para o campo de solo fértil, coberto de ervas daninhas, para o quintal pedregoso que os pessegueiros, os cornizos e os cinamomos cobriam com a sua sombra, para a estradinha avermelhada em que raramente passavam carros, camiões ou pessoas e para as colinas verdes que se estendiam, talvez, até ao fim do mundo.

Preacher era um homem baixo, cinco réis de gente, e tinha o rosto coberto por um milhão de rugas. Tufos de cabelo que pareciam lã cinzenta brotavam-lhe do crânio azulado e os seus olhos emanavam tristeza. Estava de tal modo curvado que se assemelhava a uma foice ferrugenta e a sua pele era amarelada como o couro da mais alta qualidade. Enquanto observava o que restava da quinta, afagava pensativamente o queixo, mas, verdade seja dita, não estava a pensar em nada.

Tudo estava, obviamente, calmo, e a brisa fê-lo estremecer e voltar para dentro de casa, onde se sentou numa cadeira de baloiço e se cobriu com uma belíssima manta de retalhos com rosas verdes e folhas vermelhas, adormecendo na casa silenciosa com todas as janelas escancaradas, enquanto o vento agitava os calendários de cores vivas e as tiras de banda desenhada que Preacher colara nas paredes.

Acordou passado um quarto de hora, pois nunca dormia muito e os dias eram uma sequência contínua de sestas e despertares, sono e luz, nunca muito diferentes uns dos outros. Embora não estivesse frio, acendeu a lareira, encheu o cachimbo e baloiçou-se na cadeira, olhando para a sala. A cama de casal, de ferro, pintalgada de tinta cor-de-rosa, era um caos de mantas e almofadas. Um dos braços da cadeira em que estava sentado encontrava-se solto. Na parede estava um belo poster de uma rapariga loura com uma garrafa de refresco NE-HI na mão, rasgado no sítio da boca, o que lhe conferia um sorriso perverso e malicioso. O olhar de Preacher deteve-se num fogão carbonizado e coberto de

fuligem que estava no canto da sala. Tinha fome, mas o fogão, coberto quase até ao tecto com frigideiras sujas fê-lo logo desistir da ideia. «*N'á nade a fazê⁴*», queixou-se, como os velhos costumam fazer; «*tou farte de couves e de sê lá más quê. Fique aqui a morré de fome, sêja o que Deus quisé... Aposto que ninguém quê sabê, nã sôr.*» Evelina tinha sido sempre tão arrumada, asseada e boa, mas já estava morta e enterrada há dois anos. Dos filhos que tinham tido, só sobrava Anna-Jo, que trabalhava em Cypress City como criada interna e ia para a pândega todas as noites, ou, pelo menos, era isso que Preacher achava.

Era muito religioso e, ao fim da tarde, tirou a Bíblia da estante e seguiu as palavras com o dedo trémulo. Gostava de fingir que sabia ler e continuou a fazê-lo durante mais algum tempo, inventando as suas próprias histórias e admirando as ilustrações. Este seu hábito sempre preocupara Evelina. «*P'ra qu'ê que 'tás sempre a estudá o Livro Sagrado, Preacher? Tem juízo, home... Sabes tanto lê com' eu.*»

«Mas, *q'rida*», explicou, «*todá gente pode lê o Livro Sagrado. Ele escreveu-o pr'a qu'a gente o percebesse.*» Era a justificação que tinha ouvido ao Pastor em Cypress City e isso bastava-lhe.

Quando o sol se começou a pôr, fechou a Bíblia marcando a página com o dedo e coxeou até ao alpendre. Vasos azuis e brancos de fetos, suspensos do tecto por cordas de arame, chegavam até ao chão, quase parecendo caudas de pavão. Desceu as escadas feitas de troncos de árvore, coxeando devagar e com muito cuidado, vestido com umas jardineiras e camisa de cor caqui e ali ficou no meio do quintal, frágil e curvado. «*Cá 'tou. Pensê que nã ia conseguir... Pensê qu'hoje nã tinha forças pr'a iste.*»

A terra cheirava a molhado e o vento fez restolhar as folhas do cinamomo. Um galo cantou e a sua crista vermelha esgueirou-se pelas ervas daninhas e desapareceu por baixo da casa. «É bom que fujas, *velhe gale*, se *nã agarre* num *machade* e vais *vê*. Aposto que davas um bom *cozinhade!*» Os pés descalços afundavam-se nas ervas daninhas demasiado altas e Preacher parou e arrancou uma mão-cheia delas. «*Nã vale a pena. Voltam a crescer num abri e fechá de olhos, rai's partam.*»

À beira da estrada, os cornizos estavam em flor e a chuva espalhara pétalas pelo chão que Preacher pisava e que, suaves, se enfiavam entre os seus dedos. Caminhava com a

⁴ Ver capítulo III para uma reflexão crítica sobre a tradução do dialecto.

ajuda de uma bengala de sicômoro. Após atravessar a estrada e passar por árvores de noz-pecã, optou pelo caminho habitual, pelo meio da floresta, que ia dar ao riacho e ao *Sítio*.

A mesma viagem, o mesmo caminho e à mesma hora: ao fim da tarde, porque, assim, tinha algo por que esperar. As caminhadas tinham começado num belo dia de Novembro, quando tinha tomado a *Decisão*, e continuaram durante todo o Inverno, quando nevara e a caruma gelada se agarrara aos seus pés.

Agora estávamos em Maio. Tinham-se passado seis meses e Preacher, nascido e casado no mês de Maio, tinha a firme crença de que este seria também o mês que veria o fim da sua missão. Tinha a superstição de que um sinal marcava este dia em particular e, por isso, percorreu o caminho mais depressa do que era habitual.

O sol cintilava, batia-lhe na cabeça, mudava a cor do musgo espanhol, espalhava-se pelas árvores à beira da água e caía pelos ramos como suíças, oscilando entre cores, de cinzento para bege, azul e, de novo, cinzento. Ouviu-se o canto de uma cigarra, seguido de outra. «Calem-se lá, *sês insectes* irritantes! *Pr'a qu'ê* que *tão* a fazer essa *barulhêra* toda? *Tã* sozinhos, é?»

O caminho era perigoso e, por vezes, difícil de seguir, pois não passava de um caminho de cabras. A dada altura cortava em declive para um vale a cheirar a resina, que dava início a um trecho carregado de videiras, onde estava tudo escuro e os arbustos tremiam sabe-se lá porquê. «Fora daqui, *sês demónios*! *N'ássustam* aqui o Preacher. *Sês* urubus e assombrações, *ponhã*-se a pau! Aqui o Preacher... dá-lhes uma traulitada na cabeça, *arranca-ves* a pele e os *olhes* e *atira-ves pr'á foguêra*!» Ainda assim, o seu coração batia mais depressa e Preacher agitava a bengala cautelosamente diante dele. A besta estava à espreita, olhos tenebrosos brilhando no inferno e observando-o do seu covil.

Evelina, recordava Preacher, nunca acreditara nos Espíritos e isso aborrecia-o. «Shiu, Preacher», costumava dizer, «*dêxa-te* dessa conversa. O único *sítio* onde eles existem é na tua cabeça.» Oh, que insensatez a dela, porque agora, tão certo como Deus estar no céu, era ela estar no meio dos caçadores e dos demónios que esperavam no escuro. Deteve-se e chamou: «Evelina? Evelina? Responde, *q'rida*.» E continuou a caminhada, receoso de que um dia ela o ouvisse e, não o reconhecendo, o devorasse.

Pouco depois, o som do riacho: dali ao *Sítio* distavam apenas uns passos. Afastou uma urtiga e, resmungando angustiadamente, desceu para a margem e atravessou o riacho,

pedra por pedra, com enorme precisão. Na margem baixa e límpida, cardumes de peixes, incomodados, afastaram-se nervosamente, e libélulas de asas verde-esmeralda esvoaçavam à tona de água. Na margem oposta, um colibri, sacudindo as asas invisíveis, debicava o coração de uma enorme coroa imperial.

Então, o arvoredor tornou-se menos denso e o caminho alargou-se para dar lugar a uma clareira estreita e cúbica: o sítio de Preacher. Antigamente, antes de a serração fechar, era ali que as mulheres lavavam a roupa. Um bando de andorinhas voou por cima da sua cabeça e, algures ali perto, um pássaro que não lhe soou familiar entoou uma estranha e persistente melodia.

Estava cansado e sem fôlego e ali ficou prostrado, encostando a bengala ao coto de um carvalho moribundo, onde cresciam tufo de cogumelos venenosos. Em seguida, abriu a Bíblia no sítio marcado com um laço prateado, apertou-a nas mãos e levantou a cabeça.

Seguiram-se momentos de silêncio, os seus olhos estreitaram-se, concentrados no céu, nas nuvens que se desprendiam, como cordas brancas soltas, quase imóveis, sobre um painel azul, mais pálidas do que vidro leitoso.

E, quase num sussurro:

– *Sôr Jesus? Sôr Jesus?*

O vento sussurrou de volta, arrancando as folhas enterradas pelo tempo invernos, que faziam remoinhos no chão de musgo verde.

– *Tou de volta, Sôr Jesus, semp'ê fiel. Por favô, Sôr, ouve aqui o velhe Preacher.*

Seguro de que estava a ser observado, sorriu tristemente e acenou. Estava na hora de falar. Disse que era velho; não sabia bem quantos anos tinha, noventa ou cem, talvez. A sua vida já estava feita, toda a sua família tinha morrido. Se ainda tivesse família, talvez as coisas fossem diferentes. Hossana! Mas Evelina tinha morrido e onde estavam os filhos? Billy Boy e Jasmine e Landis e Le Roy e Anna-Jo e Beautiful Love? Alguns tinham ido para Memphis e Mobile e Birmingham, outros tinham morrido. De qualquer forma, não estavam com ele; tinham deixado a terra em que ele tinha tão duramente trabalhado, os campos estavam arruinados e Preacher vivia assustado à noite, tendo por única companhia o noitibó. Era muito injusto mantê-lo vivo, quando ansiava ir ter com os outros, onde quer

que estivessem. «Glória a Ti, *sôr* Jesus, sou *más velhe qu'a tartaruga más velha e ainda más velhe qu'isso...*»

Ultimamente tinha o hábito de expor e rogar pelo seu caso várias vezes e, quanto mais tempo o fazia, mais esganiçada e desesperada se tornava a sua voz, até se tornar violenta e exigente, fazendo com que as gralhas azuis, que o observavam dos ramos dos pinheiros, esvoaçassem para longe com raiva e medo.

Parou abruptamente, ergueu a cabeça e pôs-se à escuta. Ouvia um som repetitivo, estranho e perturbador. Olhou para ambos os lados e viu um milagre: uma cabeleira cor de fogo, por cima dos arbustos, vinha na sua direcção. Tinha cabelo encaracolado e ruivo e uma barba luzidia. Para piorar as coisas, seguia-se-lhe, logo atrás, outra aparição, mais pálida e luminosa.

O rosto de Preacher inundou-se de um pânico e confusão intensos. Soltou um gemido. Nunca se tinha ouvido tão triste som em Calupa County. Um perdigueiro preto de orelhas cortadas irrompeu pela clareira, de olhar fixo, a rosnar, com saliva a escorrer-lhe da boca. Apareceram dois homens, dois estranhos, com camisas verdes de colarinho aberto, suspensórios de pele de cobra a segurarem as calças de bombazina. Eram ambos baixos, mas fortes. Um deles tinha cabelo aos caracóis e barba ruiva, o outro era louro e sem barba. Traziam com eles um gato-montês morto, numa viga de bambu, e caçadeiras a tiracolo.

Preacher não aguentou mais. Soltou outro gemido e fugiu para a floresta qual coelho, pelo caminho que ali o trouxera. Fê-lo com tanta pressa que se esqueceu da bengala encostada ao coto do carvalho e da Bíblia aberta em cima do musgo. O perdigueiro abanou a cauda, farejou as páginas e correu no seu encalço.

– Mas que raio? – questionou-se o Caracóis, pegando na Bíblia e na bengala.

– A coisa mais esquisita que alguma vez vi – acrescentou o Louro.

Pousaram o gato-montês, que vinha com as patas amarradas por cordas, balouçando numa viga, que eles traziam nos seus ombros largos.

– É melhor irmos atrás do cão – disse o Caracóis. – Raios o partam.

– Pois é – disse o Louro. – Mas dava tudo para descansar um bocado... Tenho uma bolha praticamente do tamanho de uma moeda que me está quase a matar.

Vergados pelo peso das espingardas e da caça, começaram a cantar e dirigiram-se para a sombra dos pinheiros. Os olhos dourados e vítreos do gato-montês pareciam fixar o horizonte, reflectindo o pôr-do-sol.

Enquanto isso, Preacher já se tinha afastado bastante. Não se lembrava de correr tanto desde o dia em que uma cobra tinha ido atrás dele dali até ao fim do mundo. Já não era o velho decrepito de há pouco, mas um atleta, ágil como nunca. As suas pernas davam passos firmes e vigorosos e até a corcunda que tinha há 20 anos desapareceu nessa tarde para não mais voltar! O escuro vale ficou para trás sem que ele se apercebesse e, ao caminhar pelo riacho, as jardineiras que trazia vestidas abanavam por todos os lados. Oh, estava ferido de medo e os seus passos assemelhavam-se a um rufar de tambores.

Quando chegou ao pé do cornizo, teve um pensamento terrível. Era tão cruel e medonho que tropeçou e chocou com a árvore, da qual caíram gotas de chuva, assustando-o. Esfregou o cotovelo magoado, passou a língua pelos lábios e abanou a cabeça. «*Sôr que tá no céu*», disse. «O que *tá a acontecê-me?*» Sim. Sim, ele sabia. Sabia quem eram aqueles homens. Sabia-o por causa da Bíblia, mas não era tão reconfortante quanto pensara.

Levantou-se e correu pelo quintal e pelas escadas acima.

Quando chegou ao alpendre virou-se e olhou para trás. Tudo calmo e silencioso: só as sombras se moviam. A escuridão alastrava-se em círculo em volta das montanhas. Campos e árvores, arbustos e videiras tingiam-se das mesmas cores, roxo e cor-de-rosa, enquanto que os pequenos pessegueiros se apresentavam em tons de verde-prata. Não longe dali o cão latia. Por momentos, Preacher pensou em percorrer a longa distância que o separava de Cypress City, embora soubesse que isso nunca o salvaria. «Nunca na vida.»

Fechou a porta, aferrolhou-a bem. (Assim mesmo!) Agora as janelas. (Oh, mas as portadas há muito que estavam partidas!)

Ali ficou, impotente e derrotado, a olhar para os espaços vazios em que a trepadeira dama-da-noite galgava até ao parapeito da janela. Que era aquilo? «Evelina? Evelina! Evelina!» Eram apenas os ratos a arranhar as paredes e o vento a virar uma página de um calendário.

Então, resmungando violentamente, pôs-se a arrumar a casa, a limpar o pó, dizendo em tom ameaçador. «Escondam-se de vergonha, aranhas e aranhinhos... Vem aí gente graúda *fazê-nos* uma visita.» Acendeu um candeeiro a querosene feito de bronze (que tinha

oferecido a Evelina no Natal de 1918) e quando a chama aumentou colocou-o em cima da cornija do móvel, ao lado de uma fotografia que pouco mais era do que um borrão (tirada por um fotógrafo que vinha uma vez por ano) de Evelina, a sorrir, de rosto atrevido e corado, com um pedaço de rede branca no cabelo. Em seguida sacudi uma almofada de cetim (vencedora na categoria de Mantas de Retalhos, prémio atribuído a Beautiful Love, na Feira de Diversões de Cypress, em 1910) e pô-la com orgulho na cadeira de baloiço. Não havia mais nada a fazer, por isso atçou a lareira, atirou para lá mais uns gravetos e sentou-se à espera.

Não esperou muito. Ouviu alguém cantar: vozes graves a entoar melodias alegres que ressoavam e ressoavam, poderosamente: «Estive a trabalhar nos caminhos-de-ferro, todo o santo dia...»⁵

Preacher, de olhos cerrados, as mãos juntas como que em oração, media mentalmente o caminho percorrido: no bosque de árvores de noz-pecã, na estrada, a passar pelo cinamomo...

(Dizia-se que, na véspera da morte do seu pai, um pássaro grande de asas vermelhas, com um bico aterrador, tinha entrado pelo quarto, sobrevoado duas vezes a cama do velho e desaparecera, perante os olhos deste.)

De alguma forma, Preacher esperava um sinal semelhante.

Os homens subiram as escadas e detiveram-se no alpendre, com as suas pesadas botas a pisar as tábuas pouco seguras. Preacher suspirou quando bateram à porta; teria de os deixar entrar. Sorriu, por isso, a Evelina, pensou por breves instantes nos filhos desnaturados e, caminhando lentamente, dirigiu-se para a porta, retirou a tranca de madeira e abriu-a.

O Caracóis, que tinha uma longa barba ruiva, avançou primeiro, limpando a cara quadrada e bronzada com um lenço do pescoço. Fez um cumprimento como se tocasse num chapéu invisível.

– *B's* noites, *Sôr* Jesus – disse Preacher, curvando-se o mais possível.

⁵ No texto de Capote: "I've been workin' on the RAIL-road, *All* the livelong day..." (canção popular norte-americana, sem autoria definida, cuja origem parece remontar ao século XIX).

– Boas – respondeu o homem.

O Louro foi no encalço dele, desenvolto e a assobiar, com um passo altivo e as mãos nos bolsos das calças. Olhou Preacher de alto a baixo com desconfiança.

– *B's* noites, *Sôr* Santo – disse Preacher, fazendo uma distinção arbitrária entre os dois homens.

– Olá.

Preacher seguiu-os ansiosamente até à lareira.

– Como *'lão* os *Sôres*? – perguntou.

– Não se vai mal – respondeu o Caracóis, observando as bandas-desenhadas e os calendários, colados nas paredes, com fotografias de mulheres.

– Tens olho para as miúdas, velhote.

– *Nã sôr* – disse Preacher solenemente. – *N'ando* aí a *olhá pr'ás* moças, *nã sôr* – acrescentou, abanando a cabeça para dar maior ênfase. – *Sô* cristão, *Sôr* Jesus, um Baptista devoto, membro de pleno direito da Igreja Estrela da Manhã de Cypress City.

– Sem ofensa – disse o Caracóis. – Como te chamas, velhote?

– *Com'ê* que me chamo? Sabe bem que *sô* o Preacher, *Sôr* Jesus. O Preacher que fala *côsiço* todas as noites *d'á* seis meses *pr'a* cá.

– Pois, claro que sei – respondeu o Caracóis e deu-lhe uma palmadinha nas costas.
– Claro que sei.

– Que se passa? – perguntou o Louro. – Mas que raio estás para aí a dizer?

– Sei lá – respondeu o outro, encolhendo os ombros. – Ouve, Preacher, tivemos um dia em cheio e estamos com sede... Dás-nos de beber?

Preacher sorriu matreiramente, levantou o braço e disse:

– Nunca na *'nha* vida toquei em álcool, *nã sôr*.

– Nós queríamos dizer água, velhote. Apenas água.

– E vê lá se o balde está lavado – acrescentou o Louro. Era um tipo com manias e algo mal-educado, para quem tinha tanta desenvoltura. – Para que é que queres a lareira acesa, velhote?

– Por causa da *'nba* saúde, *Sôr* Santo. *Sô munto* friorento.

– Estes tipos de cor, parece que saíram todos da mesma máquina: sempre doentes e sempre com ideias esquisitas – disse o Louro.

– *Nã 'tou* doente – respondeu Preacher. – *'Tou* ótimo. Nunca me senti *melhó*, *nã sôr*. Acariciou o braço da cadeira de baloiço. – Sente-se aqui na *'nba* cadeira, *Sôr* Jesus. Vê a almofada? Linda, *n'é?* *Sôr* Santo... sente-se na cama.

– Muito obrigado.

– Já me sentava, sim, obrigado.

O Caracóis era o mais velho e bem-parecido: cabeça elegante, olhos de um azul profundo, rosto cheio e forte, mostrando uma expressão algo séria. A barba dava-lhe um ar de verdadeira magnificência. Abriu as pernas e passou uma por cima do braço da cadeira. O Louro, mais magro e de tez mais clara, caiu na cama e olhou para tudo com desdém. A lareira crepitava lentamente e a chama do candeeiro ardia devagar.

– Será *melhó* ir *buscá* as minhas coisas? – perguntou Preacher, num tom de voz algo abatido.

Como não obteve resposta, estendeu a manta a um canto afastado dos homens e, silenciosamente e meio às escondidas, começou a recolher a fotografia de Evelina, o seu cachimbo, uma garrafa verde, coberta de pó e teias de aranha, que tinha sido usada para guardar o vinho de uva muscadínia de um aniversário de casamento, mas que agora continha sete seixos cor-de-rosa para dar sorte, uma caixa vazia de doces Paraíso e outros objectos, igualmente valiosos, que foi amontoando em cima da manta. A seguir pôs-se a remexer numa arca de cedro, que cheirava a mofo, encontrou um barrete de lustrosa pele de esquilo e pô-lo na cabeça. Era confortável e quente; podia fazer muito frio na viagem.

Enquanto Preacher fazia a trouxa, o Caracóis palitava metodicamente os dentes com a ponta de uma pena de galinha que tirara de uma jarra e, com um ar perplexo, observava o velho a arrumar as coisas. O Louro voltou a assobiar: uma melodia completamente monótona.

Quando Preacher já estava a arrumar as coisas há algum tempo, o Caracóis aclarou a voz e disse:

– Espero que não te tenhas esquecido da água, velhote. Agradecia.

Preacher coxeou até ao balde do poço, escondido no meio do lixo que estava em cima do fogão.

– Varre-se-me *tude*, *Sôr* Jesus. *P'rece qu'a cabeça fica lá fora quand' entre em casa.* - Pegou em dois cabaços e encheu-os até à borda.

Quando o Caracóis terminou, limpou a boca e disse:

– Ora que bem que soube, – e começou a baloiçar-se na cadeira, arrastando as botas pelo chão num ritmo sonolento.

As mãos de Preacher tremiam ao atar a manta e só o conseguiu à quinta tentativa. Em seguida, empoleirou-se num cepo no meio dos dois homens, com as suas curtas pernas mal tocando no chão. Os lábios rasgados da rapariga loira que segurava uma garrafa de refresco NE-HI sorriam-lhe e as chamas projectavam um bonito efeito de mural nas paredes. Pelas janelas abertas entravam os sons de insectos nas ervas daninhas e vários ruídos nocturnos, que sempre tinham sido familiares a Preacher. Oh, como era bonita a sua barraca, quão maravilhoso era o que acabara por desprezar! Tinha feito muito mal! Que imbecil! Não era capaz de abandonar tudo aquilo, nem agora nem nunca. Mas ali, diante dele, encontravam-se quatro pés, calçando quatro botas e uma porta mesmo por trás deles.

– *Sôr* Jesus – disse em voz baixa. – *Tava aqui a pensá c'os meus botões e decidi que ãã quer' ir co' vocês.*

Os dois homens trocaram olhares espantados e o Louro, levantando-se da cama, debruçou-se sobre Preacher e disse:

– Que se passa, velhote? Tens febre?

Envergonhado até à raiz dos cabelos, Preacher respondeu:

– Por *favô*, *Sôr*, perdão... *Ñã quer' ir a lade* nenhum.

– Oh, velhote, explica-te lá – disse educadamente o Caracóis. – Se estás doente nós vamos ali à vila buscar um médico.

– Não vale a pena – respondeu Preacher. – *Quande é hora, é hora...* Mas *'grdecia* que me deixassem em paz.

– Só queremos ajudar – retorquiu o Louro.

– Isso mesmo – acrescentou o Caracóis, cuspiendo para a lareira. – Eu cá acho que estás a ser mal-educado. Não é todos os dias que nos damos a um incómodo destes para fazer um favor a alguém, nem pensar nisso.

– *'Brigade na mêma, Sôr Jesus. Ê sê* que vos *'tou* a dar uma grande *trabalhêra*.

– Então, velhote? – perguntou o Louro em voz mais baixa. – Que se passa? Problemas com mulheres?

– Não brinques com o velhote. Deve ter estado ao sol demasiado tempo, só isso. Nunca tal vi – disse o Caracóis.

– Nem eu – respondeu o Louro. – Mas vá-se lá entender estes pretos velhos. São capazes de fazer alguma loucura antes de teres sequer tempo para pestanejar.

Preacher encolheu-se cada vez mais até ficar quase curvado ao meio e o queixo ter começado a tremer.

– Primeiro põe-se a correr como se tivesse visto o Diabo – disse o Louro. – E agora porta-se de uma maneira que ninguém percebe.

– *N'ê* verdade – gritou Preacher, de olhos assustadoramente abertos. – *Reconheço-ves* aos dois da Bíblia. *Sô* um *hóme* bom. *Sô* dos *hómes más* bons que já viveram. Nunca fiz mal a ninguém...

– Ahhh – murmurou o Louro. – Desisto. Não vales mesmo a pena, velhote.

– É verdade – corroborou o Caracóis.

Preacher inclinou a cabeça e afastou da cara a cauda do esquilo, cosida ao chapéu.

– *Ê sê* – disse. – *Sê*, sim *sôr*. *Tenh'* sido um *gand'* imbecil e isso é o Evangelho. Mas se me *dêxarem* em paz, *arranque* todas as ervas daninhas do quintal e do *campe* e *volte* a *cultivá* e dou uns açoitos àquela Anna-Jo *'té* ela *voltá pr'a* casa *tomá* conta *'quí* do paizinho dela *come* devia.

O Caracóis cofiou a barba e fez um estalido com os suspensórios. Os seus olhos muito azuis e inexpressivos perscrutaram o rosto de Preacher. À distância, disse:

– Não percebo nada disto.

– É muito fácil – disse o Louro. – Tem o Diabo no corpo.

– *Só um Baptista devote* – lembrou Preacher. – *Membre da Igreja Estrela da Manhã de Cypress City. E só tenbe 70 anes.*

– Oh, velhote – disse o Louro. – Deves ter uns bons cem anos. Não devias dizer mentiras descaradas dessas. Lembra-te que isso vai tudo para aquele grande livro negro lá em cima.

– Pecador miserável – disse Preacher. – *Sô ou ã sô o pecador más miserável à face da terra?*

– Bom, não sei – disse o Caracóis. – Em seguida sorriu, levantou-se e bocejou. – Sabes que mais? – disse. – Estou com uma fome que até cogumelos venenosos comia. Vamos embora, Jesse. Vamos mas é para casa antes que as nossas mulheres dêem o nosso jantar aos porcos.

– Valha-me Deus, nem sei se consigo andar: a bolha está a doer-me mais do que nunca. Parece que vamos ter de te deixar entregue à tua sorte, velhote – disse o Louro.

Preacher sorriu mostrando os quatro dentes de cima e os três de baixo (incluindo o dente de ouro oferecido por Evelina no Natal de 1922). Os seus olhos piscavam intensamente. Como uma criança encarquilhada e algo estranha, quase dançou até à porta, e insistiu em beijar as mãos dos homens enquanto eles passavam.

O Caracóis desceu as escadas e voltou a subi-las para devolver a Bíblia e a bengala a Preacher, enquanto o Louro esperava no quintal, onde a escuridão parecia ter corrido umas cortinas pálidas.

– Guarda-os bem, velhote – disse o Caracóis. – E não voltes a aparecer-nos à frente nos bosques dos pinheiros. Um velhote como tu pode meter-se em sarilhos. Porta-te bem.

– Hi, hi, hi – riu-se Preacher. – *Gradecide, Sôr Jesus e a si também, Sôr Santo... Brigade. Même se ninguém acreditar em mim.*

Os homens puseram as espingardas ao ombro e pegaram no gato-montês.

– Boa sorte – disse o Caracóis. – Havemos de voltar um dia talvez para beber um copo de água.

– Tem uma vida longa e feliz, velhadas – acrescentou o Louro, enquanto atravessavam o quintal em direcção à estrada.

Preacher, observando-os do alpendre, lembrou-se de repente e chamou:

– *Sôr Jesus! Sôr Jesus!* Faça-me *más* um favor, se *pudé*: se *tivé* tempo, um dia destes, procure a *'nha* patroa... chama-se Evelina... dê-lhe um beijo aqui do Preacher e diga-lhe que *só* um *home* bom e feliz.

– É a primeira coisa que vou fazer amanhã, velhote... – respondeu o Caracóis e o Louro desatou a rir.

As sombras dos homens afastaram-se estrada fora e o perdigueiro, saindo de um buraco, seguiu no seu encalço. Preacher gritou e acenou, mas ambos riam agora à gargalhada e não o ouviram. O vento espalhou as gargalhadas dos homens já bem depois de estes terem passado além da montanha, onde os pirilampos bordavam pequenas luas na atmosfera azulada.

CAPÍTULO II. TRADUÇÃO DO CONTO “MASTER MISERY” (“MESTRE MISÉRIA”)

Neste capítulo, apresenta-se a tradução integral de “Master Misery”. Neste conto, Truman Capote trata uma das suas temáticas preferenciais – a de uma personagem, Sylvia, uma mulher que se perde na procura de algo que a transcende. A amizade, a busca do sonho, a independência feminina, a pressão sofrida pelas mulheres para casar e a sua dependência económica face aos homens são alguns dos temas abordados no conto, que se desenrola no anonimato da cidade de Nova Iorque. Embora não contenha qualquer registo dialectal, não deixou de apresentar dificuldades de tradução, as quais já abordámos de forma breve anteriormente e que serão desenvolvidas no capítulo III.

“Mestre Miséria”

(1949)

O barulho dos seus saltos altos, batendo no chão de mármore da entrada, fizeram-na pensar em cubos de gelo a bater num copo. Sylvia pensou que as flores, os crisântemos de Outono que estavam numa jarra à entrada, se fossem tocadas por alguém, se iam despedaçar ou desfazer em pó gélido; no entanto, a casa estava aquecida, talvez até demais, mas também estava frio e Sylvia tremeu. Tinha frio, como frias eram as pregas salientes e esbranquiçadas do rosto da secretária: Miss Mozart, toda vestida de branco, como uma enfermeira. Talvez o fosse de facto. Isso explicaria tudo. «Mr. Revercomb não está bom da cabeça e esta é a sua enfermeira.» Pensou nisso por um momento. Bem, não. O mordomo trouxe-lhe o cachecol. A beleza dele emocionou-a: esguio, muito educado, um negro de pele sardenta e olhos avermelhados e absortos. Enquanto lhe abria a porta, surgiu Miss Mozart, cujo uniforme engomado fazia um barulho seco no corredor.

– Esperamos que volte – disse, entregando um envelope fechado a Sylvia. – Mr. Revercomb ficou muito satisfeito.

Lá fora, o pôr-do-sol caía como flocos azuis, e Sylvia atravessou a cidade pelas ruas de Novembro, até chegar ao fundo da solitária 5.^a Avenida. Na altura pensou em ir para casa pelo parque, num acto quase provocatório, pois Henry e Estelle, insistindo sempre em como conheciam bem a cidade, repetiam-lhe a toda a hora. «Sylvia, nem imaginas como é perigoso andar pelo parque à noite. Vê só o que aconteceu à Myrtle Calisher. Não estás em Easton, querida.» Essa era outra frase que repetiam e tornavam a repetir. Estava tão farta daquilo! Mas tirando uma ou outra dactilógrafa, suas colegas na SnugFare, uma empresa de roupa interior para a qual trabalhava, quem é que conhecia mais em Nova Iorque? Tudo seria melhor se não tivesse de viver com eles, se pudesse pagar um quatinho, só para ela, algures, mas ali, naquele apartamento atafalhado de chita, às vezes sentia vontade de os asfixiar. Mas porque é que tinha vindo para Nova Iorque? Por um motivo qualquer, já quase esquecido. O motivo principal para ter abandonado Easton tinha sido livrar-se de Henry e Estelle, ou melhor, de pessoas como eles, embora Estelle fosse, de facto, de Easton, uma vila a norte de Cincinatti. Ela e Sylvia tinham crescido juntas. O verdadeiro problema de Henry e Estelle era serem tão horivelmente casados. Falavam como se fossem criancinhas (ela tratava-o por “Bootsytotsy”) e davam nomes a tudo: o telefone era

o Campainhas, o sofá a Nossa Fofura, a cama, o Grande Urso. Sim, e que dizer daquelas toalhas e almofadas para “Ele” e para “Ela”? Davam com qualquer pessoa em maluca. «Maluca!», exclamou em voz alta, embora o parque em silêncio lhe abafasse a voz. Estava muito agradável àquela hora e achou que tinha feito bem em vir por ali, com o vento a espalhar as folhas e os candeeiros em forma de globo a acenderem-se, iluminando os desenhos a giz feitos por crianças: pássaros cor-de-rosa, setas azuis, corações verdes. De repente, como um par de palavras obscenas, surgiram no seu caminho dois rapazes: tinham os rostos cobertos de bexigas, sorriam e assomavam no escuro como chamas ameaçadoras, e Sylvia, ao passar por eles, sentiu-se em brasa, como se tivesse roçado uma fogueira. Voltaram-se e seguiram-na através de um recreio deserto. Um deles arrastava um pau por uma vedação de ferro, enquanto o outro assobiava. Estes dois sons envolveram-na como o rugido de um motor e quando um dos rapazes lhe disse em voz alta, rindo, «Ei, qual é a pressa?», quase lhe faltou o ar. «Não», pensou, quando lhe ocorreu a ideia de atirar a mala para o chão e desatar a correr. Nesse mesmo momento, apareceu ao seu lado um homem a passear o cão e Sylvia seguiu-o até à saída. Se ela lhes contasse o que se tinha passado, apostava que Henry e Estelle iriam regozijar-se, dizer-lhe «nós bem que te avisámos» e, pior ainda, Estelle escreveria uma carta para casa a contar o sucedido e, não tardaria muito para que toda a gente em Easton achasse que ela tinha sido violada no Central Park. Durante o resto do caminho até casa começou a dizer mal de Nova Iorque: o anonimato, o medo virtuoso, as canalizações barulhentas, as luzes acesas toda a noite, o futebol a toda a hora, os corredores do metropolitano, a porta numerada (3C).

– Shiu, querida – disse Estelle, saindo da cozinha. – O Bootsy está a fazer os trabalhos de casa. Henry, estudante de Direito na Universidade de Columbia, estava a estudar na sala, e Sylvia, a pedido de Estelle, tirou os sapatos antes de continuar pela casa. Quando chegou ao quarto atirou-se para cima da cama e cobriu os olhos com as mãos. Aquele dia tinha realmente existido? Miss Mozart e Mr. Revercomb estavam mesmo naquela casa grandiosa na Rua 78?

– Então, que tal foi o teu dia, querida? – Estelle tinha entrado sem bater à porta.

Sylvia sentou-se, apoiada no cotovelo.

– Nada de especial, excepto o facto de ter dactilografado noventa e sete cartas.

– Sobre o quê, querida? – perguntou Estelle, penteando-se com a escova de Sylvia.

– Oh, o que é que achas? SnugFare, as cuecas que protegem com segurança os nossos líderes da Ciência e da Indústria.

– Bolas, querida, não fiques tão irritada. Às vezes não sei o que é que te dá. Ficas tão zangada. Ai! Tens de comprar uma escova nova! Esta está cheia de cabelos...

– Quase todos teus.

– Que disseste?

– Esquece.

– Ah, pareceu-me ouvir-te dizer qualquer coisa. Bom, mas como eu estava a dizer, gostava que não tivesses de ir para aquele escritório e voltar para casa todos os dias chateada e infeliz. Eu acho, e ainda ontem à noite estava a dizer isto ao Bootsy e ele concordou a cem por cento comigo, que devias era casar-te. Uma rapariga tão nervosa como tu precisa de libertar essa tensão toda. Não vejo porque não. Podes não ser nenhuma beleza, mas tens uns olhos bonitos e um olhar inteligente e honesto. És o tipo de mulher que qualquer homem trabalhador gostaria de ter. E acho que devias fazer por isso... Vê só como estou diferente desde que casei com o Henry. Não te sentes solitária ao ver como somos felizes? Digo-te, querida, não há nada melhor do que estar na cama à noite com os braços do nosso homem à nossa volta e...

– Estelle! Por amor de Deus! – Sylvia sentou-se na cama com um salto, corada de raiva. Passados uns segundos mordeu o lábio e baixou os olhos.

– Desculpa – disse. – Não queria gritar. Mas preferia que não me dissesses essas coisas.

– Não faz mal – respondeu Estelle, sorrindo de modo algo perplexo e imbecil, dando em seguida um beijo na face de Sylvia. – Eu entendo, querida. Estás muito cansada. E aposto que também não comeste nada. Vamos para a cozinha que eu faço-te uns ovos mexidos.

Quando Estelle lhe serviu os ovos, Sylvia sentiu-se de súbito muito envergonhada. Afinal Estelle estava a tentar ser simpática e, por isso, em jeito de desculpa, disse-lhe:

– Aconteceu uma coisa hoje.

Estelle sentou-se à sua frente com uma chávena de café e Sylvia continuou:

– Nem sei como começar. É tão estranho. Mas, bom, almocei num dos restaurantes Automat e tive de partilhar mesa com três homens. Senti-me invisível, porque eles puseram-se a falar de coisas íntimas. Um dos homens disse que a namorada estava grávida e não sabia onde iria arranjar dinheiro para lhe pagar um aborto, por isso um dos outros sugeriu-lhe que vendesse qualquer coisa. O outro disse que não tinha nada para vender. Foi nessa altura que o terceiro homem (tinha um tipo mais fino e nem parecia pertencer ao mesmo grupo) disse que sim, que havia uma coisa que ele podia vender: *sonhos*. Até eu me ri, mas o homem abanou a cabeça e disse com um ar muito sério que não, que era a mais pura das verdades, que a tia da mulher dele, uma tal de Miss Mozart, trabalhava para um homem rico que comprava sonhos, daqueles que todos temos à noite, a qualquer pessoa. Escreveu o nome do homem e a morada num pedaço de papel e deu-o ao amigo, mas este deixou-o em cima da mesa. Disse que era maluquice a mais para ele.

– Para mim também – adiantou Estelle, armada em certinha.

– Não sei – disse Sylvia, acendendo um cigarro. – Mas não consegui esquecer aquilo. O nome escrito no papel era A.F. Revercomb e a morada era na Rua 78, na zona Este. Só olhei para ele durante uns segundos mas... não sei, não conseguia esquecer aquilo. Já estava a ficar com dores de cabeça, por isso saí mais cedo do trabalho...

Estelle pousou a chávena de café devagar e com ênfase.

– Querida, não me vais dizer que foste a esse sítio, ter com esse maluco, esse tal de Revercomb?

– Eu não queria ir – respondeu, envergonhada. Apercebeu-se da asneira que tinha sido tentar contar o que se tinha passado. Estelle não tinha imaginação nenhuma e nunca iria entender. Os seus olhos estreitaram-se, como sempre acontecia quando contava uma mentira. – E acabei por não ir – acrescentou peremptoriamente. – Pus-me a caminho, mas depois apercebi-me de como tudo aquilo era ridículo e, em vez disso, fui dar uma volta.

– Ainda bem que tiveste juízo – disse Estelle, enquanto punha os pratos no lava-louça. – Imagina só o que podia ter acontecido! Comprar sonhos! Se alguma vez se ouviu tal coisa? Não, não, querida, não estamos mesmo em Easton.

Antes de ir para o quarto, Sylvia tomou um comprimido para dormir, coisa que raramente fazia. Sabia que não seria capaz de dormir, porque tinha a cabeça a mil, mas também sentia uma espécie de tristeza, um sentimento de perda, como se tivesse sido

vítima de um roubo a sério ou moral, como se, de facto, aqueles rapazes do parque lhe tivessem roubado a mala (acendeu a luz de repente). O envelope que Miss Mozart lhe tinha entregado estava dentro da mala e tinha-se esquecido completamente dele. Abriu-o. Lá dentro estava um papel azul embrulhado em volta de uma nota. No papel podia ler-se: *Como pagamento de um sonho, 5 dólares*. Agora sim, acreditava. Era verdade que tinha vendido um sonho a Mr. Revercomb. Como era possível que fosse assim tão simples? Deu uma risadinha e apagou de novo a luz. Se vendesse dois sonhos por semana, imagine-se o que poderia fazer com esse dinheiro: uma casa só para ela, pensou, enquanto adormecia. Uma sensação de conforto apoderava-se dela e os sonhos começavam a invadi-la.

Os lábios e os braços dele deslizavam, desciam, e Sylvia, desagradada com aquela imagem, empurrou o cobertor para trás. Seriam estes os braços de que Estelle falava? Os lábios de Mr. Revercomb roçavam-lhe a orelha à medida que ela ia adormecendo. «Contas-me?» – sussurrava ele.

Só voltou a vê-lo uma semana depois, num domingo à tarde, no princípio de Dezembro. Tinha saído de casa para ir ao cinema, mas, sem que se apercebesse como, deu por si na Avenida Madison, a dois quarteirões da casa de Mr. Revercomb. Estava um dia frio e cinzento, e o vento, forte e contagiante, assemelhava-se a uma alteia. As montras das lojas já exibiam decorações natalícias, para desgosto de Sylvia, que odiava as épocas festivas, precisamente a altura em que as pessoas se sentem mais sós. Numa das montras viu algo que a deixou perplexa: um Pai Natal mecânico, em tamanho real, que dava palmadinhas na barriga e dançava alegremente para trás e para a frente. Apesar de o vidro da montra ser bastante grosso, conseguia ouvir-se o seu riso irritante e ruidoso. Quanto mais o observava, mais diabólico lhe parecia, até que, sentindo um arrepio na espinha, virou costas e dirigiu-se para a casa de Mr. Revercomb. Vista de fora, parecia uma casa da cidade como qualquer outra, talvez um pouco menos elegante, menos magnificente, mas, ainda assim, relativamente imponente.

Heras murchas devido ao tempo invernoso, contorciam-se nas vidraças de alumínio e caíam como tentáculos de polvo sobre a porta, ladeada por dois pequenos leões de pedra, de olhos lascados e cegos. Sylvia respirou fundo e tocou à campainha. O pálido e encantador empregado negro de Mr. Revercomb reconheceu-a com um sorriso amável.

Na visita anterior, a sala de espera em que aguardara a audiência com Mr. Revercomb estava vazia. Desta vez havia mais pessoas, mulheres de aspecto diferente e um

rapaz extremamente nervoso, com olhos de mosquito. Se este grupo fosse o que parecia - um grupo de pacientes na sala de espera de um médico - então o jovem passaria por um futuro pai ou um doente epiléptico. Sylvia ficou sentada ao seu lado e o olhar inquieto do jovem avaliou-a rapidamente: o que quer que tenha visto pouco o interessou e Sylvia sentiu-se grata quando ele voltou às suas preocupações nervosas. No entanto, a pouco e pouco, apercebeu-se do interesse que as outras pessoas que ali estavam pareciam nutrir por ela: na sala obscura e cheia de plantas os seus olhares eram mais rígidos que as cadeiras em que estavam sentadas. Uma das mulheres tinha um ar particularmente severo. Numa situação normal, o seu rosto exibiria o habitual ar afável, mas, naquele momento, ao observar Sylvia, parecia feio de desconfiança e inveja. Afagava uma gola em pele, roída pelas traças, como se estivesse a tentar domar um animal prestes a exhibir as presas. O olhar dela continuou a fuzilar Sylvia, até que a passada ruidosa de Miss Mozart se ouviu no corredor. De imediato, como estudantes assustados, o grupo, separando-se e voltando às suas identidades individuais, tomou consciência de onde estava.

– É a sua vez, Mr. Pocker – vociferou Miss Mozart.

Mr. Pocker seguiu-a, retorcendo as mãos e piscando nervosamente os olhos. Na sala obscura, o grupo voltou ordeiramente às anteriores posições, como pequenas partículas de pó iluminadas pelo sol.

Começou a chover. Os reflexos distorcidos vindos da janela tremiam nas paredes e o jovem mordomo de Mr. Revercomb, entrando na sala, avivou o fogo da lareira e pôs a mesa para o chá. Sylvia, que estava mais próxima da lareira, começou a ficar sonolenta com o calor e o barulho da chuva, inclinou a cabeça para o lado e fechou os olhos, nem a dormir nem completamente acordada.

Durante um bom bocado, apenas os pêndulos em cristal de um relógio quebravam o silêncio polido da casa de Mr. Revercomb. Até que, de súbito, começou a ouvir-se uma enorme agitação no corredor e toda a sala de espera foi invadida por um barulho ensurdecedor: uma voz muito grossa e mal-educada, rugiu:

– Oreilly não pode entrar? Quem me impede? O mordomo bailarino e mais quantos?

O dono da voz, um homem baixinho, gordo e de feições coradas forçou a entrada na sala, onde se deteve balançando-se ebriamente de um pé para outro.

– Pois muito bem – disse, com voz de bagaço. – Todas estas senhoras estão antes de mim? Mas Oreilly é um cavalheiro. Oreilly espera pela sua vez.

– Aqui não espera, não senhor! – disse Miss Mozart, aparecendo por trás dele e agarrando-o firmemente pelo colarinho.

O rosto do homem ficou ainda mais corado e os seus olhos esbugalharam-se-lhe.

– Está a sufocar-me – arquejou. Mas Miss Mozart, cujas mãos em tom verde pálido eram fortes como raízes de carvalho, puxou-lhe ainda mais a gravata e empurrou-o na direcção da porta, que se fechou com um efeito devastador: uma chávena de chá tiniu e folhas secas de dália caíram dos vasos. A senhora da gola em pele engoliu uma aspirina. «Que *horror*» – disse, e todos, excepto Sylvia, riram educada e respeitosamente, quando Miss Mozart passou por eles, sacudindo as mãos.

A chuva caía em bátegas grossas e escuras quando Sylvia saiu da casa de Mr. Revercomb. Procurou um táxi pela rua vazia mas não encontrou nada nem ninguém, excepto o bêbedo que provocara os distúrbios. Como se de um miúdo solitário de cidade se tratasse, estava encostado a um carro estacionado a atirar uma bola de borracha ao ar.

– Olha só, miúda – disse para Sylvia. – Acabei de encontrar esta bola. Achas que me vai dar sorte?

Sylvia sorriu-lhe. Com toda aquela fanfarronice pareceu-lhe inofensivo e algo no seu rosto, um esgar triste, lembrou-lhe o de um palhaço sem maquilhagem. Fazendo malabarismos com a bola, foi atrás dela aos pulos, enquanto ela se dirigia para a Avenida Madison.

– Aposto que fiz figura de imbecil ali dentro – disse. – Quando faço estas coisas, só me apetece sentar e chorar.

Aquele tempo todo à chuva parecia ter-lhe curado a bebedeira.

– Mas ela não devia ter-me sufocado daquela maneira. Raios, é demasiado bruta! Já conheci muitas mulheres brutas: a minha irmã Berenice era capaz de ferrar uma estocada no touro mais selvagem, mas aquela é a mais dura que já vi. Escreve o que aqui o Oreilly te diz, ainda há-de acabar na cadeira eléctrica – acrescentou, dando um estalido com os lábios. – Não deviam tratar-me assim. Afinal, é tudo culpa dele. Eu não tinha grande coisa, mas ele levou-me tudo e agora tenho nicles, miúda, nicles!

– Que pena – afirmou Sylvia, embora não soubesse muito bem o que lamentar. – O senhor é palhaço, Mr. Oreilly?

– Fui – respondeu.

Entretanto já tinham chegado à avenida, mas Sylvia nem sequer procurou um táxi: queria caminhar à chuva com o homem que tinha sido palhaço.

– Quando era pequenina só gostava de bonecos palhaços – disse-lhe. – O meu quarto lá em casa parecia um circo.

– Já fiz outras coisas para além de ser palhaço. Também já fui vendedor de seguros.

– Ah sim? – disse Sylvia, desiludida. – E o que faz agora?

Oreilly soltou uma risada e atirou a bola muito alto. Após tê-la apanhado, manteve a cabeça virada para cima.

– Observo o céu – respondeu. – Ali estou eu, com a minha mala a viajar nas nuvens. É para onde se viaja quando não se tem para onde ir. Mas que faço eu neste planeta? Já roubei, já pedi e já vendi os meus sonhos: tudo para comprar uísque. Não se pode andar nas nuvens sem uma garrafa, por isso, já agora: importavas-te que te pedisse um dólar emprestado, querida?

– Não, não me importava – respondeu Sylvia e calou-se, sem saber o que dizer em seguida.

Andaram muito devagar, enquanto a chuva forte os aproximava cada vez mais: era como se ela caminhasse com uma boneca de infância, que milagrosamente ficara grande e humana. Sylvia pegou-lhe na mão, do querido palhaço que viajava nas nuvens:

– Mas não tenho um dólar. Só tenho setenta cêntimos.

– Não faz mal – disse Oreilly. – Mas a sério, ele agora só paga isso?

Sylvia sabia a quem ele se referia.

– Não, não, eu não lhe vendi nenhum sonho.

Não tentou sequer explicar, porque ela própria não o entendia. Quando confrontou a invisibilidade grisalha de Mr. Revercomb (irrepreensível, rigoroso como uma balança,

rodeado por um aroma de odores clínicos, olhos cinzentos e vazios, plantados como sementes numa cara semelhante a tantas outras, selados por óculos com lentes de aço opaco não conseguiu lembrar-se de nenhum sonho, por isso contou que tinha sido perseguida por dois ladrões no parque, pelo meio dos baloiços de um recreio.

– Disse-me para parar, porque há sonhos e sonhos, mas que aquele não era verdadeiro, que eu estava a inventar tudo. Como é que ele podia sabê-lo? Por isso contei-lhe outro sonho: era sobre ele, sobre como me tinha agarrado uma noite, com balões a subir e luas a cair por toda a parte. Disse-me que não estava interessado em sonhos sobre ele próprio. Mandou Miss Mozart, que transcrevia os sonhos, chamar a pessoa seguinte.

– Acho que nunca mais lá volto – acrescentou.

– Hás-de voltar – afiançou Oreilly. – Olha para mim, até eu volto e já há muito que ele não quer saber de mim, o Mestre Miséria.

– Mestre Miséria? Porque lhe chama isso?

Tinham chegado à esquina onde o Pai Natal alucinado gritava e dançava. O seu riso fazia eco na rua alagada pela chuva e uma sombra do boneco oscilava nas luzes coloridas do passeio. Oreilly, virando costas ao Pai Natal, sorriu e disse:

– Chamo-lhe Mestre Miséria porque é isso que ele é. Mestre Miséria. Talvez lhe chames outra coisa qualquer, mas é a mesma pessoa e deves tê-lo conhecido. Todas as mães falam dele aos seus filhos: vive em troncos de árvores, desce pelas chaminés à noite, esconde-se em cemitérios, e ouvem-se os seus passos no sótão. O sacana é um ladrão e uma ameaça: leva-te tudo o que tens e deixa-te sem nada, nem sequer um sonho. Buu! – gritou e riu mais alto que o Pai Natal. – Já sabes quem ele é?

Sylvia assentiu com a cabeça.

– Já sei quem é. A minha família chamava-lhe outra coisa qualquer, mas já não me lembro o quê. Foi há tanto tempo.

– Mas lembras-te dele?

– Sim, lembro-me.

– Então chama-lhe Mestre Miséria – disse e, atirando a bola ao chão, afastou-se. – Mestre Miséria. – A sua voz desvanecia-se. – Mes-tre Mi-sé-ri-a...

Era difícil olhar para Estelle, pois esta estava em frente a uma janela, com o sol e o vento por trás, o que fazia impressão aos olhos de Sylvia, e o vidro fazia um barulho que lhe causava uma dor na cabeça. Além disso, Estelle estava a dar-lhe um sermão. A sua voz nasalada soava como se a garganta dela fosse um depósito de lâminas ferrugentas.

– Gostava que olhasses bem para ti própria – dizia. Ou tê-lo-ia dito há um bocado? Não importa. – Não sei o que te aconteceu. Aposto que não chegas aos cinquenta quilos, consigo ver-te todos os ossos e veias. E o teu cabelo! Pareces um caniche!

Sylvia passou uma mão pela testa.

– Que horas são, Estelle?

– Quatro – disse, interrompendo-se o tempo suficiente para ver as horas. – Mas onde está o teu relógio?

– Vendi-o – respondeu Sylvia, demasiado cansada para mentir. Não tinha importância, já tinha vendido tanta coisa, até o casaco de pele de castor e a mala de noite em malha dourada.

Estelle abanou a cabeça.

– Desisto, querida, desisto mesmo. Esse foi o relógio que a tua mãe te ofereceu quando acabaste o curso. É uma pena – acrescentou, fazendo um ruído desaprovador típico de uma solteirona. – Uma pena. Nunca hei-de entender por que foste embora lá de casa, isso é lá contigo, mas como pudeste deixar-nos por esta... esta...?

– Espelunca? – completou Sylvia, escolhendo a palavra com cuidado. Era um quarto mobilado, algures numa das Avenidas 60, na zona Este, entre a 2.^a e a 3.^a Avenidas. Tinha espaço para um sofá-cama e uma velha cómoda lascada com um espelho que parecia um olho com cataratas. Tinha uma janela, com vista para um enorme lote vazio (à tarde, ouviam-se as vozes de rapazes que corriam que nem loucos) e, um pouco mais longe, a negra chaminé de uma fábrica, como um ponto de exclamação no horizonte. Sonhava frequentemente com esta chaminé, o que provocava sempre a mesma reacção em Miss Mozart: «Fálica, fálica», murmurava, olhando-a por cima do bloco onde escrevia. O chão do quarto parecia uma lixeira de livros começados, mas nunca acabados, jornais velhos, até cascas de laranja, caroços de fruta, roupa interior e uma caixa de pó-de-arroz entornada.

Estelle abriu caminho aos pontapés pelo meio de todo aquele lixo e sentou-se no sofá-cama.

– Querida, tenho andado louca de preocupação. Eu sei que sou orgulhosa e se não gostas de mim, tudo bem, mas não tens o direito de desaparecer assim e não me dizeres nada durante um mês! Por isso, hoje disse ao Bootsy: «Bootsy, tenho um pressentimento de que aconteceu qualquer coisa terrível à Sylvia.» Podes imaginar como me senti quando liguei para o teu escritório e me disseram que já não trabalhavas lá há um mês. Que aconteceu, foste despedida?

– Sim, fui despedida – Sylvia começou a levantar-se. – Estelle, por favor, tenho de me arranjar para um encontro.

– Fica quieta. Não vais a lado nenhum até me contares o que se passa. A tua senhoria contou-me que te encontraram, sonâmbula...

– Estiveste a falar com ela? Andas a espiar-me porquê?

Estelle franziu os olhos como se fosse chorar. Agarrou na mão de Sylvia e afagou-a suavemente:

– Diz-me, querida, é por causa de um homem?

– Sim, é por causa de um homem – disse Sylvia, disfarçando o riso.

– Devias ter-me dito antes – suspirou Estelle. – Eu sei como são os homens. Não precisas de ter vergonha. Os homens têm a arte de fazer com que as mulheres se esqueçam de tudo o resto. Se o Henry não fosse o potencial brilhante advogado que é, amá-lo-ia na mesma e faria por ele coisas que, antes de saber o que era estar com um homem, pareceriam chocantes e terríveis. Mas querida, este tipo com quem andas está a aproveitar-se de ti.

– Não é esse tipo de relação – disse Sylvia, levantando-se e procurando um par de meias na confusão das gavetas da cómoda. – Não tem nada que ver com amor. Esquece. Aliás, vai para casa e esquece que eu existo.

Estelle olhou-a de alto a baixo.

– Estás a assustar-me, Sylvia, a sério que estás.

Sylvia riu-se e continuou a vestir-se.

– Lembras-te de te ter dito há uns tempos atrás que devias casar-te?

– Hum, hum. Mas agora ouve-me tu. – Sylvia virou-se, com uma fila de ganchos de cabelo entre os lábios. Foi tirando um a um à medida que falava. – Falas em casar como se isso fosse a resposta para tudo. Pois muito bem, concordo até certo ponto. É claro que quero ser amada, quem é que não quer? Mas mesmo que estivesse disposta a comprometer-me, onde está esse tal homem com quem irei casar? Deve ter caído por alguma sarjeta abaixo, só pode. Falo a sério quando digo que não há homens em Nova Iorque e, mesmo que os houvesse, onde é que eles andam? Todos os homens minimamente atraentes que conheci na cidade ou eram casados, ou demasiado pobres para casar ou eram maricas. Além disso, isto não é cidade para uma pessoa se apaixonar, mas sim o sítio para onde as pessoas deviam vir quando querem esquecer um amor. Sim, talvez pudesse casar com alguém, mas será que quero isso? Será?

Estelle encolheu os ombros:

– Então que queres tu?

– Mais do que isto – respondeu-lhe, enfiando o último gancho no cabelo e alisando as sobrancelhas ao espelho. – Tenho um encontro, Estelle, está na hora de ires.

– Não posso deixar-te neste estado – retorquiu Estelle, apontando para o quarto. – Eras minha amiga de infância, Sylvia.

– Precisamente: já não somos crianças. Eu pelo menos não sou. Não, o que eu quero é que vás para casa e que não voltes. Só quero que esqueças que eu existo.

Estelle agarrou num lenço a tremer e limpou os olhos. Quando chegou à porta chorava bem alto. Sylvia não podia permitir-se ter remorsos: tendo sido má até então só podia sê-lo ainda mais.

– Anda lá – disse, seguindo Estelle até ao corredor. – E escreve todos os disparates que quiseses sobre mim para as pessoas lá da terra saberem – gritou, fazendo com que outros inquilinos viessem à porta ver o que se passava, enquanto Estelle fugia pelas escadas.

Em seguida, Sylvia voltou para o quarto e pôs um pouco de açúcar na boca para tirar o gosto a azedo da boca: era o remédio da sua avó para as crises de mau gênio. Ajoelhou-se e tirou uma caixa de charutos que costumava esconder debaixo da cama. Quando se abria a caixa, ouvia-se uma versão caseira e algo desordenada de “Oh, Como Odeio Acordar de Manhã”⁶. O irmão dela tinha feito aquela caixa de música e tinha-lha oferecido quando ela fez catorze anos. Lembrou-se da avó ao comer o açúcar e do irmão ao ouvir a música. As divisões da casa onde tinham morado giravam à volta dela, às escuras, e ela movia-se por entre elas como uma luz: a subir as escadas, a descê-las, dentro e fora de casa, sombras de lilases e o doce aroma primaveril no ar e o ranger de um baloiço de alpendre. Desapareceu tudo, pensou, chamando pelos seus nomes, e agora estou completamente só. A música parou, mas continuou a ouvi-la mentalmente. Consequia ouvi-la por cima dos gritos das crianças que brincavam no lote vazio e não conseguia concentrar-se a ler. Estava a ler um livrinho que era uma espécie de diário que guardava dentro da caixa. Neste livro anotava o essencial sobre os seus sonhos, eram muitos e já era difícil recordá-los todos. Hoje ia contar a Mr. Revercomb o das três crianças cegas. Ele iria gostar. Os valores pagos por ele variavam e ela tinha a certeza de que este era um sonho para dez dólares. A canção da caixa de charutos seguiu-a escada abaixo e pelas ruas e Sylvia ansiava que desaparecesse.

Na loja onde tinha estado o Pai Natal havia uma nova decoração, igualmente irritante. Mesmo quando estava atrasada para se encontrar com Mr. Revercomb, como agora, Sylvia não conseguia evitar ficar a olhar para a montra. Uma boneca de gesso com intensos olhos de vidro montava uma bicicleta e pedalava a um ritmo alucinante: embora os raios das rodas girassem hipnoticamente, a bicicleta nunca saía, obviamente, do sítio. Todo aquele esforço para a rapariga não ir a lado nenhum. Era uma situação dolorosamente humana, com a qual Sylvia se identificava inteiramente e, por isso, sentia sempre uma enorme angústia. A caixa de música rebobinou na sua cabeça: a melodia, o irmão dela, a casa, um baile de liceu, a casa, a melodia! Será que Mr. Revercomb não a ouvia? O seu olhar fixo e penetrante parecia indicar que suspeitava de alguma coisa, mas pareceu que tinha gostado do sonho dela e, quando Sylvia saiu, Miss Mozart entregou-lhe um envelope com dez dólares.

⁶ Tradução de “Oh How I Hate to Get Up in the Morning”. Este tema, da autoria de Irving Berlin, foi escrito em 1918, com a intenção de dar uma perspectiva irónica sobre a Primeira Guerra Mundial. Berlin pretendia que funcionasse como forma de protesto contra o quotidiano militar, após ter sido recrutado para o exército americano nesse mesmo ano.

– Tive um sonho de dez dólares – contou a O'Reilly e este, esfregando as mãos, disse:

– Ótimo, ótimo! Mas que sorte a minha, querida, devias ter chegado mais cedo porque acabei de fazer uma coisa terrível. Fui ali a uma loja de bebidas, agarrei numa garrafa e fugi.

Sylvia não acreditou até ele abrir o sobretudo remendado e exhibir uma garrafa de *bourbon*, já a meio.

– Um dia ainda arranjas sarilhos – disse-lhe. – E depois o que seria de mim? Não sei o que faria sem ti.

O'Reilly riu-se e despejou uma dose de uísque num copo de água. Estavam sentados numa cafetaria que estava aberta toda a noite, um enorme e espampanante depósito de comida, com espelhos azuis e murais rústicos. Embora, para Sylvia, fosse um sítio sórdido, encontravam-se ali várias vezes para jantar, mas mesmo que tivesse dinheiro para ir a outro sítio, não saberia aonde, porque formavam ambos um par estranho: uma jovem e um homem bêbedo e trémulo. Até ali, muitas vezes, olhavam para eles. Quando olhavam durante demasiado tempo, O'Reilly punha um ar de superioridade e dizia: «Olá, querida, lembro-me de ti. Ainda trabalhas na casa-de-banho dos homens?»

Mas normalmente não se metiam com eles e, por vezes, ficavam a conversar até às duas e três da manhã.

– Ainda bem que o resto da clientela do Mestre Miséria não sabe que ele te deu dez dólares. Algum deles ainda era capaz de te acusar de teres roubado o sonho. Já me aconteceu. Destruídos, todos eles, nunca vi tamanho bando de tubarões: são piores que actores ou palhaços ou homens de negócios. Uma loucura, se pensares bem no assunto: a preocupação se vamos ou não dormir, se temos algum sonho, se nos vamos lembrar dele. Sempre a mesma coisa. Recebes uns trocos, vais a correr para a loja de bebidas mais próxima ou para a máquina de comprimidos para dormir que fica mais perto. E, sem dares por isso, vais dar a um beco sem saída. Sabes como é, querida? É como a vida.

– Não, O'Reilly, não é nada. Não tem nada que ver com a vida, tem mais que ver com a morte. Sinto que me estão a tirar tudo, como se um ladrão me estivesse a arrancar tudo. O'Reilly, eu não tenho ambições e dantes tinha tantas. Não entendo o que se passa e não sei o que fazer.

Oreilly sorriu:

– E dizes que não é como a vida? Quem é que compreende a vida e quem é que sabe o que fazer?

– Deixa-te de disparates – pediu. – Deixa-te de disparates, guarda o uísque e come a sopa antes que fique gelada.

Acendeu um cigarro e o fumo, ao irritar-lhe os olhos, intensificou o sobrolho carregado.

– Se ao menos soubesse o que ele faz com aqueles sonhos, todos dactilografados e arquivados. Que fará com eles? Tens razão quando lhe chamas Mestre Miséria... É impossível que seja apenas um charlatão qualquer, não acredito que seja uma coisa assim tão sem importância. Mas para que é que quer sonhos? Ajuda-me, Oreilly, pensa, pensa: que significa isto?

Oreilly semicerrou um olho e preparou mais uma bebida; o esgar de palhaço transformou-se num ar douto e compenetrado.

– Essa é uma pergunta para valer um milhão de dólares, miúda. Porque é que não fazes uma pergunta mais fácil, do género, como é que se cura uma constipação? Sim, miúda, o que significa? Já pensei bastante nisso. Já pensei nisso enquanto fazia amor com uma mulher e no meio de um jogo de póquer. – Engoliu a bebida e encolheu os ombros. – Um som pode dar início a um sonho, o barulho de um carro à noite pode fazer com que cem pessoas a dormir atinjam o mais profundo estado de inconsciência. É engraçado pensar que um só carro, em grande velocidade, a andar por aí à noite, influencie tantos sonhos. O sexo, uma mudança repentina de luz, uma bebedeira, são, todos eles, pequenas chaves que dão também acesso ao nosso íntimo. Mas a maior parte dos sonhos começa porque existem fúrias dentro de nós que abrem todas as portas. Não acredito em Jesus Cristo, mas acredito na alma das pessoas e acho que as coisas funcionam da seguinte forma, querida: os sonhos são a mente da alma e a verdade secreta sobre nós. Quanto ao Mestre Miséria, talvez não tenha alma, por isso, pede emprestada a tua, pouco a pouco, rouba-a, como se roubasse as tuas bonecas ou uma asa de frango do teu prato. Já lhe passaram centenas de almas pelas mãos e agora estão arquivadas.

– Oreilly, fala a sério – disse, aborrecida, porque achava que ele estava de novo a gracejar. – Olha, a tua sopa está... – Calou-se de repente, alarmada com a estranha

expressão que Oreilly fazia. Oreilly estava a olhar para a porta. Aproximavam-se três homens, dois polícias e um civil. Este último trazia um casaco de empregado de loja e apontava agora para a mesa deles. Oreilly olhou desesperadamente em volta da sala, depois suspirou, recostou-se na cadeira e preparou ostensivamente outra bebida.

– Boa noite, meus senhores – cumprimentou, quando os polícias o confrontaram. – Juntam-se a nós para um copo?

– Não podem prendê-lo! – gritou Sylvia. – Não podem prender um palhaço! – Atirou-lhes a nota de dez dólares, mas os polícias não lhe deram a mínima importância e Sylvia começou a dar murros na mesa.

Todos os clientes começaram a olhar e o gerente veio a correr, torcendo as mãos. Os polícias mandaram Oreilly levantar-se.

– Com certeza – disse. – Embora ache escandaloso que se dêem ao incômodo de perder tempo com roubozitos como o meu, quando há ladrões a sério à solta por aí. Esta linda menina, por exemplo – pôs-se no meio dos agentes e apontou para Sylvia. – É uma vítima recente de um enorme roubo: roubaram-lhe a alma, coitadinha.

Nos dois dias que se seguiram à prisão de Oreilly, Sylvia não saiu do quarto: o sol a bater na janela e depois tudo escuro. Ao terceiro dia acabaram-se os cigarros, por isso lá se aventurou até à loja da esquina. Comprou uma embalagem de queques, uma lata de sardinhas, um jornal e cigarros. Não tinha comido nada durante todo aquele tempo e isso provocava-lhe uma sensação leve, deliciosa e acutilante. Mas subir de novo as escadas e o alívio de fechar a porta cansaram-na de tal forma que não conseguiu sequer fazer a cama. Escorregou para o chão e não voltou a mexer-se até ser dia. Pensou mais tarde que só ali tinha estado uns vinte minutos. Ligou o rádio no volume máximo, arrastou uma cadeira até à janela e abriu o jornal no colo: «*Lana nega, Rússia rejeita, Mineiros aceitam.*» Isto era o mais triste de tudo, que a vida continuasse: se alguém deixa a pessoa amada, a vida deveria parar para essa pessoa. E se alguém se vai deste mundo então o mundo também deveria parar, mas isso nunca acontecia. É esse o motivo pelo qual a maior parte das pessoas se levanta da cama: não pelo facto de que isso tenha alguma importância, mas porque não a tem. Mas se Mr. Revercomb conseguisse recolher todos os sonhos de todas as mentes, talvez... a ideia varreu-se-lhe, misturou-se com o rádio e o jornal. «*Temperaturas descem.*» Uma tempestade de neve vinda do Colorado, pelo Oeste, a cair em todas as cidadezinhas, amarelecendo todas as luzes, enchendo todos os campos de futebol, caindo aqui e agora:

quão rapidamente tinha chegado a tempestade de neve, aos telhados, ao lote vazio, a distância coberta de branco, cada vez mais profunda, como se de sono se tratasse. Olhou para o jornal e para a neve. Mas devia ter estado a nevar o dia inteiro, era impossível que só agora tivesse começado. Não se ouvia qualquer barulho do trânsito, no meio dos desperdícios, em torvelinho, do lote vazio, as crianças concentravam-se à volta de uma fogueira, um carro, enterrado na berma, fazia pisca: «Socorro, socorro!», pedia silencioso, como um coração em agonia. Esmigalhou um queque e espalhou as migalhas no parapeito da janela: os pássaros do Norte viriam fazer-lhe companhia. Deixou a janela aberta para eles, os flocos de neve espalhados pelo vento dissolviam-se no chão como jóias de brincar. «*E agora apresentamos A Vida Pode Ser Bela!*». «Baixe esse rádio!» A bruxa do bosque estava a bater-lhe à porta. Sim, Mrs. Halloran, respondeu, desligando o rádio. Tranquilo como a neve, silencioso como o sono, apenas se ouviam ao longe as cantorias divertidas das crianças à volta da fogueira e o quarto estava azul de tão frio, mais frio que o frio dos contos de fada: deito o meu coração no meio das flores de neve do iglu. Mr. Revercomb, que faz aí à porta? Ah, entre, por favor, está tanto frio aí fora.

Mas, no momento de acordar, tudo estava quente e acolhedor. A janela estava fechada e tinha os braços de um homem à sua volta. Ele cantava para ela, com uma voz suave mas alegre: «*Dorme, dorme, meu anjinho, meu raminho de jasmim...*»⁷

– Oreilly, és... és mesmo tu?

Ele abraçou-a com força.

– A bebé já acordou. E como se sente ela?

– Pensava que tinha morrido – respondeu, sentindo uma onda de felicidade em seu redor, como um pássaro magoado mas que ainda voa. Tentou abraçá-lo, mas estava demasiado fraca. – Gosto muito de ti, Oreilly, és o meu único amigo e estava tão assustada. Julguei que nunca mais te via. – Parou, lembrando-se do que acontecera. – Mas porque é que não estás preso?

Oreilly corou de satisfação.

⁷ Ver capítulo III, na ocorrência n.º 36 para uma reflexão crítica sobre a opção tradutodológica.

– Nunca estive preso – respondeu misteriosamente. – Mas primeiro vamos comer qualquer coisa. Trouxe umas compras da loja hoje de manhã.

Sylvia sentiu-se de súbito a flutuar.

– Há quanto tempo estás aqui?

– Desde ontem – respondeu, remexendo em pacotes e pratos de papel. – Foste tu quem me abriu a porta.

– Impossível. Não me lembro de nada.

– Eu sei – disse, encerrando o assunto. – Vá, bebe o leite como uma menina bonita e conto-te uma história bem interessante. Oh, é uma loucura de história... – prometeu ele, batendo alegremente nas ancas e parecendo, mais do que nunca, um palhaço.

– Bom, como dizia, nunca estive preso e tive essa sorte porque quando estava a ser arrastado pela rua por aqueles vagabundos, apareceu-me à frente a mulher-gorila: ela mesma, a Miss Mozart. «Olá, disse-lhe eu, vai ao barbeiro? Até que enfim o prendem, respondeu ela, sorrindo para um dos polícias. Cumpra o seu dever, senhor guarda. Oh, disse-lhe eu. Não estou a ser preso. Vou só ali à esquadra para lhes dar informações sobre si, sua comunista nojenta. Imagina a gritaria que ela fez ali. Agarrou-me pelos colarinhos e os polícias tiveram de a agarrar. Eu avisei-os: cuidado, rapazes, ela tem pêlo na venta. E, realmente, ela armou ali um pé-de-vento, por isso eu aproveitei e saí de fininho rua abaixo. Nunca gostei de ver lutas, como as pessoas costumam fazer por aqui.»

Oreilly ficou com ela no quarto todo o fim-de-semana. Era como se fosse a mais bela festa a que Sylvia alguma vez tinha ido, nunca na vida se tinha rido tanto e ninguém, muito menos da sua família, alguma vez a tinha feito sentir-se tão amada. Oreilly era um ótimo cozinheiro e fazia pratos deliciosos no pequeno fogão eléctrico. Uma vez tirou neve do parapeito e fez sorvete com xarope de morango. No domingo já estava suficientemente forte para dançar. Ligaram o rádio e Sylvia dançou até cair de joelhos, ofegante e a rir.

– Nunca mais vou ter medo – disse. – Já nem sei bem do que tinha medo.

– Das mesmas coisas que vais ter na próxima vez – respondeu-lhe Oreilly calmamente. – Essa é uma das qualidades do Mestre Miséria: nunca ninguém sabe o que ele é, nem mesmo as crianças e elas sabem quase tudo.

Sylvia pôs-se à janela. Um manto branco ártico cobria a cidade, mas a neve já tinha parado e o céu nocturno estava límpido como gelo: ali, a passar por cima do rio, viu a primeira estrela da noite.

– Estou a ver a primeira estrela – disse ela, cruzando os dedos.

– E que desejo pedes quando vês a primeira estrela?

– Peço para ver outra estrela – respondeu. – Pelo menos é isso que costumo pedir.

– E hoje?

Sylvia sentou-se no chão e encostou a cabeça ao joelho dele.

– Hoje desejei ter os meus sonhos de volta.

– Não é isso que todos queremos? – perguntou O'Reilly, afagando-lhe o cabelo. – Mas e depois, fazias o quê? Que farias se os pudesses ter de volta?

Sylvia ficou em silêncio por uns segundos. Quando falou, o seu olhar estava sombriamente distante.

– Ia para casa – respondeu lentamente. – E essa é uma decisão terrível, porque significaria desistir da maior parte dos meus outros sonhos, mas se Mr. Revercomb mos devolvesse, regressaria a casa já amanhã.

Sem nada dizer, O'Reilly foi ao roupeiro e trouxe-lhe o casaco.

– Mas para quê? – perguntou Sylvia, enquanto ele a ajudava a vesti-lo.

– Não importa – respondeu. – Faz o que te digo. Vamos fazer uma visitinha a Mr. Revercomb e vais pedir-lhe para te devolver os sonhos. Nunca se sabe.

Sylvia parou à porta.

– Por favor, O'Reilly, não me obrigues a ir. Não posso, vá lá, tenho medo.

– Tinhas dito que nunca mais ias ter medo.

Mas, quando iam na rua, ele obrigou-a a andar tão depressa contra o vento que Sylvia nem teve tempo de sentir medo. Era domingo, as lojas estavam fechadas e os semáforos pareciam funcionar só para eles, pois não havia carros a passar na rua coberta de

neve. Sylvia até se esqueceu para onde iam e conversou sobre assuntos triviais: nesta esquina tinha visto a Garbo e mais adiante era onde uma velhota tinha sido atropelada.

Agora, no entanto, parara, sem fôlego e com a súbita consciência do que ia fazer.

– Não consigo, Oreilly – disse, recuando. – Que lhe hei-de dizer?

– Trata disto como se fosse um negócio – respondeu Oreilly. – Diz-lhe directamente que queres os teus sonhos e se ele os devolver, tu devolves-lhe todo o dinheiro, em prestações, claro. É tão simples quanto isto, miúda. Porque raio não poderia ele devolver-tos? Estão ali guardados num arquivo.

O discurso pareceu-lhe convincente e, batendo com os pés gelados no chão, Sylvia continuou o seu caminho com alguma coragem.

– Assim é que é – disse Oreilly.

Separaram-se na 3.^a Avenida, pois Oreilly achava que aproximar-se da casa de Mr. Revercomb não era propriamente muito seguro naquele momento. Escondeu-se na soleira de uma porta e ia acendendo um fósforo de vez em quando e cantando em voz alta: «*men copinho de jasmim*».⁸

Como um lobo, um cão grande e magro aproximou-se silenciosamente sobre os raios de luar reflectidos no passeio e, do outro lado da rua, viam-se formas indistintas de homens reunidos em grupo à porta de um bar: a ideia de lá ir pedir uma bebida fazia-o cambalear.

No preciso momento em que decidira tentar esse esquema, apareceu Sylvia. Atirou-se para os braços dele antes que tivesse tempo de perceber que era mesmo ela.

– Não pode ter sido assim tão mau, querida – disse-lhe baixinho, abraçando-a o melhor que podia. – Não chores, miúda, está demasiado frio para isso. Ainda fazes alguma ferida na cara.

Enquanto lutava para conseguir falar, o seu choro transformou-se num riso trémulo, pouco natural. O ar encheu-se com o fumo do seu riso.

⁸ No texto de partida: “*but the best old pie is a whiskeyberry pie!*”

– Queres saber o que ele disse? – perguntou, arquejando. Sabes o que respondeu quando lhe pedi os meus sonhos de volta? – Deixou cair a cabeça, riu mais alto e o seu riso inundou a rua, como um papagaio colorido e abandonado.

Oreilly teve de abaná-la pelos ombros.

– Disse que não podia devolvê-los porque já os tinha gasto todos.

Calou-se, o seu rosto suavizou-se e adoptou uma expressão calma. Deu o braço a Oreilly e, juntos, desceram a rua, mas era como se fossem amigos, a andar numa plataforma, à espera do comboio do outro e, quando chegaram à esquina, ele aclarou a garganta e disse:

– É melhor separarmo-nos aqui. É um sítio tão bom como outro qualquer.

Sylvia agarrou-lhe o braço:

– Mas para onde vais, Oreilly?

– Vou passear nas nuvens – respondeu, tentando sorrir de uma forma que não resultou muito bem.

Sylvia abriu a mala.

– Não se pode passear nas nuvens sem uma garrafa – disse, dando-lhe um beijo na face e pondo-lhe uma nota de cinco dólares no bolso.

– Deus te abençoe, querida.

Não tinha importância que fosse todo o dinheiro que tinha, que agora tivesse de ir a pé para casa e sozinha. Os montes de neve eram como ondas brancas de um mar branco e ela andava nelas, levada por ventos e marés da lua. Não sei o que quero e talvez nunca o saiba, mas o meu único desejo quando vejo uma estrela será sempre que apareça outra estrela e não tenho medo nenhum, pensou. Dois rapazes saíram de um bar e fixaram o olhar nela. Algum tempo atrás, tinha visto dois rapazes num parque e talvez fossem os mesmos. Não tenho mesmo medo nenhum, pensou, ouvindo os passos dos rapazes na neve, seguindo-a. Afinal, já nada havia para roubar.

Capítulo III: Reflexão tradutológica

The term “free translation” smacks of knavery and tyranny. It is when the translator sets out to render the “spirit” – not the textual sense – that he begins to traduce his author. The clumsiest literal translation is a thousand times more useful than the prettiest paraphrase.

Vladimir Nabokov, “Problems of Translation: *Onegin* in English”
(*apud* Venuti 2000: 71)

No início da análise crítica das propostas de tradução elaboradas, em comparação com a tradução já publicada, sentiu-se a necessidade e a utilidade de se proceder a um registo comparativo de ocorrências em relação a ambos os contos, indicando o texto de partida, a tradução proposta e a tradução publicada⁹. Torna-se assim possível listar as opções tradutológicas de maior relevo, de forma a sistematizar as linhas de análise crítica, acompanhadas de breves reflexões teóricas.

Como referido anteriormente, os contos de Truman Capote sobre os quais versa a presente dissertação foram escritos no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, época que assinala igualmente o ponto de viragem nos Estudos de Tradução. Estudiosos de variadas áreas, antes não ligadas à tradução, foram chamados a participar nesta nova disciplina, os Estudos de Tradução (“Translation Studies”), trazendo consigo a proposta de novos modelos, metodologias e paradigmas para a sustentar.

Tal como defende James Holmes, considerado o ‘pai’ desta nova área, os Estudos de Tradução designam todas as actividades de pesquisa cujo foco assenta no fenómeno da tradução e do acto de traduzir, assim como na definição dos princípios gerais segundo os quais este fenómeno pode ser explicado (1998: 15). O maior contributo de Holmes foi sustentar que a tradução compreende questões complexas, para as quais as anteriores abordagens, centradas em disciplinas como a Linguística, a Literatura, a Lógica, ou a

⁹ As grelhas com o registo comparativo, apresentadas em anexo, serão referidas como Anexo 3, n.º do quadro comparativo de ocorrência, 3.1 para “Preacher’s Legend” e 3.2 para “Master Misery” e o número da ocorrência. Exemplo: Anexo 3, 3.1, n.º 21. O Anexo 1 inclui os textos de partida, “Preacher’s Legend” e “Master Misery”, de Truman Capote, e o Anexo 2, a tradução publicada dos referidos contos, da autoria de JVL. Nestes dois últimos casos, a paginação referida corresponderá à dos textos de partida. Da nossa proposta de tradução serão indicadas as páginas da presente dissertação, sempre que estas não estejam registadas na grelha de ocorrências.

Matemática, tinham algumas limitações. Por outro lado, deu visibilidade e pretendeu que se tornasse um campo independente de pesquisa em que existia um objecto de estudo específico, mas abrangente – a tradução e as traduções. Não só os textos deveriam ser estudados, mas também os processos mentais dos tradutores que estavam na base da produção das traduções, as funções que os textos desempenhavam nas comunidades de partida e de chegada e o modo como tais funções podiam influenciar a actividade dos tradutores. Considerando a tradução uma forma de comunicação, a disciplina, apesar de independente, deveria ter em conta o diálogo com praticamente todas as áreas do saber, e dentro do seu próprio espectro contar ainda com os aspectos teórico, descritivo e aplicado, e com a experiência dos tradutores profissionais, incluindo os dos campos científico e tecnológico.

Hans Vermeer sublinha igualmente a impossibilidade de o tradutor se apoiar num método exclusivamente científico, já que a componente subjectiva não deve ser subestimada: “We all translate by intuition. There is no ‘science of translating’. There are scientifically embroidered theories, and there are even scientific theories of translation, but there is no ‘scientific’ translating.” (1998: 26)

Roman Jakobson, por seu turno, define três tipos de tradução: intralinguística (ou reformulação) que consiste numa interpretação de signos verbais mediante outros signos do mesmo idioma, interlinguística e intersemiótica ou transmutação (2000:114). A tradução interlinguística, a qual o autor caracteriza como tradução propriamente dita (isto é, uma interpretação de signos verbais mediante outro idioma) é a que se verifica num trabalho prático de tradução, como o aqui efectuado. A tradução intersemiótica, ou seja, entre um sistema verbal e um não-verbal manifesta-se, por exemplo, na adaptação da palavra a imagens, como sucede na transmutação de uma obra literária para cinema. Tanto quanto foi possível apurar na presente investigação, existem poucas adaptações cinematográficas dos contos de Capote, embora tenha sido realizada uma curta-metragem com base num dos contos traduzidos neste trabalho, “Master Misery”, da autoria de Elizabeth Dimon, de 1989, que não foi possível visionar por se encontrar já indisponível. No entanto, o filme “Capote”, realizado por Bennett Miller em 2005, cujo vencedor do Óscar de Melhor Actor foi Philip Seymour Hoffman, precisamente pela interpretação de Truman Capote, contribuiu para um ressurgimento do interesse pelo referido autor e sobretudo pela obra *In Cold Blood*, publicada em 1966, e central no enredo do filme.

O presente trabalho permitiu uma maior sensibilização para a complexidade do acto de traduzir. Deste modo, procura-se em seguida apontar diversas questões pertinentes para uma reflexão sobre o processo de tradução e o produto final focados em questões como tradução de contos, tradução de dialecto, tradução de culturas, tradução de metáforas, entre outros aspectos considerados pertinentes, articulando as opções pessoais de ordem prática e os princípios teóricos que as inspiraram.

1) Tradução de contos

Os contos, pela sua curta dimensão, utilizam, geralmente, uma linguagem concisa e caracterizam-se pelo sintetismo da sua escrita, de forma a deixar ideias subentendidas para o leitor inferir o seu (possível) significado. As traduções propostas na presente dissertação seguem esse mesmo princípio de concisão, pelo que a linguagem empregue é, também ela, bastante sintética, embora se tenha também levado em conta o facto de Capote usar uma forma de escrita com um elevado grau de metaforização, por vezes até hiperbólica. De certo modo, procurou-se seguir o princípio enunciado por Peter Newmark: “I believe that, except for an expressive text, you should write on a manner natural to yourself, a manner that expresses your own sense of good style.” (2004: 76) Ou seja, um texto expressivo, por norma um texto literário, tem o seu próprio estilo e esse é considerado uma excepção para Newmark, retirando assim a possibilidade de qualquer inovação da parte do tradutor.

A tradução publicada segue um caminho mais explicativo, por vezes quase mesmo de reescrita do texto de Capote, e são vários os casos de texto acrescentado ao original. Veja-se, a título de exemplo: “In the dusk room the gathering settled again like sun motes.” (Anexo 1: 161) Confronte-se com a tradução de JVL: “Na penumbra da sala, as mulheres acomodaram-se de novo nos seus assentos; eram como partículas de poeira iluminadas pelo sol que num momento se agitam, para, logo a seguir, se renderem a uma espécie de calma flutuação.” (Anexo 2: 227) Capote utiliza uma linguagem muitas vezes figurada, usando personificações, as quais procuram conferir qualidades humanas a objectos, e, nesses casos, procurou-se corresponder a esse aspecto – é o caso de “[...] rotted oak stump on which clusters of devil’s snuff grew” (anexo 1: 67), traduzido como “coto de um carvalho moribundo, onde cresciam tufo de cogumelos venenosos”, (p. 9) ao passo que JVL optou por “cepo apodrecido de um carvalho-roble onde cresciam agora magotes de cogumelos de pele branca, perlada ” (Anexo 2: 100).

A expressão “His overalls flapped crazily” (Anexo 3, 3.1, *Ibidem*, n.º 32) foi vertida como “as jardineiras que trazia vestidas abanavam por todos os lados” enquanto JVL optou por “o seu fato-macaco, numa agitação desvairada, fazia lembrar uma bandeira flutuando ao sabor do vento”. A tradução proposta para “but you can never tell about these old coons; liable to go off the deep end before you can bat your eyes” (*Ibidem*, n.º 49) foi “mas vá-se lá entender estes pretos velhos. São capazes de fazer alguma loucura antes de teres sequer tempo para pestanejar.”, tendo JVL optado por por “mas com estes escarumbas velhos nunca se sabe; num abrir e fechar de olhos, são capazes de se passar completamente da cachimónia”.

Traduziu-se “capsizing the room into a fury of sound” por “toda a sala de espera foi invadida por um barulho ensurdecedor”, embora JVL tenha escolhido “e logo a sala, como frágil navio em mar inclemente, soçobrou às vagas da fúria sonora” (Anexo 3, 3.2, n.º 17). Por outro lado, “And that was the real reason for most people getting up in the morning: not because it would matter but because it wouldn’t.” (*Ibidem*, n.º 34) foi vertido para “É esse o motivo pelo qual a maior parte das pessoas se levanta da cama: não pelo facto de que isso tenha alguma importância, mas porque não a tem.”. JVL optou por um registo mais longo: “E o facto de o mundo nunca parar era a verdadeira razão para a maior parte das pessoas se levantar de manhã: se se levantavam de manhã, não era porque isso fosse importante, mas, precisamente, porque não o era” (*Ibidem*, n.º 34). A opção por uma maior explicitação ocorre ainda em “Like a wolf, a long thin dog came padding over the moon-slats under the elevated, and across the street there were the misty shapes of men ganged around a bar: the idea of maybe cadging a drink in there made him groggy” (*Ibidem*, n.º 39), que JVL verte como “Sob o viaduto por onde passava o comboio, um cão muito magro e comprido, fazendo lembrar um lobo, avançou compassadamente e sem um só ruído sobre os respiradouros do metro em forma de lua, e, do outro lado da rua, viam-se as formas enevoadas dos homens que se tinham reunido à volta de um bar ao ar livre: a ideia de que talvez pudesse cravar um copo a um daqueles bebedores bastava para o deixar grogue”, mas que, no trabalho proposto, é traduzido como: “Como um lobo, um cão grande e magro aproximou-se silenciosamente sobre os raios de luar reflectidos no passeio e, do outro lado da rua, viam-se formas indistintas de homens reunidos em grupo à porta de um bar: a ideia de lá ir pedir uma bebida fazia-o cambalear.”. (*idem*, n.º 39)

De uma forma geral, nas propostas de tradução, procurou-se respeitar o registo estilístico de Capote, particularmente visível nestes contos, o que, em grande parte dos casos, correspondeu a opções tradutológicas que apontaram para um compromisso entre o

uso de um registo mais sintético, algumas vezes coexistente com uma construção mais analítica.

2) Tradução de dialecto e outros registos

Peter Newmark aborda a tradução de dialecto da seguinte forma: “I now turn to the translation of dialect, not particularly because you will have to translate it, but because it is sometimes set up as the ultimate impossibility in translation, which is not.” (2000: 194-195) Assim sendo, a tradução de dialecto não é uma impossibilidade, tendo-se optado, no presente trabalho, por tentar uma equivalência de registo. Entendeu-se que o leitor não deveria perder essa marca distintiva do texto de partida. O registo dialectal poderia até nem ter muita importância mas, na realidade, a personagem ‘Preacher’, do primeiro conto traduzido, acaba por ser caracterizada também pela forma como se expressa, pelo que a omissão deste elemento desvirtuaria em grande parte o texto de Capote. Esta é uma das principais diferenças na abordagem tradutológica em relação à tradução de JVL.

Este tradutor refere, em nota de rodapé (Anexo 2: 96), que Preacher fala Gullah, um dialecto afro-americano, com influências do crioulo jamaicano e usado em algumas partes da Carolina do Sul, Carolina do Norte, da Florida e da Geórgia. Capote utilizou, de facto, algumas características do Gullah para construir a linguagem falada por Preacher, embora, segundo a pesquisa efectuada sobre este mesmo dialecto, esse aproveitamento tenha sido apenas parcial. Ao optar pela não tradução das marcas dialectais, em JVL, soam pouco naturais expressões como: “Não há nada a fazer, disse ele, no jeito em que certos velhos se põem a discutir consigo mesmos”, “estou farto até mais não de comer couves e tudo o mais que houvera para comer. De maneira que não faço mais nada, fico aqui sentado e deixo-me morrer à fome, há-de ser esse o meu destino... Aposto os poucos dólares que ainda tens em como ninguém vai chorar nem uma lágrima por causa disso, aí isso é que não vai.” (Anexo 2: 96)

Ainda neste âmbito, entendeu-se ser necessário recorrer a algumas obras de língua inglesa em que estivesse presente dialecto afro-americano, ou uma tentativa da sua reprodução, de modo a poder ser feita uma opção de tradução mais coerente. Consultaram-se, a título de exemplo, duas traduções portuguesas de *The Adventures of Huckleberry Finn*, de Mark Twain, uma da autoria de Luísa Maria de Eça Leal (1944) e a outra de Francisco José Tenreiro (1973), ambas publicadas pela Editora Inquérito. Na

realidade, a tradução de Tenreiro é uma segunda edição e, embora seja apresentada como nova, adapta muita coisa de Luísa Leal. De qualquer forma, a opção tomada por ambos foi a da tentativa de manutenção do dialecto afro-americano usado por Jim, uma personagem representativa, tal como Preacher, da minoria negra com algumas limitações de educação e também muito supersticiosa. Noutras edições consultadas, esta opção não foi utilizada.

Cabe pois ao tradutor decidir a função do dialecto. Newmark (2004: 195) enumera três funções possíveis:

- a) Ilustrar uma linguagem de “calão”;
- b) Marcar contrastes entre classes sociais;
- c) Indicar características culturais locais.

Por conseguinte, o dialecto é, para Newmark, um tipo de linguagem *per se* e não um desvio da língua-padrão. Não foi objectivo desta dissertação reproduzir um dialecto existente, nem tão pouco criar um novo. A tradução proposta das falas dialectais foi feita também com a finalidade de manter a ‘cor local’ do texto, algo que não seria possível caso as falas de Preacher, em “Preacher’s Legend”, fossem traduzidas como um texto correcto a nível da gramática e da ortografia, o que entra em desacordo com a opção de José Vieira de Lima.

Acrescente-se ainda que a utilização de dialecto num texto de partida constitui um desafio para o tradutor. Coloca-o, até, perante a questão da intraduzibilidade linguística, patente quando não existe substituto lexical ou sintáctico na língua de chegada (Catford, *apud* Bassnett, 2003: 64), assim como da intraduzibilidade cultural, quando os referentes na cultura de partida não existem na cultura de chegada. (*Ibidem*: 64)

Na tradução de “Master Misery” o problema do registo dialectal não se pôs, mas a nível de registos de fala, e particularmente sobre o emprego de termos de calão, refira-se a utilização de expressões como “sonofabitch” (Anexo 1: 164), traduzida como “sacana” (p. 27) ou “niente”, (*Ibidem*: 162) que, não sendo propriamente calão, corresponde à forma de Oreilly se expressar e que se optou por traduzir como “nicles” (p. 25).

De uma forma geral, a tradução proposta segue uma abordagem domesticante, procurando, deste modo, atingir a equivalência dinâmica preconizada por Eugene Nida. Daí que exista um compromisso entre seguir mais literalmente algumas partes do texto de

partida, enquanto noutras se procurou encontrar um equivalente em português, quando pertinente.

3) Tradução de nomes próprios e outras denominações

Tal como preconizado por Newmark (2002: 35), não foram traduzidos os nomes próprios em nenhuma das traduções desta dissertação, excepto no caso das personagens Yellow Hair e Curly Head, de “Preacher’s Legend”, traduzidas por o Louro e o Caracóis, respectivamente. A razão desta opção torna-se óbvia com a leitura do texto, na medida em que estas duas personagens são denominadas de uma forma que aponta para a sua compleição física, e a sua não tradução faria o leitor português perder essa ligação. Existe também um forte subtexto no conto, que procura transmitir a componente de superstição e de religiosidade subjacente ao nome do protagonista, “Pregador”, a qual reflecte a vivência sulista, sobretudo por parte de um negro, estereotipadamente associado à superstição. Contudo, mesmo assim, optou-se por manter o nome próprio na língua original.

Por seu turno, “Seconal” (uma marca de barbitúricos referida em “Master Misery”) foi traduzido por comprimido para dormir, segundo o princípio enunciado por Newmark: “Be particularly careful of proper names in medical texts: a drug in one country will be marketed under another brand name in another, or it may merely be a chemical formula such as “aspirin””. (2002: 35) Em Portugal, não existe marca registada equivalente no mercado farmacêutico.

Quanto às marcas NE-HI, um refresco referido em “Preacher’s Legend”, (Anexo 1: 64) e Snugfare, marca de roupa interior masculina, para a qual a personagem principal de “Master Misery” trabalha, (Anexo 1: 156) não foram traduzidas. No segundo caso, o próprio texto indica a explicitação, enquanto no primeiro, por não existir essa explicitação, optou-se por interpolar a informação que NE-HI se trata de uma marca de refresco.

Os topónimos que aparecem em “Preacher’s Legend”, referidos no primeiro registo de ocorrências (Anexo 3, 3.1, números 9, 36 e 42), foram mantidos tal como aparecem no texto de partida, opção que vai ao encontro da que foi tomada em JVL, seguindo uma tendência de não tradução deste tipo de ocorrências a não ser nos casos em que já exista uma tradução consignada na língua de chegada.

No entanto, as várias ruas e avenidas de Nova Iorque, referidas em “Master Misery”, foram traduzidas para português na tradução proposta, algo que não foi feito em JVL. Poderá parecer uma contradição relativamente ao que afirmámos anteriormente, mas a realidade topográfica de Nova Iorque não é desconhecida do público português (por exemplo, 5.^a Avenida), para além de que não traduzir poderia levar a construções fráscas de algum modo estranhas como, por exemplo, “East Sixties, entre a 2nd e a 3rd Avenues” (Anexo 3, 3.2, n.º 6).

Ainda no conto “Preacher’s Legend”, a expressão “Paradise candy” (Anexo 3, 3.1, n.º 45) foi traduzida por “doces Paraíso”. Optou-se pela tradução, neste caso específico, uma vez que, naquele momento da narração, a personagem principal, Preacher, se preparava para aceitar a morte e, portanto, Capote faz aqui uma ligação algo cómica, que se quis manter junto do leitor português.

“Whippoorwill” (Anexo 3, 3.1, n.º 24) foi, na tradução proposta, vertido para “noitibó”, a tradução aceite em português, enquanto JVL optou por “bacurau”, termo empregue no português do Brasil.

Mais uma vez, adoptou-se uma solução subjectiva de compromisso entre aquilo que achámos que não se deveria traduzir e o que, por soar estranho, ou poder resultar como incompreensível para o leitor de chegada, seria necessário explicitar.

4) Tradução de formas de tratamento e tentativa de adequação à época

Ao contrário do que sucede na língua inglesa, em que se utiliza apenas o pronome “you”, as línguas românicas fazem a distinção que se convencionou designar como T/V, que George Yule define como: “A distinction between forms used for a familiar (*tu*) and a non-familiar (*vous*) addressee, in French and other languages” (2006: 135).

Um tradutor português pode, assim, optar por diferentes formas de tratamento, conforme a sua interpretação das relações entre as diversas personagens. Por exemplo, neste trabalho optou-se, em “Preacher’s Legend”, pela tradução do “you” por “Senhor” (no caso das falas em que Preacher se dirige aos caçadores), pelo facto de esta personagem se dirigir aos estranhos com grande deferência, na medida em que os considera como figuras divinas. No caso inverso, optou-se pela forma “tu”, por uma questão de adequação à época, em que os negros não usufruíam ainda de igualdade de direitos, e também pelo

relativo menosprezo da personagem o Louro em relação a Preacher, visível em falas como “these coloured folks” (Anexo 3, 3.1., n.º 1) e “these old coons”, (*Ibidem*, n.º 49).

Enquanto Preacher é tratado, no início do conto, por “gran’pa” (Anexo 3, 3.1., n.º 41), expressão que transmite uma forma de comunicação mais empática e próxima, no final do conto (Anexo 3, 3.1., n.º 54), os caçadores já se lhe referem como “you old goat”, (*Ibidem*) prova de uma maior condescendência e afastamento em relação à personagem, um idoso negro e pobre. Existe aqui um contraste em relação à forma como é referida a personagem do mordomo do Professor Miséria (de quem nunca sabemos o nome), em “Master Misery”, descrito como “slender, [...] gentle” (Anexo 1: 155), ou “pale and charming Negro” (*Ibidem*: 160). Esta situação, pela inexistência de diálogo, não levantou problemas a nível da tradução de formas de tratamento, tendo-se optado por “negro”, o termo usualmente aceite como mais neutro na língua portuguesa. Tendo em vista esse mesmo princípio de neutralidade, “queer”, (Anexo 1: 167) foi vertido da mesma maneira para português, tanto na tradução proposta, como na de JVL (“maricas”, p. 30 deste trabalho e Anexo 2: 235).

Também em “Master Misery” são utilizados vários diminutivos ou expressões carinhosas para designar objectos: “Tinkling Tillie”, “Our Nelle”, “Big Bear” (ocorrência n.º 8 da grelha 3.2) e “Bootsy”, para denominar a personagem Henry (Anexo 1: 156). Optou-se pela tradução de “Tinkling Tillie”, “Our Nelle” e “Big Bear” por “Campainhas”, “a Nossa Fofura” e “o Grande Urso”, respectivamente. “Bootsy” não foi traduzido, por não ficar muito claro se poderia ser, por exemplo, o diminutivo do apelido de Henry, ou uma designação, por exemplo, equivalente a “pantufas”.

Tal como nos pontos anteriores, procurou-se um equilíbrio entre traduzir, quando foi possível encontrar uma equivalência dinâmica na língua portuguesa e noutros, em que tal equivalência não existia, conservámos o registo em inglês.

Em ambas as traduções (“Preacher’s Legend” e “Master Misery”) foi feita uma tentativa de adaptação ao registo coloquial da época (anos 40), utilizando expressões e formas de tratamento já datadas, também elas, em português: “miúda”, “bebê” (Anexo 3, 3.2, n.º 30), “Raios!”, em “Master Misery” (p. 25), “cinco réis de gente”, (Anexo 3, 3.1. n.º 3) e “velhadas”, (Anexo 3, 3.1., n.º 54)

Procurou-se, desta forma, seguir o princípio segundo o qual “The translation of an 18th-century text should essentially be distinguishable from the translation of a 20th-

century text, even if the translator is of the 20th-century.” (Reiss, 2000: 71) Convém frisar, contudo, que em ambos os contos a distanciação temporal existe, mas não é necessariamente significativa, ao contrário da distanciação cultural.

5) Tradução de metáforas e outros elementos expressivos

A escrita de Truman Capote é altamente metafórica, o que coloca, bastas vezes, problemas na sua transposição para a língua portuguesa ou outra língua de chegada. Uma das maiores dificuldades que se enfrenta na tradução de metáforas é compreender se estas têm um sentido positivo ou negativo, e uma função mais conotativa ou denotativa. Recorde-se o comentário de Peter Newmark:

The purpose of a metaphor is basically twofold: its referential purpose is to describe a mental process or state, a concept, a person, an object, a quality or an action more comprehensively and concisely than is possible in literal or physical language; its pragmatic purpose is to appeal to the senses, to interest, to clarify “graphically”, to please, to delight, to surprise. The first purpose is cognitive, the second aesthetic. (2004: 104)

Algumas das opções de tradução sugeridas por Newmark passam pela tradução literal (partindo do pressuposto que o leitor seja culto o suficiente para entender o seu sentido), por uma generalização (no caso de um dos elementos presentes na língua de partida ser estranho para o leitor de chegada) ou a transferência do elemento estranho ao leitor do texto de chegada, juntando uma explicação desse mesmo elemento por parte do tradutor (*Ibidem*: 105). Por outro lado, também afirma:

Original metaphors [...] should be translated literally, whether they are universal, cultural or obscurely subjective. I set this up as a principle, since original metaphors (in the widest sense): (a) contain the core of an important writer’s message, his personality, his comment on life, and though they may have a more or less cultural element, these have to be transferred neat; (b) such metaphors are a source of enrichment for the target language. (2004: 112)

Veja-se o seguinte exemplo, retirado de “Preacher’s Legend”:

“He was so bent that he resembled a rusty sickle and his skin was the yellow of superior leather” (Anexo 1: 63).

Atente-se, em seguida, na tradução proposta, que se quis o mais literal possível:

“Estava de tal modo curvado que se assemelhava a uma foice ferrugenta e a sua pele era amarelada como o couro da mais alta qualidade.” (p. 6)

Procurou-se assim seguir um outro pressuposto enunciado por Newmark: “The argument in favour of literal translation is that the metaphor will retain the interest of the readership; the argument against is that the metaphor may jar with the style of the text.” (*Idem*: 112)

Segue-se um exemplo, retirado de “Master Misery”, e a respectiva tradução proposta, desta feita não literal:

“snowy swollen wastes of the secretary’s face” (Anexo 1: 155)

“as pregas salientes e esbranquiçadas do rosto da secretária” (p. 19)

A opção pela tradução não literal, proposta anteriormente, visa, neste caso, fornecer uma imagem que seja mais facilmente compreensível do que seria, por exemplo, tentar encontrar um equivalente para “wastes”, sendo que esta última palavra tem afinal uma certa ligação a “restos”, os quais podem ser entendidos como pele a mais, ou seja, “rugas”. Também tem uma maior fluência discursiva, indo assim ao encontro do apontado por Lawrence Venuti em *The Translator’s Invisibility*, embora este autor descarte este tipo de tradução:

A translated text [...] is judged acceptable [...] when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”. (1995: 1)

O uso de metáforas, ou outras figuras de estilo, não é o único indicador de que estamos perante um texto literário, cuja principal função é a expressiva. A maior ou menor literariedade também se reflecte no uso de estruturas sintácticas especificamente criadas para criar um certo efeito, o qual não terá necessariamente a mesma exacta correspondência, sintáctica ou mesmo semântica, em português. Assim, por exemplo, a expressão “Disgusting” (anexo 1: 162), proferida pela senhora da gola de pele na sala de espera de “Master Misery”, cuja ênfase é transmitida pelo itálico no final da palavra, acaba, na tradução proposta (“que *horror*”) por ter de ser aplicada apenas à segunda palavra.

Em ambos os contos são igualmente empregues várias onomatopeias (“hi hi hi”, “hush”, “buu”, “hum hum”) e interjeições (“ouch”, “oh”) que foram adaptadas à língua de chegada, de modo a manter a função expressiva do texto.

6) Tradução de culturas

Tal como afirma Peter Newmark, “Usually cultural metaphors are harder to translate than universal or personal metaphors.” (2004: 106) “Preacher’s Legend” é um texto com ligações marcadas ao imaginário sulista, nomeadamente através do uso do registo dialectal, enquanto “Master Misery” tem como espaço narrativo a cidade de Nova Iorque. Ambos reflectem, por isso, realidades muito diferentes dentro da própria cultura americana e, mais claramente, em relação à cultura portuguesa, sendo que isso se reflecte, variadas vezes, na tradução dos referidos contos. A maior ou menor dificuldade da tradução depende do grau de proximidade (semelhanças mútuas) das culturas em questão (Ivir, 1998: 37)

A importância da vertente cultural nos Estudos de Tradução é sublinhada no seguinte comentário:

Translation is a way of establishing contacts between cultures. [...] The reason for this is the fact that language and culture are inextricably interwoven and that the integration of an element into a culture [...] cannot be said to have been achieved unless and until the linguistic expression of that element has been integrated into the language of that culture. The transference – in its literal, etymological meaning – of the linguistic expression is precisely an attempt to integrate elements of one culture into another. **Translating means translating cultures, not languages.** (*Ibidem*: 36, destaque nosso)

No seguimento desta constatação, as estratégias de tradução podem seguir dois caminhos. Um estará mais ligado à estratégia de “domesticação” referida por Lawrence Venuti, em *The Translator’s Invisibility*, segundo a qual um elemento cultural estranho pertencente à cultura de partida se torna, na cultura de chegada, um elemento reconhecível, familiar e idêntico:

The viability of a translation is established by its relationship to the cultural and social conditions under which it is produced and read. [...] Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural difference of the foreign text with a text that will be intelligible to the target-language reader. (1995: 18)

A tradução é, segundo o mesmo autor, um processo de pesquisa de semelhanças entre línguas e culturas, embora isso não signifique que o texto traduzido deva eliminar por completo as diferenças existentes entre a cultura e a língua de partida e as de chegada.

Assim, um outro caminho, o de manter as marcas de alteridade num texto traduzido, privilegia o que se convencionou chamar conceito ou estratégia de “estranhamento”:

A translated text should be the site where a different culture emerges, where a reader gets a glimpse of a cultural other, and resistancy, a translation strategy based on an aesthetic of discontinuity, can best preserve that difference, that **otherness**, by reminding the reader of the gains and losses in the translation process and the unbridgeable gaps between cultures. (*Ibidem*: 306, destaque nosso)

Por outro lado, Jirí Levý defende que, nas expressões de difícil compreensão, não deverá ser aplicada nenhuma estratégia de redução ou omissão. Caberá ao tradutor encontrar a solução para os problemas mais difíceis, adoptando a perspectiva funcional, cujo objectivo será fazer com que a função do texto na cultura de partida tenha equivalência na de chegada, com respeito não só ao sentido, mas também ao estilo e à forma. Ou seja, a ênfase recai no leitor de chegada e o tradutor deve procurar que o texto na língua de chegada, embora respeitando a versão da língua de partida, tenha em conta o mais possível a cultura de chegada (*apud* Bassnett, 2003: 49-50).

A substituição de uma expressão idiomática na língua de partida por outra na língua de chegada é feita com base na função da dita expressão (com uma finalidade idêntica), ao invés de se basear apenas nos elementos linguísticos da frase ou na semelhança de imagens nela contidas (Bassnett, 2003: 52). Por este motivo, como sustenta Eugene Nida em “Principles of Correspondence”, de 1964 (*apud* Venuti, 2000: 129), importa ter em consideração não só o conceito de equivalência formal, que se aplica à forma e ao conteúdo da mensagem, mas também a equivalência dinâmica, que privilegia a obtenção de um efeito equivalente no texto de chegada.

A equivalência formal enfatiza a exactidão e a correspondência de conceitos na língua de chegada, ao passo que a equivalência dinâmica visa uma “naturalness of expression”, pois a compreensão da mensagem por parte do leitor não implica que este esteja familiarizado com os padrões culturais da cultura de partida (*Ibidem*, 2000: 129).

Peter Newmark, por sua vez, apelida a equivalência dinâmica de “equivalent response principle” (2004: 48). Segundo este autor, a equivalência dinâmica é o resultado desejável (e não o objectivo de uma tradução), pois tal pode ser impossível de alcançar: se a

finalidade do texto de partida for provocar um determinado efeito, por exemplo, expressivo, o qual depois não tem equivalente no texto de chegada, se este tiver uma função meramente informativa (ou vice-versa), ou ainda quando exista um afastamento cultural elevado (“cultural gap”) entre os textos e culturas de partida e chegada (*Ibidem* : 48-49). Refira-se que a proposta de tradução aqui apresentada seguiu, na generalidade dos casos problemáticos de tradução, o princípio da equivalência dinâmica, uma vez que a realidade cultural norte-americana dos anos 40 apresentada nos textos está relativamente distante em relação à cultura portuguesa. Por exemplo, no caso das letras trauteadas por Oreilly, em “Master Misery”, para as quais se procuraram equivalentes (Anexo 3, 3.2, n.º 36 e n.º 38), ao contrário de JVL, cuja opção foi a tradução literal das mesmas. Já “delicatessen” (*ibidem*, n.º 37) foi mantido na versão publicada, mas traduzido por “loja” na tradução proposta.

Em suma, tentou-se, com a tradução proposta, alcançar um equilíbrio entre os dois tipos de equivalência enunciados por Nida, de forma a evitar possíveis armadilhas, como as referidas por Basil Hatim e Jeremy Munday em *Translation: An Advanced Resource Book*:

[...] excessive dynamic equivalence may compromise ST meaning so drastically in places that it is doubtful whether we can still legitimately call it translation. On the other hand, there are situations which strain TT comprehensibility to breaking point and thus leave the author with no option but to resort to some form of adjustment, adding or taking away information as appropriate. (2004: 258)

No caso de haver um elemento da cultura de partida inexistente na de chegada, o tradutor terá de recorrer às mais variadas estratégias que lhe permitam adequar o conteúdo do elemento em falta aos leitores da cultura de chegada, perseguindo assim a equivalência dinâmica na tradução. É aconselhável uma metodologia que não esqueça uma sistematização linguística e cultural:

In order to translate a language well [...] it is not enough to learn the language. One must study its culture, not just as an interested visitor, but from the ground up, and... systematically. (Mounin *apud* Reiss, 2000: 78)

Entre as referidas estratégias contam-se o empréstimo, a definição, a tradução literal, a substituição, a criação lexical, a omissão e a explicitação (Ivir *apud* Toury, 1998: 37-39). Analisem-se alguns exemplos das estratégias efectivamente utilizadas no presente trabalho:

- Tradução literal aproximada (“Master Misery”) - “That is a million dollar question” (Anexo 3: 3.2, n.º 31). Tradução proposta - “Essa é uma pergunta para valer um milhão de dólares.” Optou-se pela manutenção semântica devido à facilidade de identificação com a expressão americana em causa. Por outras palavras, e para adoptar a terminologia de Venuti, este é um exemplo claro da estratégia de estranhamento, visto que, se tivesse sido utilizada a estratégia de domesticação, ter-se-ia optado por “Isso é como descobrir a pólvora” ou “Isso é como inventar a roda”, expressões que não possuem a marca cultural americana específica. Para além da tradução literal, efectuada palavra a palavra, Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, em “A Methodology for Translation”, de 1958 (*in* Venuti, 2000: 85), chamam a atenção para as estratégias de decalque e de empréstimo. Estas seriam aplicáveis se a manutenção de um vocábulo estrangeiro como “dollars” resolvesse uma lacuna metalinguística.

- Tradução literal (Preacher’s Legend) – Cypress City Morning Star (Anexo 3, 3.1, n.º 42). Tradução proposta – Igreja Estrela da Manhã de Cypress City. Escolheu-se a tradução quase literal por se desconhecer a existência de semelhante culto em Portugal e, por outro lado, o leitor português não perde o estranhamento perante tal culto, num conto que é dominado pela superstição religiosa.

- Substituição (“Master Misery”) - “cherryberry, moneyberry, happyberry pie, but the best old pie is a loveberry pie” (Anexo 3, 3.2, n.º 36). Tradução proposta - “Dorme, dorme, meu anjinho, meu raminho de jasmim.” Optou-se aqui pela substituição da canção de embalar original, inventada por Oreilly, por uma de sentido idêntico em português, na medida em que não se perde a função original. Posteriormente, a frase “but the best old pie is a whiskeyberry pie!” (*Ibidem*, n.º 38) foi traduzida como “meu copinho de jasmim”, em que foi assim possível também manter e explicitar o trocadilho empregue. A tradução de JVL para estas canções foi mais próxima do literal.

- Substituição (“Preacher’s Legend”) – “Spiduh’s an’ widduh’s” (Anexo 3, 3.1, n.º 34). Tradução proposta – “Aranhas e aranhões”. Substituição da expressão original em inglês, pela sua estranheza e falta de correspondência em português, optando-se por uma reconhecível na nossa língua. Embora pudesse ter sido traduzida literalmente, no contexto frásico em que ocorre poderia provocar alguma confusão. JVL traduziu esta expressão de forma literal (“aranhas e viúvas”, Anexo 1: 104).

Outro exemplo de substituição empregue na tradução proposta foi o de “queques” para “cupcakes” (Anexo 3, 3.2, n.º 33), ao passo que JVL opta por uma estratégia de explicitação (“bolinhos em pequenas formas de papel”).

- Omissão (Preacher’s Legend) – “a crop-eared black-and-tan” foi traduzido por “um perdigueiro”, julgando-se assim que não se perde por completo o referente. JVL optou por “um cão de orelhas aparadas, com uma pelagem preta semeada de manchas castanhas” (Anexo 3, 3.1, n.º 26).

- Empréstimo – “Delicatessen” (Anexo 3,3.2, n.º 37). A tradução proposta foi “loja”, ao contrário de JVL, que optou pelo empréstimo da palavra, tal como fez em “poodle” (*Ibidem*, n.º 19), traduzido, neste trabalho, como “caniche”.

- Explicitação – “Oh, como odeio acordar de manhã!” (Anexo 3, 3.2, n.º 23) Trata-se de uma canção pouco conhecida em Portugal, pelo que, neste caso, achou-se pertinente a explicitação da origem da canção, sua autoria e contexto, em nota de rodapé, mas fazendo a tradução no corpo do texto.

- Explicitação (“Preacher’s Legend”) – “I’ve been workin’ on the RAIL-road, *All* the livelong day...” (anexo 1: 70). Tradução proposta – “Estive a trabalhar nos caminhos-de-ferro, todo o santo dia...” Tal como no caso anterior, devido ao facto de se tratar de uma canção popular norte-americana do século XIX, sem autoria definida, e, como tal, pouco conhecida em Portugal, optou-se pela tradução das linhas cantadas pelos dois caçadores, referindo a versão original em nota de rodapé.

Outras pequenas divergências, aparecem por exemplo, quando se refere que Sylvia não pesaria mais do que “a hundred pounds”. (Anexo 1:165) Enquanto a tradução proposta sugere um peso na ordem dos cinquenta quilos, (p. 28) JVL refere que seriam quarenta, sendo o valor real 45,3 quilos (Anexo 2: 232). Por outro lado, “All-night cafeteria” (Anexo 3, 3.2, n.º 29) foi, na tradução proposta, traduzido como “cafetaria que estava aberta toda a noite” (*Ibidem*), mas na versão publicada como “restaurante self-service que permanecia aberto toda a noite”. Já “dump” (Anexo 1: 165) foi traduzido como “espelunca” na versão proposta (p. 28) e como “pocilga” na publicada (Anexo 2: 233).

JVL opta, de um modo geral, por notas de rodapé nos casos em que há um maior distanciamento cultural entre a realidade norte-americana e a portuguesa. São esses os casos da primeira nota sobre o dialecto Gullah (Anexo 2: 96), de “bacurau” (*Ibidem*: 101), de “Pose-Yourself” (*Ibidem*: 104), da canção entoada pelos caçadores (*Ibidem*: 105) em “A

Lenda de Preacher” e de “*niente*” (*Ibidem*: 239), “Oh! How I Hate to Get Up in the Morning” (*Ibidem*: 235-236) e da referência a Lana Turner (*Ibidem*: 241) em “Professor Miséria”.

Optou-se por um menor uso de notas de rodapé do que JVL, para evitar quebras no ritmo de leitura, bem como para respeitar os aspectos formais empregues por Capote. Nos casos em que a realidade norte-americana se afasta da portuguesa, escolheu-se uma via mais domesticante do que estranhante.

As questões de ordem linguística não foram esquecidas nem subestimadas, mas foram reinterpretadas à luz das novas tendências dos Estudos de Tradução, como refere Susan Bassnett:

Existe um traço comum à maior parte da investigação em Estudos de Tradução: a ênfase nos aspectos culturais da tradução e nos contextos em que a tradução ocorre. Considerada outrora uma subdivisão da linguística, a tradução é hoje entendida como uma área de investigação interdisciplinar e o elo indissolúvel entre língua e cultura tornou-se no ponto de focagem do interesse académico. (2003: 4)

Tradutores e críticos de tradução dividem-se quanto ao facto de um texto de partida necessitar de ser “melhorado”. Katharina Reiss (2000: 64-65) sustenta que deverá ser tido em conta o tipo de texto, ou seja, num texto cujo enfoque recaia no conteúdo será adequado eliminar erros e compensar defeitos estilísticos, no entanto, num texto cujo destaque seja a forma, o estilo do autor, bem como eventuais erros por este cometidos, não devem ser corrigidos e devem ser reproduzidos no texto de chegada. O tradutor deve, segundo Güttinger (*apud* Reiss, 2000: 65), resistir à tentação de clarificar e melhorar o original, algo que o tradutor José Vieira de Lima ignora bastas vezes.

Assim, e retomando uma argumentação já adiantada no ponto 1, deste capítulo, atente-se no seguinte exemplo, de “Master Misery”: “ease, like fireflight, wavered over her, and there came the moment of twilit lantern slides, deeply deeper” (Anexo 1: 160). JVL propõe a seguinte tradução: “uma sensação de conforto, de sossego, envolvia-a como a luz ondulante do fogo de uma lareira; e logo veio aquele momento em que uma lanterna mágica projecta as suas imagens crepusculares, profundamente, numa região cada vez mais funda.” (Anexo 3, 3.2., n.º 23)

O texto traduzido é, visivelmente, bastante mais extenso, acrescentando informação não presente no conto de Capote e clarificando-o em demasia, algo contrário ao sustentado por Katharina Reiss: “[...] it would be unfair of the translator to supply arbitrarily a degree

of clarity that is lacking in the text. This principle should hold for all form-focused texts.” (Reiss, 2000: 65)

O entendimento de Umberto Eco, em *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, vai ao encontro do de Reiss:

Uma tradução que chega ao ponto de “dizer mais” pode ser uma obra excelente em si mesma, mas não é uma boa tradução. [...] Uma tradução não deve dizer mais do que diz o original, ou seja, tem de respeitar as reticências do texto-fonte. (2003: 113 e 339)

O tipo de tradução mencionado como “Re-Creative Translation” (Newmark, 2004: 76) constitui, *grosso modo*, a tradução das ideias subjacentes às palavras ou que se podem subentender. “[...] ‘interpret the sense, not the words’ is, to my mind, the translator’s last resource” (*Ibidem*: 76). Assim, o tradutor não deve ir para além das palavras do texto de partida, elevando o subtexto à categoria de texto. (*Ibidem*.: 77-78)

Para finalizar esta reflexão, registre-se que o presente trabalho possibilitou confirmar a opinião do conceituado linguista e semiólogo Georges Mounin: “In a nutshell, whether translating a text or evaluating the translation, it is not enough to know the words – it is necessary to know what the words are about.” (Mounin, *apud* Reiss, 2000: 70)

CONCLUSÃO

Truman Capote foi um dos mais celebrados escritores americanos da segunda metade do século XX e, recentemente, assistiu-se a um renovar de interesse pelo seu legado literário, mercê, em grande parte, do oscarizado filme “Capote”, de Bennett Miller. A tradução para língua portuguesa de *The Complete Stories of Truman Capote*, como *Contos Completos*, por José Vieira de Lima, poderá ser uma consequência desse sucesso, já que não se comemora nestes anos nenhuma ocasião especialmente relevante para a vida ou obra do autor. Para além dos dois contos que constituem o objecto do presente estudo, o volume permite que o público português contacte com textos como “Miriam” ou “Shut a Final Door”, ambos premiados com o *O. Henry Memorial Award*, como referido anteriormente.

Ambos os contos escolhidos como objecto de estudo do presente trabalho apresentaram diferentes problemas de tradução para português. Por um lado, em “Master Misery”, a maior dificuldade consistiu, em primeiro lugar, na escolha do título a dar em português ao próprio conto. As opções variaram entre “Senhor Miséria”, por se tratar de um homem, cuja ligação com os que o procuravam ser praticamente uma relação de servo/amo, ou “Mestre Miséria”, a tradução mais óbvia e literal, que acabou por ser a escolhida. Na verdade, esta opção pelo termo ‘mestre’ mantém uma qualidade ambígua que talvez se perca com a palavra ‘professor’ - garante não só a propriedade do domínio de alguém sobre os outros, mas também a da posse de um eventual conhecimento último. O título escolhido por JVL - “Professor Miséria” - talvez resultasse se a personagem fosse, efectivamente, professor ou uma espécie de curandeiro ou vidente, o que, pela leitura feita do conto, não é o caso. Por esse motivo, a tradução proposta foi no sentido de manter a abrangência semântica que o termo “mestre” encerra. Outra questão problemática foi tentar manter, nas falas das personagens, um registo linguístico que fosse típico das expressões coloquiais utilizadas nos anos 40 do século XX, assim como as referências culturais e, em terceiro lugar, tentar respeitar na tradução as diversas metáforas utilizadas por Capote neste conto.

Por outro lado, em “Preacher’s Legend”, o conto mais complexo, o maior problema consistiu na tradução do dialecto utilizado pela personagem principal: Preacher. Este fala um dialecto afro-americano e é um homem iletrado, pelo que a opção tomada neste trabalho foi a de tentar reproduzi-lo, de forma mais equivalente possível, recorrendo à truncagem, elipses e incorrecções propositadas em várias palavras. Não foi objectivo

desta dissertação reproduzir um dialecto existente, nem tão pouco criar um novo. A tradução proposta das falas dialectais optou pela manutenção das marcas de oralidade e por incorrecções a nível sintáctico, semântico e pragmático para reproduzir o dialecto da personagem Preacher, de modo a manter uma das marcas distintivas do conto, algo que não seria possível caso se traduzisse como um texto gramática e ortograficamente correcto em português.

Na tradução de José Vieira de Lima, publicada pela Sextante Editora, cuja análise e comparação é aqui feita, o discurso dialectal é ignorado, sendo apenas feito um ou outro desvio gramatical mas, no geral, Preacher não é apresentado como um homem analfabeto e soa pouco natural a forma como se expressa. Apesar de já existir uma tradução publicada dos contos de Truman Capote, entendeu-se ser esta uma análise relevante para dissertação, pelas substanciais diferenças entre o trabalho publicado e o aqui proposto, diferenças essas mais evidentes nas opções tomadas em “Preacher’s Legend” do que em “Master Misery”.

Importa salientar que a proposta de tradução dos dois contos de Truman Capote foi levada a cabo sem qualquer consulta à tradução acima referida, a única existente em Portugal. Apenas depois de concluído o trabalho de tradução, e tendo como objectivo a reflexão crítica enunciada, se recorreu ao referido texto de JVL. Também com o propósito de verificar até que ponto a manutenção das falas em dialecto é regra corrente nas traduções nacionais, foram consultadas duas traduções portuguesas de *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. As opções tomadas na tradução que este trabalho propõe são claramente diferentes das que se encontram nas obras traduzidas consultadas, mas espera-se que esta opção se revele uma mais-valia.

Espera-se, com este trabalho, ter sido apresentada uma proposta de tradução que levante questões pertinentes no âmbito dos estudos da área disciplinar a que se refere, ainda que esta proposta não pretenda, de modo algum, constituir uma alternativa à tradução já publicada pela Sextante Editora. Para além do trabalho de tradução aqui levado a cabo, espera-se, igualmente, que o processo de comparação entre ambas as traduções, bem como a reflexão teórica empreendida, contribuam para um melhor entendimento dos textos de partida de Truman Capote, num contexto intercultural e interdisciplinar.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia primária:

CAPOTE, Truman, *The Complete Stories of Truman Capote*, New York: Vintage International, 2004.

CAPOTE, Truman, *Contos Completos*, trad. José Vieira de Lima, Lisboa: Sextante Editora, 2008.

Bibliografia secundária:

AAVV, *DEDALUS. Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, Lisboa: Edições Cosmo, 1994.

BAIN, Robert (ed.), *Southern Writers, a Biographical Dictionary*, s/l.: Louisiana State University Press, 1979.

BAKER, Mona (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London/New York: Routledge, 1998.

BARNSTONE, William, *The Poetics of Translation, History, Theory, Practice*, New Haven/London: Yale University Press, 1993.

BASSNETT, Susan, *Estudos de Tradução. Fundamentos de Uma Disciplina*, trad. Vivina de Campos Figueiredo, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BRYANT, Joseph Allen, *Twentieth Century Southern Literature*, s/l.: University Press of Kentucky, 1997.

CAPOTE, Truman, *In Cold Blood. A True Account of a Multiple Murder and its Consequences*, London: Penguin Books, 2003 (1966).

CLARKE, Gerald, *Capote. A Biography*, London: Abacus, 2006.

ECO, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa. Sobre a Tradução*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa: Difel, 2005.

HATIM, Basil and MUNDAY, Jeremy, *Translation. An Advanced Resource Book*, London/New York: Routledge, 2004.

HOLMES, James S., "The name and nature of translation studies", in Gideon Toury (ed.), *Translation Across Cultures*, New Delhi: Bahri Publications, 1998 (1987), pp.10-25.

IVIR, Vladimir, "Procedures and strategies for the translation of culture", in Gideon Toury (ed.), *Translation Across Cultures*, New Delhi: Bahri Publications, 1998 (1987), pp.36-48.

- JAKOBSON, Roman, "On linguistic aspects of translation" in Lawrence Venuti (ed.), *The Translation Studies Reader*, New York: Routledge, 2000, pp. 113-118.
- LANDERS, Clifford E., *An Introduction to Literary Translation*, New York: Multilingual Matters, 2001.
- LEAL, Luísa Maria de Eça, (tradução de) *As Aventuras de Huckleberry Finn* / Mark Twain, Lisboa: Inquérito, 1944.
- NEVES, Rita Costa (Directora), Ana Cristina Tavares, João Manuel Lopes (Sub-directores), "O Intraduzível", *Babilónia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, n.º 5, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2005.
- NEWMARK, Peter, *A Textbook of Translation*, London: Longman, 2004.
- NIDA, Eugene, "Principles of Correspondence", in Lawrence Venuti (ed.), *The Translation Studies Reader*, New York: Routledge, 2000, pp. 126-140.
- PUGH, William White Tison, "Boundless Hearts in a Nightmare World: Queer Sentimentalism and Southern Gothicism in Truman Capote's Other Voices, Other Rooms." *The Mississippi Quarterly* 51, no. 4, 1998, p. 663.
- REISS, Katharina, *Translation Criticism. The Potentials & Limitations*, Manchester: St. Jerome Publishing, 2000.
- ROSE, Marilyn Gaddis (ed.), *Translation Spectrum, Essays in Theory and Practice*, Albany: State University of New York Press, 1981.
- SERUYA, Teresa e MONIZ, Maria Lin (Org.), *Histórias Literárias Comparadas*, Lisboa: Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, Universidade Católica Portuguesa, 2001. STEINER, George, *Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução*, trad. Miguel Serras Pereira Lisboa: Relógio D'Água, 2002.
- STEINER, George, *Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Relógio D'Água, 2002.
- TENREIRO, Francisco José (tradução de), *As Aventuras de Huckleberry Finn*/Mark Twain, Il. Álvaro Duarte de Almeida, 2.ª edição, Lisboa: Inquérito, 1973.
- TOURY, Gideon (ed.), *Translation Across Cultures*, New Delhi: Bahri Publications, 1998 (1987).
- VENUTI, Lawrence (ed.), *The Translation Studies Reader*, New York: Routledge, 2000.
- VENUTI, Lawrence, *The Translator's Invisibility. A History of Translation*, New York: Routledge, 2008.
- VERMEER, Hans J., "What does it mean to translate?", in Gideon Toury (ed.), *Translation Across Cultures*, New Delhi: Bahri Publications, 1998 (1987), pp. 26-35.

VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean, "A Methodology for Translation", in Lawrence Venuti (ed.), *The Translation Studies Reader*, New York: Routledge, 2000, 84-93.

WALDMEIR, Joseph J. and WALDMEIR, John C. (eds.), *The Critical Response to Truman Capote*, Westport, CT: Greenwood Press, 1999.

YULE, George, *Pragmatics*, Oxford: Oxford University Press, 2006.

Filmografia:

MILLER, Bennet (dir.), *Capote*, Sony Pictures, 2005.

Anexo 1 – “Preacher’s Legend” e “Master Misery”, de Truman Capote, Vintage International.

I've got all those black and olive plush chairs pushed against it and that big mahogany table that must weigh a couple of tons and the hat tree and lots of other stuff. I've locked the windows and pulled down the shades. Also I've found a five-pound box of Sweet Love candy and this very minute I'm munching a juicy, creamy, chocolate cherry. Sometimes they come to the door and knock and yell and plead. Oh, yes, they've started singing a song of a very different color. But as for me—I give them a tune on the piano every now and then just to let them know I'm cheerful.

PREACHER'S LEGEND

(1945)

A south-moving cloud slipped over the sun and a patch of dark, an island of shadow, crept down the field, drifted over the ridge. Presently it began to rain: summer rain with sun in it, lasting only a short time; long enough for settling dust, polishing leaves. When the rain ended, an old colored man—his name was Preacher—opened his cabin door and gazed at the field where weeds grew profusely in the rich earth, at a rocky yard shaded by peach trees and dogwood and chinaberry; at a gutted red-clay road that seldom saw car, wagon, or human; and at a ring of green hills that spread, perhaps, to the edge of the world.

Preacher was a small man, a mite, and his face was a million wrinkles. Tufts of gray wool sprouted from his bluish skull and his eyes were sorrowful. He was so bent that he resembled a rusty sickle and his skin was the yellow of superior leather. As he studied what remained of his farm, his hand pestered his chin wisely but, to tell the truth, he was thinking nothing.

It was quiet, of course, and the coolness made him shiver so that he went inside and sat in a rocker and wrapped his legs in a beautiful scrap quilt of green-rose and red-leaf design and fell asleep in the still house with all the windows wide while the wind stirred bright calendars and comic strips he had plastered over the walls.

In a quarter of an hour he was awake, for he never slept long and the days passed in a series of naps and wakings, sleep and light, one hardly different from the other. Although it was not cold he lit the fire, filled his pipe and began to rock, his glance wandering over the room. The double iron bed was a hopeless confusion of quilts and pillows and scaly with flecks of pink paint; an arm flapped desolately from the very chair in which he sat; a wonderful poster-picture of a golden-haired girl holding a bottle of NE-HI was torn at the mouth so that her smile was wicked and leering. His eyes paused on a sooty, charred stove, squatting in the corner. He was hungry, but the stove, piled high with dirty pans, made Preacher tired even to consider it. "Can't do nothin' 'bout it," he said, the way certain old people quarrel with themselves: "sick to death of collards an' whateverhelse. Just sit here an' stahve, that be my fate. . . . Ber yo' bortom dollah ain't nobody gonna grieve on dat account, nawsuah." Evelina had always been so clean and neat and good, but she was dead and buried two springs ago. And of their children there was left only Anna-Jo, who had a job in Cypress City where she lived-in and went cavorting every night. Or, at least, Preacher believed this to be the case.

He was very religious and as the afternoon wore on he took his Bible from the mantel and traced the print with a palsied finger. He enjoyed pretending he could read and continued for some time; plotting his own tales and poring over the illustrations. This habit had always been of great concern to Evelina. "Why you all de time studyin' ovah de Good Book, Preacher? I declare you ain't got no sense. . . . Can't no mo' read than I kin."

"Why, honey," he explained, "ever'body kin read de Good Book. He fixed it so'se dey could." It was a claim he had heard made by the Pastor in Cypress City and it satisfied him completely.

When the sunlight made an exact impression from window to door he closed the Bible over his finger and hobbled onto the porch. Blue and white pots of fern swung from the ceiling on wire cords and

flowered to the floor, trailing like peacock tails. Slowly, and with great care, he limped down the steps, fashioned from tree trunks, and stood, frail and humped in his overalls and khaki shirt, in the middle of the yard. "Here I is. Didn't spec I'd do it. . . . Didn't spec I had de stren'th in me today."

A smell of damp earth hung on the air and the wind turned the chinaberry leaves. A rooster crowed, and its scarlet comb went darting through the high weeds and disappeared under the house. "You best run, ol' crow, else I git me a hatchet and den you bettah watch out. Ber you taste mighty fine!" The weeds swept up at his bare feet and he stopped and tugged at a handful. "Ain't no use. You just grow right smack back agin, nasty mess."

Near the road the dogwood was in bloom and the rain had scattered petals that were soft under his feet and struck between his toes. He walked with the aid of a sycamore cane. After crossing the road and passing through a wild pecan grove, he chose the path, as was his custom, that led through the forest down to the creek and *The Place*.

The same journey, the same way, and at the same time: late afternoon because, that way, it gave him something to look forward to. The walks had begun one November day when he had reached his *Decision* and continued all winter when the earth frosted and pine needles clung frozen to his feet.

Now it was May. Six months were gone, and Preacher, born in May and married in May, thought surely here was the month that would see the end of his mission. It was his superstition that a sign marked this day in particular; so he followed the path more rapidly than usual.

Sun pooled in shafts, caught in his hair, changed the color of the Spanish moss, flung limp and long like whiskers across the waterbay branches, from gray to pearl to blue to gray. A cicada called. Another answered. "Shut up, beetle-bugs! Whut you wanna be makin' so much racket fer? You lonesome?"

The path was tricky, and sometimes, because it was really no more than a thread of trampled ground, difficult to maintain. At one point it sloped downward into a hollow that smelled of sweet gum and here began a thickly-vined stretch where it was night black and the brush trembled with who-knows-what. "Git out o' there, all you devils! Ain't nary a one of you kin scare Preacher. Ol' buzzards and ghosts, bettah watch out! Preacher . . . he'll bust you side de haid an' skin off yo' hide an' gouge out yo' eyes an' stomp de whole caboodle down to de pit of fire!" But all the same his heart beat faster, his cane rapped searchingly before him; the beast lurked behind; terrible eyes, shining in hell, watched from their lair!

Evelina, he recalled, had never believed in the Spirits and this made him angry. "Hush now, Preacher," she would say, "I ain't gonna listen to no mo' of dat spook talk. Why, man, dey ain't no spooks 'cept in yo' haid." Oh, she had been unwise, for now, sure as there was a God in heaven, she belonged among the hunters and the hungry-eyed waiting there in the dark. He paused, called, "Evelina? Evelina . . . ansuw me, honey." And he hurried on, suddenly fearful that someday she would hear and, not recognizing, devour him whole.

Soon the sound of the creek; from there *The Place* was only a few steps. He pushed aside a thorny nettle and, with anguished grunts, lowered himself down the bank and crossed the stream, stone by stone, with studied precision. Nervous minnow schools made finicky forays along the clear and shallow edge and emerald-winged dragons plucked at the surface. On the opposite bank, a humming bird, whirring its invisible wings, ate the heart of a giant tiger lily.

So the trees thinned and the path broadened into a small, cubic clearing. Preacher's place. Once, before the lumber mill closed, it had been a washing center for the women, but that was long ago. A flow of swallows swept overhead and from somewhere nearby an unfamiliar bird sang a strange, persistent song.

He was tired and out of breath, and he dropped to his knees.

leaning his cane against a rotted oak stump on which clusters of devil's snuff grew. Then, unfolding his Bible to where a silver ribbon lay pressed between the pages, he clasped his hands and lifted his head.

Several moments of silence, his eyes pinched narrow, intent upon the ring of sky; the smoky strands of cloud, like stray loops of tow hair, that seemed scarcely to move over the blue screen, paler than milk glass.

Then, in just a whisper:

"Mistuh Jesus? Mistuh Jesus?"

The wind whispered back, uprooting winter-buried leaves that turned furtive cart wheels across the moss-green floor.

"I'se back agin, Mistuh Jesus, faithful to de minute. Please, suh, pay 'tention to ol' Preacher."

Certain of his audience, he smiled sadly and waved. It was time to speak his piece. He said he was old; he didn't know how old, ninety or a hundred, maybe. And his business finished and all his people gone. If there was still the family, then things might be different. Hosanna! But Evelina had passed away and what had become of the children? Billy Boy and Jasmine and Landis and Le Roy and Anna-Jo and Beautiful Love? Some to Memphis and Mobile and Birmingham, some to their graves. Anyway they weren't with him; they had left the land he had worked so hard, and the fields were ruined and he was frightened in the old house at night with nothing for company but the whippoorwill. And so it was very unkind to keep him here when he longed to be with the others wherever they were. "Glory be, Mistuh Jesus, I'se ancient as de ancientest turtle an' ancientuh than dat . . ."

Lately he had fallen into a habit of pleading his case many times, and the longer he carried on the shriller and more urgent his voice became till it swelled fierce and demanding, and the bluejays, watching from the pine branches, flew away in rage and terror.

He stopped abruptly and cocked his head and listened. It repeated

itself: an odd, disturbing sound. He looked this way and that way and then he saw a miracle: A flaming head, bobbing above the brush, was floating towards him; its hair was curled and red; a brilliant beard streamed down its face. Worse yet, another apparition, paler and more luminous, drifted after it.

Intense panic and confusion stiffened Preacher's face and he moaned. Never in the history of Calupa County had such a miserable sound been heard. A crop-eared black-and-tan charged into the clearing, glared and growled with ropes of saliva dangling from its mouth. And two men, two strangers, stepped out of the shade, green shirts open at their throats, snakeskin galluses supporting their cor-duroy breeches. Both were short but magnificently built and one was curly-headed and sported an orange-red beard, the other yellow-haired and smooth-cheeked. A slain wildcat was slung between them on a bamboo pole and tall rifles stood at their sides.

This was all Preacher needed, and he moaned again and jumped to his feet and bounded like a jack rabbit into the forest and onto the path. So great was his haste that he left his cane resting against the oak stump and his Bible open on the moss. The hound wagged forward, sniffed at the pages and started chase.

"What in all fired hell?" said Curly Head, picking up the book and cane.

"Damnedest thing I ever saw," said Yellow Hair.

They settled the cateymount, swinging on the pole where its paws were secured with hemp, over their broad shoulders, and Curly Head said, "Guess we better get after that dog, cuss him anyway."

"Spec we had," said Yellow Hair. "Only I'd give a pretty penny to rest a spell. . . . Got a blister the size of a half dollar about to kill me."

Swaying under their weight of rifle and game, they struck up a song and moved towards the darkening pines and the cateymount's glazed, golden eyes, fixed wide, caught and reflected the late sun, kicked back its fire.

In the meantime Preacher had covered considerable distance. Truly he hadn't run so fast since the day the hoop snake had chased him from here to Kingdom Come. He was no longer decrepit but a sprinter stepping along spry as you please. His legs shot sturdy and sure over the path and it is to be noted that a wretched kink in his back, from which he had suffered twenty years, dissolved that afternoon never to reappear. The dark hollow flew past without his being aware, and, as he waded across the creek, his overalls flapped crazily. Oh, he was wounded with fear and the pad of his racing feet was a raging drum.

Then, just as he reached the dogwood tree, he had a tremendous thought. It was so severe and stunning that he stumbled and fell against the tree, which scattered rain and scared him badly. He rubbed his hurt elbow, flicked his tongue over his lips and nodded. "Lord above," he said, "what has done been did to me?" Yes, he knew. He knew who the strangers were—knew it from the Good Book—but it was less comfort than might be supposed.

So he crawled to his feet and fled through the yard and up the steps.

On the porch he turned and glanced backward. Quiet, still: nothing stirring but shadows. Dusk was spreading fanwise over the ridge; fields and trees, bush and vine, were webbed in gathering color; purple and rose and the little peach trees were silver-green. And, not far off, the hound was baying. Momentarily, Preacher considered running the miles to Cypress City but that, he knew, would never save him. "Nevuh in dis world."

Shut the door, bolt it good; there, that's fine! Now the windows. But, oh, the shutters are broken and gone!

And he stood helpless and defeated, staring at the hollow squares where moon vine crept over the sill. What was that? "Evelina? Evelina! Evelina!" Mice claws in the walls, only wind flirring a calendar leaf.

So, muttering violently, he shuffled about the cabin arranging, dusting, threatening. "Spiduh's an' widduh's, hide yo' self fo' shame. . . . Pow'ful big comp'ny comin' to call." He lit a brass kerosene lamp (a gift to Evelina, Christmas 1918) and when the flame quickened he placed it on the mantel beside a blurred photograph (taken by the Pose-Yourself man who traveled through once a year) of a cheeky, beverage-colored face, Evelina, smiling, with a twist of white net in her hair. Next he puffed a satin pillow (Grand Prize in Scrap Quilt, awarded to Beautiful Love, Cypress Frolics Fair 1910) and dropped it proudly in the rocker. There was nothing left to do; so he prodded the fire, added a chunk of kindling and sat down to wait.

Not long. For presently there was singing; deep voices chanting airs that echoed and echoed with immense and rollicking power: "I've been workin' on the RAIL-road, *All the livelong day*. . . ."

Preacher, his eyes closed, his hands folded solemnly, measured their merry path: in the pecan grove, on the road, under the china-berry. . . .

(On the eve of his Pappy's death, it was said, a great red-winged bird with a fearsome beak had sailed into the room from nowhere, twice circled the old man's bed and, before the watcher's very eyes, disappeared.)

Preacher half expected such a symbol now.

Up the steps they tramped and onto the porch, their boots heavy on the sagging boards. He sighed when they knocked; he would have to let them in. So he smiled at Evelina, thought briefly of his outrageous offspring and, moving ever so slowly, reached the door, removed the plank and opened it wide.

Curly Head, the one with the long, orange-red beard, stepped forward first, mopping his square, burned face with a throat bandanna. He saluted as if he were touching an invisible hat.

"Evenin', Mistuh Jesus," said Preacher, bowing low as he could.

"Evening," said Curly Head.

Yellow Hair followed, jaunty and whistling, a cocky swing to his gait and his hands dug deep in the pockets of his corduroys. He gave Preacher a head-to-toe scowl.

"Evenin', Mistuh Saint," said Preacher, distinguishing them arbitrarily.

"Hi."

And Preacher trotted anxiously after them till they were all knotted before the fire. "How you gent'mens feelin'?" he said.

"Can't complain," said Curly Head, admiring the comic-strip patter and calendar-girl display. "You sure got an eye for the gals, Gran'pa."

"Nawsuh," said Preacher gravely, "I ain't studyin' 'bout nona them ol' gals, nawsuhi!" And he shook his head for emphasis. "I'se a Christian, Mistuh Jesus: an upstandin' Baptist, paid-in-full membuh of de Cypress City Mornin' Star."

"No offense meant," said Curly Head. "What's your name, Gran'pa?"

"Name? Why, Mistuh Jesus, you knows I'm Preacher. Preacher what's been conversin' wid you nigh on six months?"

"Why, sure I do," said Curly Head and slapped him heartily on the back; "course I do."

"What is this?" said Yellow Hair. "What in hell are you talking about?"

"Got me," said Curly Head, and shrugged. "Look, Preacher, we've had a hard day and we're kind of thirsy. . . . Think you could help us out?"

Preacher smiled craftily, raised his arm, said, "Ain't nevuh touched a drop in my life, dat's de truth."

"We mean water, Gran'pa. Plain old drinking water."

"And make sure the dipper's clean," said Yellow Hair. He was a very particular fellow and a bit sour for all his jaunty ways. "What you have this fire blazing away for, Gran'pa?"

"It be on accounta my health, Mistruh Saint. I gits de chills mighty easy."

Yellow Hair said, "It's just like these colored folks come out of a machine, all of them all the time sick and all the time got funny notions."

"I ain't sick," said Preacher, beaming. "I'se fine! Ain't nevu' felt no bettuh 'n whut I feels right now, nawsu'!" He fondled the arm of the rocker. "Come sits yo'self here in my nice rockah, Mistruh Jesus. See de pretty pillow? Mistruh Saint . . . hims welcome to de baid."

"Much obliged."

"Could do with a sit-down, thanks."

Curly Head was the older and more handsome: head finely set, eyes a kind deep blue, face full and strong and wearing a rather earnest expression. The beard lent a touch of real magnificence. He spread his legs wide and swung one over the rocker's arm. Yellow Hair, sharper featured and paler complexioned, collapsed on the bed and scowled at this and that. The fire made a drowsy sound; the lamp sputtered softly.

"Spec I best git my belongin's?" said Preacher, his voice quite wan. When no answer was forthcoming he spread his quilt in a far corner, and silently, a little secretively, began gathering Evelina's picture, his pipe, a green bottle that once had held his anniversary scuppernong wine and now contained seven good-luck pink pebbles and a net of dust and spider threads, an empty box of Paradise candy and other objects, equally precious, which he piled on the quilt. Then he rummaged through a cedar chest, smelling of years, and found a shining squirrel-skin cap and pulled it on. It was good and warm; the journey might prove very cold.

While he did this Curly Head methodically picked his teeth with a hen quill he had borrowed from a jar and watched the old man's proceedings with a puzzled frown. Yellow Hair was whistling again; the tune he whistled was completely flat.

After Preacher had been about his business for a great while, Curly

Head cleared his throat and said, "Hope you haven't forgot that drink of water, Gran'pa. Surely would appreciate it."

Preacher hobbled to the well bucket hid among the stove's litter. "Seems lak I can't remembuh nothin', Mistruh Jesus. Seems lak I leaves my haid outside when I come in." He had two gourds and filled them to the brim. When Curly Head finished, he wiped his mouth and said, "Fine and dandy," and began to rock, letting his boots drag the hearth with a sleepy rhythm.

Preacher's hands trembled as he tied his quilt, and it required five tries. Then he perched himself on an upended log between the two men, his small legs barely scraping the floor. The torn lips of the golden girl holding the bottle of NE-HI smiled down and the firelight flared an appealing mural on the walls. Through the open windows could be heard crocheting insects in the weeds and sundry night cadences, familiar in all Preacher's lifetime. Oh, how beautiful his cabin seemed, how wonderful what he had grown to despise. He had been so wrong! What a doggone fool! He could never leave, now or ever. But there, before him, were four feet wearing four boots and the door well behind them.

"Mistuh Jesus," he said, careful of his tone, "I'se been turnin' de whole mattah ovah an' I'se come to conclude I don't wants to go wid y' all."

Curly Head and Yellow Hair exchanged strange glances and Yellow Hair, rising from the bed, hunched himself above Preacher and said, "What's the matter, Gran'pa? You got a fever?"

Mortally ashamed, Preacher said, "Please, suh, beggin' pardon . . . I don't wants to go nowhere."

"Look here, Gran'pa, talk sense," said Curly Head kindly. "If you're sick we'll be glad to get a doctor from town."

"Ain't no use," said Preacher. "If de time's up, de time's up . . . But I'd be tickled iffen y'all 'ud leave me be."

"All we want to do is help," said Yellow Hair.

"Sure is," said Curly Head and squirted a fat spit into the fire.

"You're being parentee cussed, that's what I say. It's not everybody we'd take so much pains to do them a favor, not by a long shot."

"Thank ya all de same, Mistuh Jesus. I knows I done put y'all to a lotta extry trouble."

"Come on now, Gran'pa," said Yellow Hair, his voice dropping several notches. "what's wrong? You in trouble with some gal?"

Curly Head said, "Now don't joke with Gran'pa. He's just been sitting in the sun too long, that's all. Else I never saw a case like it."

"Me either," said Yellow Hair. "But you never can tell about these old coons; liable to go off the deep end before you can bat your eyes."

Preacher sank lower and lower till he was almost curved double and his chin had begun twitching.

"First he runs off like he'd seen the devil himself," said Yellow Hair, "and now he acts like I don't know what."

"Dat ain't so," cried Preacher, his eyes alarmingly wide. "I recognize y'all from de Good Book. An' I see a good man. I see as good a man as evah lived . . . ain't nevah done wrong to nobody. . . ."

"Abhh," hummed Yellow Hair, "I give up! Gran'pa . . . you ain't worth trifling with."

"That's a fact," said Curly Head.

Preacher bowed his head and brushed a squirrel tail away from his cheek. "I knows," he said. "Yassuh, I does. I see been a pow'ful big fool and dats de Gospel. But if you leaves me stay put, I'll yank out all dem weeds in de yard and de field and git back to farmin' an' whup dat Anna-Jo 'til she come home an' care fo' her Pappy lak she ought."

Curly Head pulled at his beard and snapped his suspenders. His eyes, very blank and blue, imprisoned Preacher's face exactly. At length he said, "Can't seem to figure it out."

"That's mighty easy," said Yellow Hair. "He's got the devil rattling around inside him."

"I see an upstandin' Baptist," Preacher reminded, "membuh of de Cypress City Mornin' Star. An' I ain't but seventy years old."

"Now, Gran'pa," said Yellow Hair. "You're a hundred if you're a

day. Oughtn't to tell whoppers like that. It all goes down in that big black book upstairs, remember."

"Miserable sinnuh," said Preacher, "ain't I de most miserablest sinnuh?"

"Well," said Curly Head, "I don't know." Then he smiled and stood up and yawned. "Tell you what," he said, "I speculates I'm hungry enough to eat toadstools. Come on, Jesse, we better get home before the women throw our supper to the hogs."

Yellow Hair said, "Christamighy, I don't know whether I can take a step or not; that blister's on fire," and to Preacher, "Guess we'll have to leave you in your misery too, Gran'pa."

And Preacher grinned so that his four upper teeth and three lower (including the gold cap from Evelina, Christmas 1922) showed. His eyes blinked furiously. Like a wizened and rather peculiar child he fairly danced to the door and insisted upon kissing the men's hands as they trudged past.

Curly Head bounced down the steps and back and handed Preacher his Bible and cane while Yellow Hair waited in the yard where evening had drawn pale curtains.

"Hang onto these now, Gran'pa," said Curly Head, "and don't let us catch you over in the piney woods anymore. An old fellow like you can get into all kinds of trouble. You be good now."

"Hee hee hee," giggled Preacher, "I sure 'nuf will an' thank ya, Mistuh Jesus, an' you too, Mistuh Saint . . . thank ya. Even if ain't nobody gonna believes me iffen I tells 'em."

They shouldered their rifles and lifted the cateymount. "Best of luck," said Curly Head; "we'll be back some other time, for a drink of water, maybe."

"Long life and a merry one, you old goat," said Yellow Hair as they moved across the yard towards the road.

Preacher, watching from the porch, suddenly remembered and he called, "Mistuh Jesus . . . Mistuh Jesus! If you kin see yo' way clear to do me one mo' favuh, I'd 'preciate it if you evah gits de time iffen

you'd find my ol' woman . . . name's Evelina . . . an' say hello from Preacher an' tells her what a good happy man I is."

"First thing in the morning, Gran'pa," said Curly Head, and Yellow Hair burst out laughing.

And their shadows turned up the road and the black-and-ran crept from a gully and trotted after them. Preacher called and waved good-bye. But they were laughing too hard to hear and their laughter drifted back on the wind long after they passed over the ridge where fireflies embroidered small moons on the blue air.

A TREE OF NIGHT

(1945)

It was winter. A string of naked light bulbs, from which it seemed all warmth had been drained, illuminated the little depot's cold, windy platform. Earlier in the evening it had rained, and now icicles hung along the station-house eaves like some crystal monster's vicious teeth. Except for a girl, young and rather tall, the platform was deserted. The girl wore a gray flannel suit, a raincoat, and a plaid scarf. Her hair, parted in the middle and rolled up neatly on the sides, was rich blondish-brown; and, while her face tended to be too thin and narrow, she was, though not extraordinarily so, attractive. In addition to an assortment of magazines and a gray suede purse on which elaborate brass letters spelled Kay, she carried conspicuously a green Western guitar.

When the train, spouting steam and glaring with light, came out of the darkness and rumbled to a halt, Kay assembled her paraphernalia and climbed up into the last coach.

The coach was a relic with a decaying interior of ancient red-plush seats, bald in spots, and peeling iodine-colored woodwork. An old-time copper lamp, attached to the ceiling, looked romantic and out of place. Gloomy dead smoke sailed the air; and the car's heated closeness accentuated the stale odor of discarded sandwiches, apple

day she was leaving. Around noon the sun came out, bringing with it into the air all the sweetness of wisteria. Aunt El's yellow Lady Anne's were blooming again, and she did something wonderful, she told Billy Bob he could pick them and give them to Miss Bobbit for good-bye. All afternoon Miss Bobbit sat on the porch surrounded by people who stopped by to wish her well. She looked as though she were going to Communion, dressed in white and with a white parasol. Sister Rosalba had given her a handkerchief, but she had to borrow it back because she couldn't stop blubbering. Another little girl brought a baked chicken, presumably to be eaten on the bus; the only trouble was she'd forgotten to take out the insides before cooking it. Miss Bobbit's mother said that was all right by her, chicken was chicken; which is memorable because it is the single opinion she ever voiced. There was only one sour note. For hours Preacher Star had been hanging around down at the corner, sometimes standing at the curb tossing a coin, and sometimes hiding behind a tree, as if he didn't want anyone to see him. It made everybody nervous. About twenty minutes before bus time he sauntered up and leaned against our gate. Billy Bob was still in the garden picking roses; by now he had enough for a bonfire, and their smell was as heavy as wind. Preacher stared at him until he lifted his head. As they looked at each other the rain began again, falling fine as sea spray and colored by a rainbow. Without a word, Preacher went over and started helping Billy Bob separate the roses into two giant bouquets: together they carried them to the curb. Across the street there were bumblebees of talk, but when Miss Bobbit saw them, two boys whose flower-masked faces were like yellow moons, she rushed down the steps, her arms outstretched. You could see what was going to happen; and we called out, our voices like lightning in the rain, but Miss Bobbit, running toward those moons of roses, did not seem to hear. That is when the six-o'clock bus ran over her.

MASTER MISERY

(1949)

Her high heels, clacking across the marble foyer, made her think of ice cubes rattling in a glass, and the flowers, those autumn chrysanthemums in the urn at the entrance, if touched they would shatter, splinter, she was sure, into frozen dust; yet the house was warm, even somewhat overheated, but cold, and Sylvia shivered, but cold, like the snowy swollen wastes of the secretary's face: Miss Mozart, who dressed all in white, as though she were a nurse. Perhaps she really was; that, of course, could be the answer. Mr. Revercomb, you are mad, and this is your nurse; she thought about it for a moment, well, no. And now the butler brought her scarf. His beauty touched her: slender, so gentle, a Negro with freckled skin and reddish, unreflecting eyes. As he opened the door, Miss Mozart appeared, her starched uniform rustling dryly in the hall. "We hope you will return," she said, and handed Sylvia a sealed envelope. "Mr. Revercomb was most particularly pleased."

Outside, dusk was falling like blue flakes, and Sylvia walked crosstown along the November streets until she reached the lonely upper reaches of Fifth Avenue. It occurred to her then that she might walk home through the park: an act of defiance almost, for Henry and Estelle, always insistent upon their city wisdom, had said over

and again. Sylvia, you have no idea how dangerous it is, walking in the park after dark; look what happened to Myrtle Calisher. This isn't Easton, honey. That was the other thing they said. And said. God, she was sick of it. Still, and aside from a few of the other typists at SnugFare, an underwear company for which she worked, who else in New York did she know? Oh, it would be all right if only she did not have to live with them, if she could afford somewhere a small room of her own; but there in that chintz-cramped apartment she sometimes felt she would choke them both. And why had she come to New York? For whatever reason, and it was indeed becoming vague, a principal cause of leaving Easton had been to rid herself of Henry and Estelle; or rather, their counterparts, though in point of fact Estelle was actually from Easton, a town north of Cincinnati. She and Sylvia had grown up together. The real trouble with Henry and Estelle was that they were so excruciatingly married. Nambypamby, bootsyrotsy, and everything had a name: the telephone was Tinkling Tillie, the sofa, Our Nelle, the bed, Big Bear; yes, and what about those His-Her towels, those He-She pillows? Enough to drive you loony. "Loony!" she said aloud, the quiet park erasing her voice. It was lovely now, and she was right to have walked here, with wind moving through the leaves, and globe lamps, freshly aglow, kindling the chalk drawings of children, pink birds, blue arrows, green hearts. But suddenly, like a pair of obscene words, there appeared on the path two boys: pimple-faced, grinning, they loomed in the dusk like menacing flames, and Sylvia, passing them, felt a burning all through her, quite as though she'd brushed fire. They turned and followed her past a deserted playground, one of them bump-bumping a stick along an iron fence, the other whistling; these two sounds accumulated around her like the gathering roar of an oncoming engine, and when one of the boys, with a laugh, called, "Hey, whatsa hurry?" her mouth twisted for breath. Don't, she thought, thinking to throw down her purse and run. At that moment, however, a man walking a dog came up a sidepath, and she followed at his heels to the exit

Wouldn't they feel gratified, Henry and Estelle, wouldn't they we-told-you-so if she were to tell them? and, what is more, Estelle would write it home and the next thing you knew it would be all over Easton that she'd been raped in Central Park. She spent the rest of the way home despising New York: anonymity; its virtuous terror; and the speaking drainpipe, all-night light, ceaseless footfall, subway corridor, numbered door (3C).

"Shh, honey," Estelle said, sidling out of the kitchen, "Bootsy's doing his homework." Sure enough, Henry, a law student at Columbia, was hunched over his books in the living room, and Sylvia, at Estelle's request, took off her shoes before tiptoeing through. Once inside her room, she threw herself on the bed and put her hands over her eyes. Had today really happened? Miss Mozart and Mr. Revercomb, were they really in the tall house on Seventy-eighth Street?

"So, honey, what happened today?" Estelle had entered without knocking.

Sylvia sat up on her elbow. "Nothing. Except that I typed ninety-seven letters."

"About what, honey?" asked Estelle, using Sylvia's hairbrush.

"Oh, hell, what do you suppose? SnugFare, the shorts that safely support our leaders of Science and Industry."

"Gee, honey, don't sound so cross. I don't know what's wrong with you sometimes. You sound so cross. Ouch! Why don't you get a new brush? This one's just knotted with hair..."

"Mostly yours."

"What did you say?"

"Skip it."

"Oh, I thought you said something. Anyway, like I was saying, I wish you didn't have to go to that office and come home every day feeling cross and out of sorts. Personally, and I said this to Bootsy just last night and he agreed with me one hundred percent, I said, Bootsy, I think Sylvia ought to get married: a girl high-strung like that needs her tensions relaxed. There's no earthly reason why you

shouldn't. I mean maybe you're not pretty in the ordinary sense, but you have beautiful eyes, and an intelligent, really sincere look. In fact you're the sort of girl any professional man would be lucky to get. And I should think you would want to . . . Look what a different person I am since I married Henry. Doesn't it make you lonesome seeing how happy we are? I'm here to tell you, honey, that there is nothing like lying in bed at night with a man's arms around you and . . ."

"Estelle! For Christ's sake!" Sylvia sat bolt upright in bed, anger on her cheeks like rouge. But after a moment she bit her lip and lowered her eyelids. "I'm sorry," she said, "I didn't mean to shout. Only I wish you wouldn't talk like that."

"It's all right," said Estelle, smiling in a dumb, puzzled way. Then she went over and gave Sylvia a kiss. "I understand, honey. It's just that you're plain worn out. And I'll bet you haven't had anything to eat either. Come on in the kitchen and I'll scramble you some eggs."

When Estelle set the eggs before her, Sylvia felt quite ashamed; after all, Estelle was trying to be nice; and so then, as though to make it all up, she said: "Something did happen today."

Estelle sat down across from her with a cup of coffee, and Sylvia went on: "I don't know how to tell about it. It's so very odd. But—well, I had lunch at the Automat today, and I had to share the table with these three men. I might as well have been invisible because they talked about the most personal things. One of the men said his girl friend was going to have a baby and he didn't know where he was going to get the money to do anything about it. So one of the other men asked him why didn't he sell something. He said he didn't have anything to sell. Whereupon the third man (he was rather delicate and didn't look as if he belonged with the others) said yes, there was something he could sell: *dreams*. Even I laughed, but the man shook his head and said very seriously: no, it was perfectly true, his wife's aunt, Miss Mozart, worked for a rich man who bought dreams, regular night-time dreams—from anybody. And he wrote down the

man's name and address and gave it to his friend; but the man simply left it lying on the table. It was too crazy for him, he said."

"Me, too," Estelle put in a little righteously.

"I don't know," said Sylvia, lighting a cigarette. "But I couldn't get it out of my head. The name written on the paper was A. F. Revercomb and the address was on East Seventy-eighth Street. I only glanced at it for a moment, but it was . . . I don't know, I couldn't seem to forget it. It was beginning to give me a headache. So I left the office early . . ."

Slowly, and with emphasis, Estelle put down her coffee cup. "Honey, listen, you don't mean you went to see him, this Revercomb nut?"

"I didn't mean to," she said, immediately embarrassed. To try and tell about it she now realized was a mistake. Estelle had no imagination, she would never understand. So her eyes narrowed, the way they always did when she composed a lie. "And, as a matter of fact, I didn't," she said flatly. "I started to; but then I realized how silly it was, and went for a walk instead."

"That was sensible of you," said Estelle as she began stacking dishes in the kitchen sink. "Imagine what might have happened. Buying dreams! Whoever heard? Uh uh, honey, this sure isn't Easton."

Before retiring, Sylvia took a Secondal, something she seldom did; but she knew otherwise she would never rest, not with her mind so nimble and somersaulting; then, too, she felt a curious sadness, a sense of loss, as though she'd been the victim of some real or even moral theft, as though, in fact, the boys encountered in the park had snatched (abruptly she switched on the light) her purse. The envelope Miss Mozart had handed her: it was in the purse, and until now she had forgotten it. She tore it open. Inside there was a blue note folded around a bill; on the note there was written: *In payment of one dream, \$5*. And now she believed it; it was true, and she had sold Mr. Revercomb a dream. Could it be really so simple as that? She laughed

a little as she turned off the light again. If she were to sell a dream only twice a week, think of what she could do: a place somewhere all her own, she thought, deepening toward sleep: ease, like firelight, wavered over her, and there came the moment of twilight lantern slides, deeply deeper. His lips, his arms: telescoped, descending; and distastefully she kicked away the blanket. Were these cold man-arms the arms Estelle had spoken of? Mr. Revercomb's lips brushed her ear as he leaned far into her sleep. Tell me? he whispered.

It was a week before she saw him again, a Sunday afternoon in early December. She'd left the apartment intending to see a movie, but somehow, and as though it had happened without her knowledge, she found herself on Madison Avenue, two blocks from Mr. Revercomb's. It was a cold, silver-skied day, with winds sharp and catching as hollyhock: in store windows icicles of Christmas tinsel twinkled amid mounds of sequined snow: all to Sylvia's distress, for she hated holidays, those times when one is most alone. In one window she saw a spectacle which made her stop still. It was a life-sized, mechanical Santa Claus; slapping his stomach he rocked back and forth in a frenzy of electrical mirth. You could hear beyond the thick glass his squeaky uproarious laughter. The longer she watched the more evil he seemed, until, finally, with a shudder, she turned and made her way into the street of Mr. Revercomb's house. It was, from the outside, an ordinary town house, perhaps a trifle less polished, less imposing than some others, but relatively grand all the same. Winter-withered ivy writhed about the leaded windowpanes and trailed in octopus ropes over the door; at the sides of the door were two small stone lions with blind, chipped eyes. Sylvia took a breath, then rang the bell. Mr. Revercomb's pale and charming Negro recognized her with a courteous smile.

On the previous visit, the parlor in which she had awaited her audience with Mr. Revercomb had been empty except for herself. This time there were others present, women of several appearances, and an excessively nervous, gnat-eyed young man. Had this group been what it resembled, namely, patients in a doctor's anteroom, he would

have seemed either an expectant father or a victim of St. Vitus. Sylvia was seated next to him, and his fidgety eyes unbuttoned her rapidly: whatever he saw apparently intrigued him very little, and Sylvia was grateful when he went back to his twitchy preoccupations. Gradually, though, she became conscious of how interested in her the assemblage seemed; in the dim, doubtful light of the plant-filled room their gazes were more rigid than the chairs upon which they sat; one woman was particularly relentless. Ordinarily, her face would have had a soft commonplace sweetness, but now, watching Sylvia, it was ugly with distrust, jealousy. As though trying to tame some creature which might suddenly spring full-fanged, she sat stroking a flea-bitten neck fur, her stare continuing its assault until the earthquake footstep of Miss Mozart was heard in the hall. Immediately, and like frightened students, the group, separating into their individual identities, came to attention. "You, Mr. Pocker," accused Miss Mozart, "you're next!" And Mr. Pocker, wringing his hands, jittering his eyes, followed after her. In the dusk-room the gathering settled again like sun motes.

It began then to rain: melting window reflections quivered on the walls, and Mr. Revercomb's young butler, seeping through the room, stirred a fire in the grate, set tea things upon a table. Sylvia, nearest the fire, felt drowsy with warmth and the noise of rain; her head tilted sideways, she closed her eyes, neither asleep nor really awake. For a long while only the crystal swingings of a clock scratched the polished silence of Mr. Revercomb's house. And then, abruptly, there was an enormous commotion in the hall, capsizing the room into a fury of sound: a bull-deep voice, vulgar as red, roared out: "Stop O'Reilly? The baller butler and who else?" The owner of this voice, a tub-shaped, brick-colored little man, shoved his way to the parlor threshold, where he stood drunkenly seesawing from foot to foot. "Well, well, well," he said, his gin-hoarse voice descending the scale, "and all these ladies before me? But O'Reilly is a gentleman, O'Reilly waits his turn."

"Not here, he doesn't," said Miss Mozart, stealing up behind him

and seizing him sternly by the collar. His face went even redder and his eyes bubbled out: "You're choking me," he gasped, but Miss Mozart, whose green-pale hands were as strong as oak roots, jerked his tie still tighter, and propelled him toward the door, which presently slammed with shattering effect: a tea cup tinkled, and dry dahlia leaves tumbled from their heights. The lady with the fur slipped an aspirin into her mouth. "Disgusting," she said, and the others, all except Sylvia, laughed delicately, admiringly, as Miss Mozart strode past dusting her hands.

It was raining thick and darkly when Sylvia left Mr. Revercomb's. She looked around the desolate street for a taxi; there was nothing, however, and no one; yes, someone, the drunk man who had caused the disturbance. Like a lonely city child, he was leaning against a parked car and bouncing a rubber ball up and down. "Lookit, kid," he said to Sylvia. "lookit, I just found this ball. Do you suppose that means good luck?" Sylvia smiled at him; for all his bravado, she thought him rather harmless, and there was a quality in his face, some grinning sadness suggesting a clown minus makeup. Juggling his ball, he skipped along after her as she headed toward Madison Avenue. "I'll bet I made a fool of myself in there," he said. "When I do things like that I just want to sit down and cry." Standing so long in the rain seemed to have sobered him considerably. "But she ought not to have choked me that way; damn, she's too rough. I've known some rough women: my sister Berenice could brand the wildest bull; but that other one, she's the roughest of the lot. Mark O'Reilly's word, she's going to end up in the electric chair," he said, and smacked his lips. "They've got no cause to treat me like that. It's every bit his fault anyhow. I didn't have an awful lot to begin with, but then he took it every bit, and now I've got *niente*, kid, *niente*."

"That's too bad," said Sylvia, though she did not know what she was being sympathetic about. "Are you a clown, Mr. O'Reilly?"

"Was," he said.

By this time they had reached the avenue, but Sylvia did not even

look for a taxi; she wanted to walk on in the rain with the man who had been a clown. "When I was a little girl I only liked clown dolls," she told him. "My room at home was like a circus."

"I've been other things besides a clown. I have sold insurance also."

"Oh?" said Sylvia, disappointed. "And what do you do now?"

O'Reilly chuckled and threw his ball especially high; after the catch his head still remained tilted upward. "I watch the sky," he said. "There I am with my suitcase traveling through the blue. It's where you travel when you've got no place else to go. But what do I do on this planet? I have stolen, begged, and sold my dreams—all for purposes of whiskey. A man cannot travel in the blue without a bottle. Which brings us to a point: how'd you take it, baby, if I asked for the loan of a dollar?"

"I'd take it fine," Sylvia replied, and paused, uncertain of what she'd say next. They wandered along so slowly, the stiff rain enclosing them like an insulating pressure; it was as though she were walking with a childhood doll, one grown miraculous and capable; she reached and held his hand: dear clown traveling in the blue. "But I haven't got a dollar. All I've got is seventy cents."

"No hard feelings," said O'Reilly. "But honest, is that the kind of money he's paying nowadays?"

Sylvia knew whom he meant. "No, no—as a matter of fact, I didn't sell him a dream." She made no attempt to explain; she didn't understand it herself. Confronting the graying invisibility of Mr. Revercomb (impeccable, exact as a scale, surrounded in a cologne of clinical odors; flar gray eyes planted like seed in the anonymity of his face and sealed within steel-dull lenses) she could not remember a dream, and so she told of two thieves who had chased her through the park and in and out among the swings of a playground. "Stop, he said for me to stop; there are dreams and dreams, he said, but that is not a real one, that is one you are making up. Now how do you suppose he knew that? So I told him another dream; it was about him,

of how he held me in the night with balloons rising and moons falling all around. He said he was not interested in dreams concerning himself." Miss Mozart, who transcribed the dreams in shorthand, was told to call the next person. "I don't think I will go back there again," she said.

"You will," said Oreilly. "Look at me, even I go back, and he has long since finished with me, Master Misery."

"Master Misery? Why do you call him that?"

They had reached the corner where the maniacal Santa Claus rocked and bellowed. His laughter echoed in the rainy squeaking street, and a shadow of him swayed in the rainbow lights of the pavement. Oreilly, turning his back upon the Santa Claus, smiled and said: "I call him Master Misery on account of that's who he is. Master Misery. Only maybe you call him something else; anyway, he is the same fellow, and you must've known him. All mothers tell their kids about him: he lives in hollows of trees, he comes down chimneys late at night, he lurks in graveyards and you can hear his step in the attic. The sonofabitch, he is a thief and a threat: he will take everything you have and end by leaving you nothing, not even a dream. Boo!" he shouted, and laughed louder than Santa Claus. "Now do you know who he is?"

Sylvia nodded. "I know who he is. My family called him something else. But I can't remember what. It was so long ago."

"But you remember him?"

"Yes, I remember him."

"Then call him Master Misery," he said, and, bouncing his ball, walked away from her. "Master Misery," his voice trailed to a mere moth of sound, "Mas-ter Mis-er-y..."

It was hard to look at Estelle, for she was in front of a window, and the window was filled with windy sun, which hurt Sylvia's eyes, and the glass rattled, which hurt her head. Also, Estelle was lecturing. Her nasal voice sounded as though her throat were a depository for

rusty blades. "I wish you could see yourself," she was saying. Or was that something she'd said a long while back? Never mind. "I don't know what's happened to you: I'll bet you don't weigh a hundred pounds, I can see every bone and vein, and your hair! you look like a poodle."

Sylvia passed a hand over her forehead. "What time is it, Estelle?" "It's four," she said, interrupting herself long enough to look at her watch. "But where is your watch?"

"I sold it," said Sylvia, too tired to lie. It did not matter. She had sold so many things, including her beaver coat and gold mesh evening bag.

Estelle shook her head. "I give up, honey, I plain give up. And that was the watch your mother gave you for graduation. It's a shame," she said, and made an old-maid noise with her mouth, "a pity and a shame. I'll never understand why you left us. That is your business, I'm sure; only how could you have left us for this... this...?"

"Dump," supplied Sylvia, using the word advisedly. It was a furnished room in the East Sixties between Second and Third Avenues. Large enough for a daybed and a splintery old bureau with a mirror like a cataracted eye, it had one window, which looked out on a vast vacant lot (you could hear the rough afternoon voices of desperate running boys) and in the distance, like an exclamation point for the skyline, there was the black smokestack of a factory. This smokestack occurred frequently in her dreams; it never failed to arouse Miss Mozart: "Phallic, phallic," she would mutter, glancing up from her shorthand. The floor of the room was a garbage pail of books begun but never finished, antique newspapers, even orange hulls, fruit cores, underwear, a spilled powder box.

Estelle kicked her way through this trash, and sat down on the daybed. "Honey, you don't know, but I've been worried crazy. I mean I've got pride and all that and if you don't like me, well, o.k.; but you've got no right to stay away like this and not let me hear from you in over a month. So today I said to Boots, Boots, I've got a feel-

ing something terrible has happened to Sylvia. You can imagine how I felt when I called your office and they told me you hadn't worked there for the last four weeks. What happened, were you fired?"

"Yes. I was fired." Sylvia began to sit up. "Please, Estelle—I've got to get ready; I've got an appointment."

"Be still. You're not going anywhere till I know what's wrong. The landlady downstairs told me you were found sleepwalking. . . ."

"What do you mean talking to her? Why are you spying on me?"

Estelle's eyes puckered, as though she were going to cry. She put her hand over Sylvia's and petted it gently. "Tell me, honey, is it because of a man?"

"It's because of a man, yes," said Sylvia, laughter at the edge of her voice.

"You should have come to me before," Estelle sighed. "I know about men. That is nothing for you to be ashamed of. A man can have a way with a woman that kind of makes her forget everything else. If Henry wasn't the fine upstanding potential lawyer that he is, why. I would still love him, and do things for him that before I knew what it was like to be with a man would have seemed shocking and horrible. But honey, this fellow you're mixed up with, he's taking advantage of you."

"It's not that kind of relationship," said Sylvia, getting up and locating a pair of stockings in the furor of her bureau drawers. "It hasn't got anything to do with love. Forget about it. In fact, go home and forget about me altogether."

Estelle looked at her narrowly. "You scare me, Sylvia; you really scare me." Sylvia laughed and went on getting dressed. "Do you remember a long time ago when I said you ought to get married?"

"Uh huh. And now you listen." Sylvia turned around; there was a row of hairpins spaced across her mouth; she extracted them one at a time all the while she talked. "You talk about getting married as though it were the answer absolute; very well, up to a point I agree. Sure, I want to be loved; who the hell doesn't? But even if I was will-

ing to compromise, where is the man I'm going to marry? Believe me, he must've fallen down a manhole. I mean it seriously when I say there are no men in New York—and even if there were, how do you meet them? Every man I ever met here who seemed the slightest bit attractive was either married, too poor to get married, or queer. And anyway, this is no place to fall in love; this is where you ought to come when you want to get over being in love. Sure, I suppose I could marry somebody; but do I want that? Do I?"

Estelle shrugged. "Then what do you want?"

"More than is coming to me." She poked the last hairpin into place, and smoothed her eyebrows before the mirror. "I have an appointment, Estelle, and it is time for you to go now."

"I can't leave you like this," said Estelle, her hand waving helplessly around the room. "Sylvia, you were my childhood friend."

"That is just the point: we're not children any more; at least, I'm not. No, I want you to go home, and I don't want you to come here again. I just want you to forget about me."

Estelle fluttered at her eyes with a handkerchief, and by the time she reached the door she was weeping quite loudly. Sylvia could not afford remorse: having been mean, there was nothing to be but meaner. "Go on," she said, following Estelle into the hall, "and write home any damn nonsense about me you want to!" Letting out a wail that brought other roomers to their doors, Estelle fled down the stairs.

After this Sylvia went back into her room and sucked a piece of sugar to take the sour taste out of her mouth: it was her grandmother's remedy for bad tempers. Then she got down on her knees and pulled from under the bed a cigar box she kept hidden there. When you opened the box it played a homemade and somewhat disorganized version of "Oh How I Hate to Get Up in the Morning." Her brother had made the music-box and given it to her on her fourteenth birthday. Eating the sugar, she'd thought of her grandmother, and hearing the tune she thought of her brother: the rooms

of the house where they had lived rotated before her, all dark and she like a light moving among them: up the stairs, down, out and through, spring sweet and lilac shadows in the air and the creaking of a porch swing. All gone, she thought, calling their names, and now I am absolutely alone. The music stopped. But it went on in her head; she could hear it bugling above the child-cries of the vacant lot. And it interfered with her reading. She was reading a little diary-like book she kept inside the box. In this book she wrote down the essentials of her dreams; they were endless now, and it was so hard to remember. Today she would tell Mr. Revercomb about the three blind children. He would like that. The prices he paid varied, and she was sure this was at least a ten-dollar dream. The cigar-box anthem followed her down the stairs and through the streets and she longed for it to go away.

In the store where the Santa Claus had been there was a new and equally unnerving exhibit. Even when she was late to Mr. Revercomb's, as now, Sylvia was compelled to pause by the window. A plaster girl with intense glass eyes sat astride a bicycle pedaling at the maddest pace; though its wheel spokes spun hypnotically, the bicycle of course never budged: all that effort and the poor girl going nowhere. It was a pitifully human situation, and one that Sylvia could so exactly identify with herself that she always felt a real pang. The music-box rewound in her head: the tune, her brother, the house, a high-school dance, the house, the tune! Couldn't Mr. Revercomb hear it? His penetrating gaze carried such dull suspicion. But he seemed pleased with her dream, and, when she left, Miss Mozart gave her an envelope containing ten dollars.

"I had a ten-dollar dream," she told O'Reilly, and O'Reilly, rubbing his hands together, said, "Fine! Fine! But that's just my luck, baby—you should've got here sooner 'cause I went and did a terrible thing. I walked into a liquor store up the street, snatched a quart and ran." Sylvia didn't believe him until he produced from his pinned-together overcoat a bottle of bourbon, already half gone. "You're going to get

in trouble some day," she said, "and then what would happen to me? I don't know what I would do without you." O'Reilly laughed and poured a shot of the whiskey into a water glass. They were sitting in an all-night cafeteria, a great glaring food depot alive with blue mirrors and raw murals. Although to Sylvia it seemed a sordid place, they met there frequently for dinner; but even if she could have afforded it she did not know where else they could go, for together they presented a curious aspect: a young girl and a doddering, drunken man. Even here people often stared at them: if they stared long enough, O'Reilly would stiffen with dignity and say: "Hello, hot lips, I remember you from way back. Still working in the men's room?" But usually they were left to themselves, and sometimes they would sit talking until two and three in the morning.

"It's a good thing the rest of Master Misery's crowd don't know he gave you that ten bucks. One of them would say you stole the dream. I had that happen once. Eaten up, all of 'em, never saw such a bunch of sharks, worse than actors or clowns or businessmen. Crazy, if you think about it: you worry whether you're going to go to sleep, if you're going to have a dream, if you're going to remember the dream. Round and round. So you get a couple of bucks, so you rush to the nearest liquor store—or the nearest sleeping-pill machine. And first thing you know, you're roaming your way up outhouse alley. Why, baby, you know what it's like? It's just like life."

"No, O'Reilly, that's what it isn't like. It hasn't anything to do with life. It has more to do with being dead. I feel as though everything were being taken from me, as though some thief were stealing me down to the bone. O'Reilly, I tell you I haven't an ambition, and there used to be so much. I don't understand it and I don't know what to do."

He grinned. "And you say it isn't like life? Who understands life and who knows what to do?"

"Be serious," she said. "Be serious and put away that whiskey and eat your soup before it gets stone cold." She lighted a cigarette, and

the smoke, smarting her eyes, intensified her frown. "If only I knew what he wanted with those dreams, all typed and filed. What does he do with them? You're right when you say he is Master Misery. . . . He can't be simply some silly quack; it can't be so meaningless as that. But why does he want dreams? Help me, Oreilly, think, think: what does it mean?"

Squinting one eye, Oreilly poured himself another drink; the clownlike twist of his mouth hardened into a line of scholarly straightness. "That is a million-dollar question, kid. Why don't you ask something easy, like how to cure the common cold? Yes, kid, what does it mean? I have thought about it a good deal. I have thought about it in the process of making love to a woman, and I have thought about it in the middle of a poker game." He tossed the drink down his throat and shuddered. "Now a sound can start a dream; the noise of one car passing in the night can drop a hundred sleepers into the deep parts of themselves. It's funny to think of that one car racing through the dark, trailing so many dreams. Sex, a sudden change of light, a pickle, these are little keys that can open up our insides, too. But most dreams begin because there are furies inside of us that blow open all the doors. I don't believe in Jesus Christ, but I do believe in people's souls; and I figure it this way, baby: dreams are the mind of the soul and the secret truth about us. Now Master Misery, maybe he hasn't got a soul, so bit by bit he borrows yours, steals it like he would steal your dolls or the chicken wing off your plate. Hundreds of souls have passed through him and gone into a filing case."

"Oreilly, be serious," she said again, annoyed because she thought he was making more jokes. "And look, your soup is . . ." She stopped abruptly, startled by Oreilly's peculiar expression. He was looking toward the entrance. Three men were there, two policemen and a civilian wearing a clerk's cloth jacket. The clerk was pointing toward their table. Oreilly's eyes circled the room with trapped despair; he sighed then, and leaned back in his seat, ostentatiously pouring him-

self another drink. "Good evening, gentlemen," he said, when the official party confronted him, "will you join us for a drink?"

"You can't arrest him," cried Sylvia, "you can't arrest a clown!" She threw her ten-dollar bill at them, but the policemen did not pay any attention, and she began to pound the table. All the customers in the place were staring, and the manager came running up, wringing his hands. The police said for Oreilly to get to his feet. "Certainly," Oreilly said, "though I do think it shocking you have to trouble yourselves with such petty crimes as mine when everywhere there are master thieves afoot. For instance, this pretty child," he stepped between the officers and pointed to Sylvia, "she is the recent victim of a major theft: poor baby, she has had her soul stolen."

For two days following Oreilly's arrest Sylvia did not leave her room: sun on the window, then dark. By the third day she had run out of cigarettes, so she ventured as far as the corner delicatessen. She bought a package of cupcakes, a can of sardines, a newspaper and cigarettes. In all this time she'd not eaten and it was a light, delicious, sharpening sensation; but the climb back up the stairs, the relief of closing the door, these so exhausted her she could not quite make the daybed. She slid down to the floor and did not move until it was day again. She thought afterwards that she'd been there about twenty minutes. Turning on the radio as loud as it would go, she dragged a chair up to the window and opened the newspaper on her lap: *Lana Denies, Russia Rejects, Miners Conciliate*: of all things this was saddest, that life goes on: if one leaves one's lover, life should stop for him, and if one disappears from the world, then the world should stop, too; and it never did. And that was the real reason for most people getting up in the morning: not because it would matter but because it wouldn't. But if Mr. Revercomb succeeded finally in collecting all the dreams out of every head, perhaps—the idea slipped, became entangled with radio and newspaper. *Falling Temperatures*. A snowstorm moving across Colorado, across the West, falling

upon all the small towns, yellowing every light, filling every footfall, falling now and here: but how quickly it had come, the snowstorm: the roofs, the vacant lot, the distance deep in white and deepening, like sleep. She looked at the paper and she looked at the snow. But it must have been snowing all day. It could not have just started. There was no sound of traffic; in the swirling wastes of the vacant lot children circled a bonfire; a car, buried at the curb, winked its headlights: help! help! silent, like the heart's distress. She crumbled a cupcake and sprinkled it on the windowsill: north-birds would come to keep her company. And she left the window open for them; snow-wind scattered flakes that dissolved on the floor like April-fool jewels. *Presents Life Can Be Beautiful*: turn down that radio! The witch of the woods was tapping at her door: Yes, Mrs. Halloran, she said, and turned off the radio altogether. Snow-quiet, sleep-silent, only the fun-fire faraway songsinging of children; and the room was blue with cold, colder than the cold of fairytales: lie down my heart among the igloo flowers of snow. Mr. Revercomb, why do you wait upon the threshold? Ah, do come inside, it is so cold out there.

But her moment of waking was warm and held. The window was closed, and a man's arms were around her. He was singing to her, his voice gentle but jaunty: *cherryberry, moneyberry, happyberry pie, but the best old pie is a loveberry pie* . . .

"Oreilly, is it—is it really you?"

He squeezed her. "Baby's awake now. And how does she feel?"

"I had thought I was dead," she said, and happiness winged around inside her like a bird lamed but still flying. She tried to hug him and she was too weak. "I love you, Oreilly; you are my only friend and I was so frightened. I thought I would never see you again." She paused, remembering. "But why aren't you in jail?"

Oreilly's face got all tickled and pink. "I was never in jail," he said mysteriously. "But first, let's have something to eat. I brought some things up from the delicatessen this morning."

She had a sudden feeling of floating. "How long have you been here?"

"Since yesterday," he said, fussing around with bundles and paper plates. "You let me in yourself."

"That's impossible. I don't remember it at all."

"I know," he said, leaving it at that. "Here, drink your milk like a good kid and I'll tell you a real wicked story. Oh, it's wild," he promised, slapping his sides gladly and looking more than ever like a clown. "Well, like I said, I never was in jail and this bit of fortune came to me because there I was being hustled down the street by those bindlestiffs when who should I see come swinging along but the gorilla woman: you guessed it, Miss Mozart. Hi, I says to her, off to the barber shop for a shave? It's about time you were put under arrest, she says, and smiles at one of the cops. Do your duty, officer. Oh, I says to her, I'm not under arrest. Me, I'm just on my way to the station house to give them the lowdown on you, you dirty communist. You can imagine what sort of holler she set up then: she grabbed hold of me and the cops grabbed hold of her. Can't say I didn't warn them: careful, boys, I said, she's got hair on her chest. And she sure did lay about her. So I just sort of walked off down the street. Never have believed in standing around watching fistfights the way people do in this city."

Oreilly stayed with her in the room over the weekend. It was like the most beautiful party Sylvia could remember; she'd never laughed so much, for one thing, and no one, certainly no one in her family, had ever made her feel so loved. Oreilly was a fine cook, and he fixed delicious dishes on the little electric stove; once he scooped snow off the windowsill and made sherbet flavored with strawberry syrup. By Sunday she was strong enough to dance. They turned on the radio and she danced until she fell to her knees, windless and laughing. "I'll never be afraid again," she said. "I hardly know what I was afraid of to begin with."

"The same things you'll be afraid of the next time," Oreilly told her quietly. "That is a quality of Master Misery: no one ever knows what he is—not even children, and they know mostly everything."

Sylvia went to the window; an arctic whiteness lay over the city,

but the snow had stopped, and the night sky was as clear as ice: there, riding above the river, she saw the first star of evening. "I see the first star," she said, crossing her fingers.

"And what do you wish when you see the first star?"

"I wish to see another star," she said. "At least that is what I usually wish."

"But tonight?"

She sat down on the floor and leaned her head against his knee. "Tonight I wished that I could have back my dreams."

"Don't we all?" Oreilly said, stroking her hair. "But then what would you do? I mean what would you do if you could have them back?"

Sylvia was silent a moment; when she spoke her eyes were gravely distant. "I would go home," she said slowly. "And that is a terrible decision, for it would mean giving up most of my other dreams. But if Mr. Revercomb would let me have them back, then I would go home tomorrow."

Saying nothing, Oreilly went to the closet and brought back her coat. "But why?" she asked as he helped her on with it. "Never mind," he said, "just do what I tell you. We're going to pay Mr. Revercomb a call, and you're going to ask him to give you back your dreams. It's a chance."

Sylvia balked at the door. "Please, Oreilly, don't make me go. I can't, please. I'm afraid."

"I thought you said you'd never be afraid again."

But once in the street he hurried her so quickly against the wind she did not have time to be frightened. It was Sunday, stores were closed and the traffic lights seemed to wink only for them, for there were no moving cars along the snow-deep avenue. Sylvia even forgot where they were going, and chattered of trivial oddments: right here at this corner is where she'd seen Garbo, and over there, that is where the old woman was run over. Presently, however, she stopped, out of breath and overwhelmed with sudden realization. "I can't, Oreilly," she said, pulling back. "What can I say to him?"

"Make it like a business deal," said Oreilly. "Tell him straight out that you want your dreams, and if he'll give them to you you'll pay back all the money: on the installment plan, naturally. It's simple enough, kid. Why the hell couldn't he give them back? They are all right there in a filing case."

This speech was somehow convincing and, stamping her frozen feet, Sylvia went ahead with a certain courage. "That's the kid," he said. They separated on Third Avenue, Oreilly being of the opinion that Mr. Revercomb's immediate neighborhood was not for the moment precisely safe. He confined himself in a doorway, now and then lighting a match and singing aloud: *but the best old pie is a whiskeyberry pie!* Like a wolf, a long thin dog came padding over the moon-slats under the elevated, and across the street there were the misty shapes of men ganged around a bar: the idea of maybe cadging a drink in there made him groggy.

Just as he had decided on perhaps trying something of the sort, Sylvia appeared. And she was in his arms before he knew that it was really her. "It can't be so bad, sweetheart," he said softly, holding her as best he could. "Don't cry, baby; it's too cold to cry; you'll chap your face." As she struggled for words, her crying evolved into a tremulous, unnatural laugh. The air was filled with the smoke of her laughter. "Do you know what he said?" she gasped. "Do you know what he said when I asked for my dreams?" Her head fell back, and her laughter rose and carried over the street like an abandoned, wildly colored kite. Oreilly had finally to shake her by the shoulders. "He said—I couldn't have them back because—he'd used them all up."

She was silent then, her face smoothing into an expressionless calm. She put her arm through Oreilly's, and together they moved down the street; but it was as if they were friends pacing a platform, each waiting for the other's train, and when they reached the corner he cleared his throat and said: "I guess I'd better turn off here. It's as likely a spot as any."

Sylvia held on to his sleeve. "But where will you go, Oreilly?"

"Traveling in the blue," he said, trying a smile that didn't work out very well.

She opened her purse. "A man cannot travel in the blue without a bottle," she said, and, kissing him on the cheek, slipped five dollars in his pocket.

"Bless you, baby."

It did not matter that it was the last of her money, that now she would have to walk home, and alone. The pilings of snow were like the white waves of a white sea, and she rode upon them, carried by winds and tides of the moon. I do not know what I want, and perhaps I shall never know; but my only wish from every star will always be another star; and truly I am not afraid, she thought. Two boys came out of a bar and stared at her; in some park some long time ago she'd seen two boys and they might be the same. Truly I am not afraid, she thought, hearing their snowy footsteps following after her; and anyway, there was nothing left to steal.

THE BARGAIN

(1950)

Several things about her husband irritated Mrs. Chase. For instance, his voice: he sounded always as though he were bidding in a poker game. To hear his unresponsive drawl was exasperating, especially now when, talking to him on the telephone, she herself was strident with excitement. "Of course I already have one, I know that. But you don't understand, dear—it's a bargain," she said, stressing the last word, then pausing to let its magic develop. Simply silence happened. "Well, you could say something. No, I'm not in a shop, I'm at home. Alice Severn is coming for lunch. It's her coat that I'm trying to tell you about. Certainly you remember Alice Severn." His leaky memory was another irritant, and though she reminded him that out in Greenwich they had often seen Arthur and Alice Severn, had, in fact, entertained them, he pretended no knowledge of the name. "It doesn't matter," she sighed. "I'm only going to look at the coat anyway. Have a good lunch, dear."

Later, as she fussed with the precise waves of her touched-up hair, Mrs. Chase admitted that really there was no reason why her husband should have remembered the Severns too clearly. She realized this when, with faulty success, she tried to arouse an image of Alice Severn. There, she almost had it: a rosy, gangling woman, less than

Anexo 2 – Traduções de “Preacher’s Legend” (“A Lenda de Preacher”) e “Master Misery” (“Professor Miséria”), por José Vieira de Lima, Sextante Editora.

Uma nuvem que deslizava para sul pôs-se à frente do sol, e uma mancha de escuridão, uma ilha de sombra, rastejou pelos campos e, à deriva nas mãos do vento, subiu pelas encostas e transpôs os cumes dos montes. Um instante depois, começou a chover: uma chuva de Verão, com o sol a espreitar, pouco tempo dura; mas esta chuva durou o tempo suficiente para polir as folhas e fazer assentar a poeira. Quando a chuva acabou, um velho homem negro – o nome dele era Preacher – abriu a porta da sua cabana e deixou que os seus olhos percorressem o campo, onde as ervas cresciam, abundantes, na terra fértil; o pátio pedregoso, refrescado pelas sombras dos pessegueiros, do corniso, do cinamomo; a estrada de terra vermelha, esventrada, que raramente via carros, carroças ou seres humanos; e a fiada de verdes montes que se estendia talvez até ao fim do mundo.

Preacher era um homem pequeno, uma migalha de gente, e o seu rosto era um milhão de rugas. Tufos de uma lã cinza brotavam-lhe do crânio azulado, e havia nos olhos uma mágoa profunda. O seu corpo, de tão curvado, fazia lembrar uma foice enferrujada, e a pele tinha aquele tom amarelo do couro de qualidade superior. Enquanto examinava o que restava da quinta, os seus dedos percorriam o queixo, com o gesto de um sábio, mas para dizer a verdade, Preacher não estava a pensar em nada.

À sua volta, como não podia deixar de ser, tudo era quietude uma aragem fresca fê-lo voltar para dentro e sentou-se numa

cadeira de balouço e envolver as suas pernas com uma bela coberta de retalhos – com um estampado de rosas verdes e folhas vermelhas – acabando por adormecer no silêncio da casa, com todas as janelas abertas, enquanto o vento fazia bulir os calendários de cores berrantes e as histórias aos quadradinhos dos jornais que ele colava nas paredes.

Acordou ao fim de um quarto de hora, já que nunca dormia muito tempo seguido e os dias iam passando numa sucessão de sextas e vigílias, de sono e de luz, que mal se distinguiam. Embora não estivesse frio, acendeu o lume, encheu o cachimbo e pôs-se a balouçar, deixando que o seu olhar deambulasse pela casa. A cama de casal em ferro era uma irremediável confusão de cobertas, e na pintura escamada reluziam pintinhas de tinta cor-de-rosa; um braço pendia desoladamente na própria cadeira em que ele estava sentado; um belo cartaz publicitário, com uma rapariga de cabelos dourados segurando uma garrafa de refrigerante NE-HI, estava rasgado precisamente ao nível da boca da jovem, de tal forma que o seu sorriso ganhara uma nota de perversidade e malícia. Os olhos de Preacher detiveram-se num fogão baixo, a um canto, cheio de fuligem, aqui e ali enegrecido pelas chamas. Tinha fome, mas o fogão estava tão cheio de tachos e frigideiras sujos que ficava cansado só de pensar em fazer comida. «Não há nada a fazer», disse ele, no jeito em que certos velhos se põem a discutir consigo mesmos; «estou farto até mais não de comer couves e tudo o mais que houvera para comer. De maneira que não faço mais nada, fico aqui sentado e deixo-me morrer à fome, há-de ser esse o meu destino... Aposto os poucos dólares que ainda tens em como ninguém vai chorar nem uma lágrima por causa disso, aí isso é que não vai.»¹ Evelina fora sempre tão limpa e assenda e arrumada e boa, mas Evelina estava morta e

¹ Preacher fala um dialecto – Gullah – de influências africanas. O autor procurou reproduzir fielmente os desvios gramaticais e fonéticos presentes neste dialecto. Na tradução, optou-se por um ou outro desvio à norma gramatical para dar «cor» ao discurso da personagem. (*N. do T.*)

enterrada havia duas Primavera. E, dos seus filhos, restava apenas Anna-Jo, que tinha um emprego em Cypress City, os patrões davam-lhe comida e dormida, e ela divertia-se à grande todas as noites. Ou, pelo menos, Preacher acreditava que era esse o caso.

Era muito religioso, e, a certa altura, foi buscar a sua Bíblia que estava no consolo da lareira; a tarde ia passando e ele, com um dedo trémulo, ia seguindo o curso das palavras. Gostava de fazer de conta que sabia ler; de modo que, durante algum tempo, concentrou-se unicamente nessa tarefa: enquanto o seu dedo avançava pela página, Preacher tecia as suas próprias histórias e estudava com extrema minúcia as ilustrações. Este hábito fora sempre motivo de grande preocupação para Evelina. «Mas por que raio é que tu houvemas de passar o tempo todo a estudar a Sagrada Escritura, Preacher? Francamente, homem, tu não estás no teu juízo perfeito... Pois se tu não sabes ler nem mais uma palavrinha do que eu...?»

«Ora essa, querida», explicava ele, «a gente podemos todos ler a Bíblia. Porque Ele fez o Livro de uma maneira que todas as pessoas podem ler as Suas palavras.» Preacher ouvira essa teoria ao pastor de Cypress City e não poderia estar mais de acordo com ela.

Quando a luz do Sol desenhou um traço claro que ia da janelinha à porta, Preacher fechou a Bíblia sobre o seu dedo e, num passo manco, foi até ao alpendre. Vasos brancos e azuis balouçavam do tecto, suspensos de arames, e os fetos que neles moravam lançavam-se, cheios de viço, até ao chão, arrastando-se depois como caudas de pavão. Lentamente, e com grande cuidado, desceu os degraus, feitos com troncos de árvores desbastados, e deteve-se a meio do pátio, frágil e curvado, com o seu fato-macaco e a sua camisa de caqui. «Ora cá estou eu. Não estava à espera de conseguir... É verdade, eu hoje não estava à espera de encontrar em mim força suficiente para fazer isto.»

Um cheiro a terra húmida pairava no ar e o vento agitava as folhas do cinamomo. Um galo cantou e a sua crista escarlate disparou ao longo da erva alta e desapareceu sob a casa. «É melhor correres, galo velho, é melhor correres, não vá eu pegar

na machadinha e então é que tu tens de estar mesmo alerta! Aposto que deves ser uma delícia!» Uma onda de ervas erguia-se em torno dos seus pés descalços, de modo que Preacher resolveu parar um instante e arrancar uma mancheia. «Não vale a pena. Vocês voltam logo a crescer, tão simples como isso, voltam logo a crescer, e depois esta desgraça de ervas ainda fica mais desgraçada.»

Perto da estrada, o corniso estava em flor e a chuva tinha espalhado pétalas que roçavam suaves nas plantas dos seus pés e que ficavam coladas entre os dedos. Caminhava com a ajuda de uma bengala de madeira de sicómoro. Depois de ter atravessado a estrada e um pequeno bosque de nogueiras-pecãs selvagens, fez o que costumava fazer: escolheu o caminho que, através da floresta, conduzia ao riacho e ao *Lugar*.

A mesma caminhada, sempre do mesmo modo e à mesma hora: ao fim da tarde, porque, dessa forma, sempre era um projecto que o mantinha uma boa parte do dia na expectativa. As caminhadas haviam começado num dia de Novembro, naquele dia em que tomara a *Decisão*, e tinham continuado durante todo o Inverno, quando a terra se cobriu de gelo e a caruma dos pinheiros se grudava, glacial, aos seus pés.

Agora, era o mês de Maio. Seis meses tinham passado, e Preacher, nascido em Maio e casado em Maio, pensava por certo que seria neste mês que a sua missão chegaria ao fim. Rendera-se à superstição de que este dia em particular estava marcado por um presságio, de modo que avançou pelo caminho com um passo mais rápido do que era costume.

O sol, por entre as árvores, desenhava charcos de luz, beijava por vezes os seus cabelos, mudava a seu bel-prazer a cor das barbas-de-velho – ora cinza, ora pérola, ora azul – que se lançavam, moles e longas sobre os ramos da azálea. Uma cigarra chamava. Outra respondia. «Caluda, bicharada! Para que é que estão a fazer tamanha algazarra? Não me digam que se sentem sós!»

O caminho era traiçoeiro e, por vezes, visto que mais não era do que uma fina linha de terra amassada, difícil de vencer.

Num determinado ponto, afundava-se numa cova que cheirava a liquidâmbar, e era precisamente aí que começava um trecho tão espessamente coberto de trepadeiras que o dia ficava escuro como a noite e os arbustos estremeciam sabe-se lá com quê. «Saíam já daqui, cambada de demónios! Não há um só entre vocês todos que seja capaz de meter medo a Preacher! Velhos abutres e fantasmas, é melhor porem-se a pau! Olhem que Preacher... Preacher rebenta-lhes a cara a todos e esfolta-os bem esfolados e arranca-lhes os olhos e, para acabar, atira com vocês todos para as chamas do Inferno!» Ainda assim, o seu coração batia mais depressa e a sua bengala esquadrihava o chão com pancadas rápidas e secas; a besta estava emboscada atrás dele; uns olhos terríveis, capazes de brilhar no fogo do Inferno, seguiam-no das funduras da toca dos demónios!

Evelina, recordou, nunca acreditara nos Espíritos e isso era uma coisa que o deixava furioso. «Cala-te já, Preacher», dizia ela, «não quero ouvir nem mais uma palavra dessas histórias de fantasmas. Ora essa, homem, os fantasmas só existem na tua cabeça!» Oh, que mulher mais imprudente, a dizer aquelas coisas... É que, agora, tão certo como haver um Deus no Céu, Evelina era um daqueles caçadores que, com olhos famintos, aguardavam na escuridão daquela parte do caminho. Parou e chamou: «Evelina? Evelina... responde-me, querida.» E logo se apressou, de súbito temeroso de que, um dia, ela acabasse por ouvi-lo, e, não o reconhecendo, o devorasse todinho.

Não tardou o som do riacho; daí até ao *Lugar* eram apenas uns passos. Afastou umas urtigas cheias de picos, e, com resmungos angustiados, desceu até à margem e atravessou o curso de água, pedra a pedra, com uma precisão estudada. Cardumes de peixinhos, numa busca minuciosa de alimento, ziguezagueavam num jeito nervoso ao longo das águas límpidas e baixas junto à margem, e libélulas com asas cor de esmeralda roçavam a superfície, colhendo a fresca água. Na margem oposta, um beija-flor, fazendo vibrar as suas asas invisíveis, comia o coração de um lírio gigantesco.

E foi assim que as árvores começaram a tornar-se mais raras e que o caminho se alargou e desaguou numa pequena clareira cúbica. O lugar de Preacher. Em tempos, antes de a serração ter fechado, aquela clareira fora um local de reunião para as mulheres que iam lavar a roupa ao riacho, mas isso já se tinha passado há muito tempo. Uma torrente de andorinhas varreu os ares e, num qualquer recanto perto, um pássaro que Preacher não conhecia cantava uma estranha e persistente canção.

Estava cansado, ofegante, de modo que caiu de joelhos no chão da clareira, encostando a sua bengala ao cepo apodrecido de um carvalho-roble onde cresciam agora magotes de cogumelos de pele branca, perlada. Então, abrindo a sua Bíblia no sítio marcado por uma fitinha prateada, Preacher juntou as mãos e ergueu a cabeça.

Um longo momento de silêncio, os olhos muito franzidos, pregados ao círculo de céu, aos fios fumacentos das nuvens, semelhantes a anéis de um cabelo cor de estopa que se tivessem desgarrado, e que mal pareciam mover-se na tela azul, mais pálida do que vidro leitoso.

Então, numa voz que não era mais do que um sussurro: «Senhor Jesus? Senhor Jesus?»

O vento respondeu-lhe também num sussurro, erguendo folhas que o Inverno enterrara e que desenhavam furtivas rodas de carroça ao longo do musgo verde que cobria o chão.

«Eu estou de volta, Senhor Jesus, sempre à hora certa, fiel e cumpridor. Peço-te, Senhor, presta atenção ao velho Preacher.» Seguro da atenção da sua audiência, pôs um sorriso triste e acenou. Chegara a hora de abrir o coração. Disse que era velho; não sabia ao certo que idade tinha, talvez noventa anos, talvez cem. E a sua quinta estava arruinada e toda a sua gente partira.

Se ao menos ainda tivesse a sua família, bom, então as coisas poderiam ser bem diferentes... Hossana! Mas Evelina falecera e o que é que fora feito dos seus filhos? Billy Boy e Jasmine e Landis e Le Roy e Anna-Jo e Beautiful Love? Alguns tinham ido para Memphis e Mobile e Birmingham, outros para o cemitério. Fosse

como fosse, não estavam com ele; tinham deixado a terra onde ele trabalhara tão duramente, e os campos estavam arruinados e ele tinha medo daquela casa velha à noite tendo por única companhia o bacurau¹... De maneira que era uma grande crueldade mantê-lo neste mundo, quando ele ansiava por estar com os outros – onde quer que eles se encontrassem... «Glória a Deus, Senhor Jesus, eu sou tão velho como a mais velha de todas as tartarugas e mais velho do que aquele...»

Nos últimos tempos, ganhara o hábito de defender a sua causa repetidas vezes, e, quanto mais falava, mais penetrante e premente a sua voz se tornava, até que se erguia, feroz e exigente, no ar, e os gaios azuis, que o observavam dos ramos dos pinheiros, tomados de raiva e de terror, voavam para bem longe.

Parou abruptamente, empinou a cabeça e pôs-se à escuta. Um som estranho, perturbante, que se repetia, que parecia ecoar... Olhou para um lado e para o outro, e foi então que, inopinadamente, viu um milagre: uma cabeça cor de fogo, meneando-se sobre os arbustos, flutuava na sua direcção; o cabelo, além de vermelho como as chamas, era todo aos caracóis; uma barba reluzente descia, ondeante, o rosto. Pior ainda: uma segunda aparição, mais pálida e mais luminosa, deixava-se guiar pelos passos da primeira.

Um intenso pânico e uma confusão extrema retesaram os traços de Preacher e levaram-no a soltar um bizarro queixume. Nunca, em toda a história de Calupa County, se ouvira um som tão miserável. Um cão de orelhas aparadas, com uma pelagem preta semeada de manchas castanhas, irrompeu pela clareira e, exibindo um olhar que, de tão feroz, até parecia faiscar, desatou a rosnar, com cordas de saliva dependuradas da boca. E dois homens, dois desconhecidos, saíram então das sombras, as camisas verdes abertas nos colarinhos, suspensórios de pele de cobra suportando as calças justas de algodão canelado. Apesar de baixos,

1 «Bacurau» é o pássaro brasileiro mais próximo do referido no original, o *whippoorwill* cujo nome constitui uma onomatopéia do seu canto estridente. (N. do T.)

possuíam uma magnífica constituição física, e um deles tinha o cabelo encaracolado e deixara crescer uma barba vermelho-alaranjada, ao passo que o outro tinha um cabelo amarelo e as faces glabras. Tinham abatido um puma, que estava pendurado de uma vara de bambu suportada pelos seus ombros; traziam a tiracolo espingardas compridas.

Preacher não precisava de mais nada; soltou um novo queixume, levantou-se de um salto, e disparou que nem uma lebre pela floresta fora e logo encontrou o caminho e continuou a correr. Tanta era a sua pressa que deixara a bengala encostada ao cepo do carvalho-roble e a Bíblia aberta sobre o musgo. O cão avançou muito nervoso na direcção da Bíblia, cheirou intensamente as páginas e deu início à perseguição.

«Mas que diabo vem a ser isto?», disse Cabelo Encaracolado, pegando no livro e na bengala.

«Mas que raio de coisa mais estranha...», disse Cabelo Amarelo.

Ajeitaram o puma, que balouçava na vara com as patas presas com cordas de cânhamo, sobre os seus largos ombros, e Cabelo Encaracolado disse: «Acho que é melhor irmos atrás daquele cão – raios o partam!»

«Sim, acho que tens razão...», disse Cabelo Amarelo. «Só que eu estava capaz de pagar bom dinheiro por um minuto de descanso... Estou à rasca com uma bolha, é tão grande como uma moeda de meio dólar...»

Num passo oscilante, tal era o peso das espingardas e do animal, seguiram na direcção dos pinheiros que, àquela hora, começavam a ganhar um tom escuro, e, talvez para se animarem, começaram a cantar uma canção; o ouro dos olhos vidrados, esbugalhados, do puma captava e reflectia o sol do entardecer, repercutindo o seu fogo.

Entretanto, Preacher cobrira já uma distância considerável. Para dizer a verdade, não corria tão velozmente desde o dia

em que aquela maldita serpente o perseguira daqui até ao outro mundo. Preacher já não era um velho decrépito, mas sim um verdadeiro corredor de velocidade, capaz de vencer qualquer distância com a agilidade de um jovem robusto. As suas pernas disparavam, vigorosas e seguras, pelo caminho, e convirá assinalar aqui que uma torcedura horrível que lhe afectava as costas ia para vinte anos se eclipsou nessa tarde, como que por milagre, e nunca mais reapareceu. Preacher nem se apercebeu da cova escura quando passou por ela, o que não admirava, pois tudo parecia voar à sua passagem, se bem que, em toda a paisagem, só ele e os pássaros voassem; e, quando atravessou o riacho, sempre no mesmo ritmo, o seu fato-macaco, numa agitação desvairada, fazia lembrar uma bandeira fluando ao sabor do vento. Ah, sim, ele era como um animal ferido de medo, e o ruído dos seus pés vencendo o caminho era como o rufar de um tambor raivoso...

Então, no preciso instante em que chegou ao corniso, ocorreu-lhe uma ideia espantosa. Era de facto uma ideia tão tremenda, e de uma gravidade tal, que deixaria atordoada mesmo a mais resistente das criaturas humanas – de tal forma que Preacher tropeçou e caiu contra a árvore, apontando um susto de morte, já que, por via do choque, desatou a salpicá-lo de gotas de chuva. Preacher afagou o cotovelo ferido, molhou os lábios com uma língua que mais parecia um chicote, e pôs-se a dar à cabeça. «Pai-Nosso, que estás no Céu», disse ele, «o que é que me aconteceu?» Sim. Sim, ele sabia. Ele sabia quem eram os desconhecidos – sabia-o da Bíblia – mas esse conhecimento era menos reconfortante do que seria de esperar.

De modo que levantou-se num jeito lento e, zás, atravessou o pátio numa corrida, e, a correr, subiu os degraus do alpendre.

No alpendre, virou-se e olhou de relance para trás. Tudo calmo, ainda: só as sombras se mexiam. A penumbra espalhava-se como um leque por sobre as cristas dos montes; campos e árvores, arbustos e trepadeiras, cobriam-se de uma teia que, a pouco e pouco, ia ganhando um único tom; os pequenos pessegueiros e todo o roxo

e todo o rosa da vegetação eram agora de uma só cor: verde-prateado. E não muito longe, o cão soltava aquele latido que indicava caça próxima. Por um instante, Preacher considerou a possibilidade de ir a correr até Cypress City, mas isso, como muito bem sabia, nunca o iria salvar. «Nunca neste mundo.»

Fecha a porta, põe a tranca; pronto, já está, muito bem! Agora, as janelas! Mas... oh... não há portadas... estão todas partidas!

E Preacher ficou parado no meio da casa, desamparado e vencido, os olhos fixos nos quadrados vazios por onde entrava aquela trepadeira, a boa-noite, que, sem a menor cerimónia, se estirava no peitoril... Mas... o que foi aquilo? «Evelina? Evelina! Evelina!» Apenas patas de ratinhos nas paredes, não mais que o vento namoriscando uma folha de calendário...

E foi assim que Preacher, rosnando sempre num murmúrio, se lançou numa roda-viva pela casa, arrumando, limpando o pó, ameaçando. «Aranhas e viúvas, tenham decore e escondam-se... Gente muito importante, gente poderosa, vem visitar-me...» Acendeu um candeeiro a petróleo, revestido a latão (uma prenda que dera a Evelina no Natal de 1918), e quando a chama acesitou, colocou-o no consolo da lareira, ao lado de uma fotografia um bocado desfocada (tirada por aquele homem do Pose-Yourself que viajava por aquelas paragens remotas uma vez por ano) de um rosto descarado, de um tom castanho-bronze: Evelina, sorridente, com um rolo de rede branca no cabelo. De seguida, ajeitou uma almofada de cetim (Primeiro Prémio do Concurso de Colchas e Cobertas de Retalhos¹ atribuído a Beautiful Love, nas Festas de Cypress City de 1910) e, com um ar orgulhoso, deixou-a cair na cadeira de balouço. E pronto, já não tinha mais nada que fazer; de modo que Preacher atçou o lume, acrescentou um tronco e sentou-se à espera.

Não teve de esperar muito. Porque, passado um instante, ouviu uma cantoria: vozes graves e profundas que entoavam áreas

que ecoavam e ecoavam com uma força imensa e tão jovial... «*I've been workin' on the RAIL-road, All the livelong day...*»¹

Preacher, de olhos fechados, as mãos solenemente entrelaçadas, ia acompanhando a alegre caminhada dos dois visitantes: agora estão no bosque das nogueiras-pecãs, agora estão na estrada, agora estão junto ao cinamomo...

(Na véspera da morte do seu paizinho, dizia-se, um pássaro enorme, com umas asas muito vermelhas e um bico medonho, entrara no quarto vindo sabe-se lá donde, dera duas voltas à cama do velho, e, perante o olhar atónito de quem lá estava, desaparecera.)

Preacher, agora, estava como que à espera de um sinal semelhante.

E lá subiram eles os degraus e avançaram pelo alpendre, as botas pesadas martelando nas tábuas velhas, empenadas. Suspirou quando eles bateram à porta; teria de os deixar entrar. De modo que sorriu para Evelina, pensou por um instante na sua lamentável prole, e, num passo extremamente lento, abeirou-se da porta, retirou a tranca e abriu-a de par em par.

Cabelo Encaracolado, aquele que tinha uma longa barba vermelho-alaranjada, foi o primeiro a entrar, limpando o rosto quadrado, a arder do muito sol que apanhara, com um lenço de pescoço. Saudou Preacher como se estivesse a tocar num chapéu invisível.

«Boa noite, Senhor Jesus», disse Preacher, curvando-se tanto quanto podia.

«Boa noite», disse Cabelo Encaracolado.

Seguiu-se Cabelo Amarelo, muito lesto e despachado, a assobiar, um jeito de andar gingado que tinha qualquer coisa de arrogante, as mãos enfiadas até mais não nos bolsos das calças de

¹ Fotógrafos itinerantes que viajavam pelas pequenas cidades norte-americanas, principalmente durante a época da Depressão. (N. do T.)

¹ Canção folclórica americana (e basicamente negra) que foi publicada pela primeira vez em 1894 (e gravada pela primeira vez em 1927). O texto cita os dois primeiros versos: «Tenho andado a trabalhar nos caminhos-de-ferro/ O dia inteiro.» (N. do T.)

algodão cancelado. Mirou Preacher de alto a baixo com manifesta antipatia.

«Boa noite, Senhor Santo», disse Preacher, diferenciando os dois homens de uma forma perfeitamente arbitrária.

«Olá.»

E Preacher rompeu a cirandar, ansioso, em torno dos visitantes, e só parou quando os viu bem aconchegados junto ao fogo da lareira. «Como é que os cavalheiros se sentirem?», perguntou.

«Não me posso queixar», disse Cabelo Encaracolado, admitindo a exposição de raparigas de calendário e de histórias aos quadradinhos. «Não há dúvida, avozinho», comentou, «o senhor tem mesmo olho para as miúdas...!»

«Não senhor», retorquiu Preacher num tom grave, «eu não tenho ligado nem um bocadinho a miúda nenhuma, não senhor, nem pensar!» E abanou a cabeça para dar mais ênfase à sua resposta. «Eu sou um cristão, Senhor Jesus: um baptista honrado e recto, um membro da Igreja Estrela de Alva de Cypress City que sempre cumpriu com os seus deveres, ninguém tem nada a apontar-lhe.»

«Não era minha intenção ofender...», disse Cabelo Encaracolado. «Como é que se chama, avozinho?»

«Como é que me chamo? Ora essa, Senhor Jesus, o Senhor sabe que eu me chamo Preacher... Preacher, aquele que tem as conversas consigo já vai para seis meses... Não está lembrado?»

«Ah sim, claro, claro», disse Cabelo Encaracolado, dando-lhe umas palmadinhas nas costas. «Claro que sei.»

«Mas o que é isto?», perguntou Cabelo Amarelo. «De que raio é que estás a falar?» «Apanhaste-me», disse Cabelo Encaracolado, e encolheu os ombros. «Olhe, Preacher, nós tivemos um dia bem difícil e estamos a modos que cheios de sede... Não nos pode dar qualquer coisa para nos refrescarmos?»

Preacher pôs um sorriso matreiro, ergueu um braço e disse: «Eu cá nunca toquei no raio da bebida em toda a minha vida, essa é a pura verdade!»

«O que nós queremos é água, avozinho. Água da torneira ou do poço – tão simples como isso.»

«E atenção, veja lá se a bilha está limpa», disse Cabelo Amarelo. Era um indivíduo muito esquisito, este Senhor Santo, e um bocado amargo, apesar do seu ar todo tão lesto e despaçado. «Para que é que tem o lume aceso, avozinho?»

«É por causa da minha saúde, Senhor Santo. Eu apanho o bicho da constipação com muita facilidade.»

E Cabelo Amarelo comentou para o amigo: «É como se estes tipos de cor saíssem todos iguaizinhos de uma máquina, como acontece na produção em série: todos eles doentes o tempo todo e sempre com ideias estrambólicas na cabeça.»

«Mas eu não estou doente», disse Preacher, com um ar radioso. «Eu estou mesmo bem desta minha saúde! Eu cá nunca me sentira tão bem como me sinto agora, essa é que é essa!» E pôs-se a afagar o braço da cadeira de balouço. «Senhor Jesus, venha sentar-se aqui na minha bela cadeira de balouço... Está a ver aquela almofada tão bonita? Senhor Santo... sente-se à vontade na minha cama...»

«Muito agradecido.»

«Obrigado. Por acaso, está a apetecer-me sentar-me um bocado.»

Cabelo Encaracolado era o mais velho e o mais bem-parecido: uma cabeça requintadamente esculpida, uns olhos de um azul profundo, um rosto cheio e forte que exibia quase sempre uma expressão muito grave. A barba dava-lhe um toque de verdadeira magnificência. Abriu as pernas bem abertas e pôs uma delas em cima do braço da cadeira. Cabelo Amarelo, que tinha uns traços mais aguçados e marcados e um tom de pele mais pálido, afundou-se na beira da cama; com o sobrolho muito franzido, brindava com um olhar mal-humorado tudo aquilo em que os seus olhos pousavam. O lume fazia um som modorrento; o candeeiro crepitava brandamente.

«Se calhar é melhor ir buscar as minhas coisas...», disse Preacher, num fiozinho de voz.

Como não recebeu nenhuma resposta, pegou na sua coberta, abriu-a num recanto afastado, e, silenciosamente, um tanto ou

quanto às escondidas, começou a juntar as suas coisas em cima da coberta: o retrato de Evelina, o cachimbo, uma garrafa verde que em tempos contivera o vinho de uvas *scuppernon* que ele bebia quando fazia anos, e que, agora, continha as suas sete pedrinhas cor-de-rosa da sorte e uma teia de poeira e de fios de aranha, uma lata vazia de chocolates Paradise, e outros objectos. Igualmente preciosos. Depois, pôs-se a vasculhar num baú de cedro que cheirava a muitos e muitos anos, até que encontrou o que procurava – um reluzente boné de pele de esquilo. Enfiou-o logo na cabeça. Era um bom boné, muito quentinho; o ideal para uma jornada que, tudo o indicava, seria muito fria.

Enquanto Preacher fazia tudo isto, Cabelo Encaracolado tratou de limpar metodicamente os dentes com o bico de uma pena de galinha que tirara de um jarro; ao mesmo tempo observava, com o rosto franzido e perplexo, as actividades do velho. Cabelo Amarelo pusera-se de novo a assobiar; mas nunca conseguia acertar com o tom, de modo que a melodia saía-lhe completamente desafinada.

Alguns minutos passaram; vendo que Preacher continuava ocupado com aquela estranha actividade, Cabelo Encaracolado pigarreou e disse: «Avozinho, espero que não se tenha esquecido da água... ficar-lhe-íamos muito agradecidos...»

Num passo manco, Preacher foi buscar o balde da água, que estava escondido no meio da barafunda do fogão. «Parece que não consigo lembrar-me de coisa nenhuma, Senhor Jesus. Parece que, quando entro em casa, deixo esta minha cabeça lá fora.» Tinha duas cabaças e encheu-as até cima. Quando Cabelo Encaracolado acabou de beber, limpou a boca e disse: «Sim senhor, soube-me que nem ginjas...», e pôs-se a balouçar; nesse vaivém, as suas botas roçavam o chão junto ao lume num ritmo sonolento.

As mãos de Preacher tremiam enquanto atava a coberta; só ao fim de cinco tentativas conseguiu dar um nó em condições. Depois, empoleirou-se num tronco que se erguia na vertical entre os dois homens; as suas pernas eram tão pequenas que os pés mal roçavam o chão. Os lábios tortos da rapariga de cabe-

los dourados que segurava na garrafa de NE-HI sorriam das alturas onde Preacher colara o cartaz, e, nas paredes, fulgia um belo mural, desenhado pelas chamas da lareira. Pelas janelas abertas, entrava o canto rendilhado dos insectos, para além de diversas cadências nocturnas, presenças que sempre haviam acompanhado Preacher ao longo da sua vida – tão familiares todas elas... Oh, a sua cabana parecia-lhe agora tão bela; tudo aquilo que, com o tempo, acabara por desprezar, parecia-lhe agora tão maravilhoso...! Os seus olhos, afinal, estavam tão enganados! Mas que grande pateta que tu me saíste, Preacher! Ele nunca poderia ir-se embora, nem agora, nem nunca. Mas a verdade é que, ali, diante dele, havia quatro pés que calçavam quatro botas, e a porta, claro que a porta estava ali mesmo atrás deles.

«Senhor Jesus», disse ele, atento ao seu tom, «eu cá tenho estado a maturar nesta história toda, e a modos que cheguei à conclusão de que, afinal, não quero ir com os senhores.»

Cabelo Encaracolado e Cabelo Amarelo trocaram olhares de estranheza, e Cabelo Amarelo levantou-se da cama e curvou-se sobre Preacher, dizendo: «Qual é o problema, avozinho? Está com febre?»

Mortalmente envergonhado, Preacher balbuciou: «Por favor, senhor; desculpe... Eu não quero ir a lado nenhum...»

«Ouça, avozinho, agora a sério», disse Cabelo Encaracolado, num jeito amável. «Se por acaso está doente, não nos custa nada ir à cidade buscar um médico.»

«Não vale a pena», disse Preacher. «Se chegou a minha hora, não há nada a fazer... Mas eu ficara muito contente se os senhores me deixarem fazer as coisas à minha vontade.»

«Nós só queremos ajudar...», disse Cabelo Amarelo.

«Claro», disse Cabelo Encaracolado, e atirou uma cuspidela bem gorda para o lume. «O que eu acho é que o senhor está a ser muito teimoso... Olhe que nós não faríamos um favor destes a toda a gente. Ah não, nem pensar, avozinho – não nos daria-mos a tanto trabalho para ajudar qualquer um...»

«Muito obrigado na mesma, Senhor Jesus. Eu sei que já lhes causei uma quantidade de sarilhos de que os senhores não estavam à espera.»

«Vá lá, avozinho, diga-me a verdade», pediu Cabelo Amarelo. num tom de voz muito mais manso, «qual é o problema? O senhor meteu-se nalgum sarilho por causa de alguma miúda...»

«Deixa-te disso, não gozes com o avozinho», interrompeu Cabelo Encaracolado. «O único problema dele é que apanhou demasiado sol, nada mais. Mas também é verdade que nunca vi um caso assim.»

«Nem eu», disse Cabelo Amarelo. «Mas com estes escarumbas velhos, nunca se sabe; num abrir e fechar de olhos, são capazes de se passar completamente da cachimónia.»

Preacher afundou-se cada vez mais no seu poleiro, de tal forma que, a certa altura, ficou quase todo curvado pela cintura; o seu queixo, entretanto, desatara numa tremedeira pegada.

«Primeiro, desata a fugir como se tivesse visto o diabo em pessoa», disse Cabelo Amarelo, «e, agora, comporta-se de uma maneira que... francamente... Nunca vi coisa mais esquisita...»

«Isso não é verdade!», exclamou Preacher, os olhos tão arregalados que até metiam medo. «Eu reconheço os senhores da Bíblia. E eu sou um *bom* homem...! Se calhar nunca houve um homem tão bom como eu ao cimo da terra... Eu nunca fiz mal nenhum a ninguém...»

«Ahhh...», silvou Cabelo Amarelo. «Desisto! Avozinho... Está visto – não vale a pena perdermos o nosso precioso tempo consigo.»

«Lá isso é verdade», disse Cabelo Encaracolado.

Preacher curvou a cabeça e afastou do rosto uma cauda de esquilo, pois continuava com o boné na cabeça. «Eu sei», disse. «Sim senhor, eu sei. Eu fui um estúpido como não há outro neste mundo, eu sei que é assim porque é isso o que diz no Evangelho. Mas se os senhores me deixarem ficar sossegadinho aqui na minha casa, eu arranco aquelas ervas todas do pátio e dos campos e volto a trabalhar a terra e dou tantas e tão poucas àquela Anna-Jo que

ela há-de acabar por vir para casa tomar conta do seu paizinho, que é esse o dever dela.»

Cabelo Encaracolado pôs-se a cofiar a barba, e, depois, levou as mãos aos suspensórios e fê-los estalar no silêncio. Os seus olhos, muito azuis e vazios de expressão, eram como a lente de uma máquina fotográfica apontada ao rosto de Preacher. Por fim, disse: «Acho que não estou a perceber nada de nada...»

«É muito fácil de perceber», disse Cabelo Amarelo. «Ele está mas é possesso pelo demónio.»

«Eu sou um baptista honrado e recto», recordou Preacher, membro da Igreja Estrela de Alva de Cypress City. E tenho só setenta anos.»

«Está bem, está, avozinho...», disse Cabelo Amarelo. «Vocé tem mas é cem anos, é o mais provável... Não devia contar patranhas dessas às pessoas. Não se esqueça de que, lá em cima, tomam nota disso tudo naquele grande livro negro que eles têm...»

«Um miserável pecador...», disse Preacher; «não sou mesmo o mais miserável de todos os pecadores ao cimo da terra?»

«Bom», disse Cabelo Encaracolado, «eu isso não sei.» Depois, sorriu, levantou-se, bocejou. «Sabe que mais?», disse. «Tenho a impressão de que estou cá com uma fome que até era capaz de comer cogumelos venenosos... Vamos embora, Jesse, é melhor chegarmos a casa antes que as mulheres deem o nosso jantar aos porcos.»

E Cabelo Amarelo disse: «Santo Deus, não sei como é que vou aguentar o raio da caminhada; a bolha está mesmo assanhada; e logo acrescentou para Preacher: «Acho que vamos ter de deixá-lo entregue à sua triste sorte, avozinho.»

E Preacher pôs um sorriso de orelha a orelha, de tal forma que não podia deixar de mostrar os quatro dentes de cima mais os três de baixo (incluindo o dente de ouro, a prenda de Evelina no Natal de 1922). Os seus olhos cintilavam desvairadamente. Como uma criança – uma criança toda engelhada, e muito, muito estranha – foi a dançar até à porta, e insistiu em beijar as mãos dos homens quando estes, num jeito cansado e pesado, passaram por ele.

Cabelo Encaracolado saltou os degraus e logo voltou com a Bíblia e a bengala de Preacher, enquanto Cabelo Amarelo aguardava no pátio, onde o crepúsculo fechara já as suas pálidas cortinas.

«Agarre-se à sua Bíblia e à sua bengala, avozinho», disse Cabelo Encaracolado, «e não deixe que a gente o volte a apanhar lá no pinhal. Um velhote como o senhor pode acabar por se meter em todo o tipo de sarilhos. Porte-se bem.»

«Ih, ih, ih», riu-se Preacher, «pode ter a certeza que vou-me portar bem, sim senhor, e muito obrigado, Senhor Jesus, e obrigado também a si. Senhor Santo... Embora eu sei que ninguém vai acreditar em mim se eu lhes contar o que aconteceu.»

Os dois homens ajeitaram as espingardas e ergueram a vara onde levavam o puma. «Desejo-lhe a melhor das sortes!», disse Cabelo Encaracolado: «Voltaremos um dia destes – talvez para um copo de água!»

«Uma vida longa e bem gozada, seu bode velho!», atirou-lhe Cabelo Amarelo enquanto atravessavam o pátio na direcção da estrada.

Preacher, que seguia a cena do alpendre, lembrou-se de súbito e chamou: «Senhor Jesus... Senhor Jesus! Se o senhor, no meio dos seus muitos trabalhos, pode fazer-me um favor, eu ficava-lhe muito agradecido se, quando tem tempo, só quando tem tempo, procurava a minha velhota... o nome dela é Evelina... e diz a ela que Preacher manda um abraço... e que ele é um homem muito bom e feliz!»

«Esteja descansado, avozinho! Será a primeira coisa que farei logo que me levantar amanhã de manhã!», respondeu Cabelo Encaracolado, e Cabelo Amarelo desatou a gargalhada.

E as sombras dos dois homens avançaram pela íngreme estrada e o cão preto com manchas castanhas saiu a rastejar de uma ravina onde se metera e desatou a trotar atrás deles. Preacher chamou por eles e acenou-lhes. Mas eles estavam demasiado perdidos de riso para ouvirem a voz do velho, e o vento continuou a trazer os seus risos muito depois de eles terem passado o cimo da colina, onde os pirilâmpas bordavam pequenas luas no ar azul.

Era Inverno. Uma fiada de lâmpadas nuas, cujo calor parecia ter-se dissipado por completo, iluminava o cais ventoso e frio da pequena estação. Chovera pouco tempo antes, ao entardecer, e, agora, pingentes de gelo pendiam do beiral do edifício da estação como os dentes tenebrosos de algum monstro de cristal. Tirando uma mulher, jovem e muito alta, o cais estava deserto. A rapariga envergava um fato cinzento de flanela, uma gabardina, e uma echarpe de xadrez. O cabelo, com risca ao meio e dois primorosos rolos dos lados, era de um belo tom castanho-alourado; e, embora o seu rosto tendesse a ser demasiado magro e estreito, era sem dúvida uma jovem atraente – ainda que sem nenhum encanto extraordinário. Para além de uma quantidade de revistas e de uma malinha de mão de camurça cinzenta, na qual, em rebuscadas letras de metal, fora gravado o nome «Kay», a jovem levava um objecto que, inevitavelmente, chamaria as atenções: uma típica guitarra do Oeste americano, pintada de verde.

Quando o comboio, jorrando as suas nuvens de fumo e um clarão ofuscante, emergiu da escuridão, e, com sucessivos estrondos, se deteve por fim na estação, Kay reuniu os seus pertences e subiu os degraus da última carruagem.

A carruagem era uma relíquia com um interior decadente: tinha vetustos assentos de pelúcia vermelha, pelados nalguns sítios, e madeiramentos cor de iodo já bastante escalavrados. Um candeeiro de cobre de outros tempos, suspenso do tecto, tinha

O toque-toque dos seus saltos altos ao longo do átrio de mármore fê-la pensar em cubos de gelo chocalhando num copo; e, quanto às flores, aqueles crisântemos outonais na jarra à entrada, não tinha a menor dúvida: se por acaso alguém lhes tocasse, esboroar-se-iam numa poeira gélida; no entanto, estava calor, talvez mesmo um calor excessivo; porém, ao mesmo tempo, também estava frio, e Sylvia estremeceu só de pensar nisso, sim, aquela atmosfera era tão fria como o desolado deserto, nevado e tumefacto, do rosto da secretária: Miss Mozart, toda vestida de branco como se fosse uma enfermeira. Quem sabe, talvez fosse mesmo uma enfermeira; essa, obviamente, poderia ser a explicação. Mr. Revercomb, o senhor está louco, e esta é a sua enfermeira; pensou nisso por um momento; bem, não. E, agora, o mordomo trazia-lhe a sua echarpe. A beleza do homem como-veu-a: tão elegante, tão gentil, um negro com a pele pintalgada de sardas e uns olhos avermelhados que não reflectiam nada do que viam. O mordomo abriu-lhe a porta; e, nesse mesmo instante, Miss Mozart surgiu na entrada, anunciada pelo sussurro seco do seu uniforme engomado. «Esperamos que volte um dia destes», disse ela, e entregou a Sylvia um sobrescrito fechado. «Mr. Revercomb gostou muito de a conhecer.»

Lá fora, a penumbra caía como flocos azuis, e Sylvia fez a travessia da cidade caminhando pelas ruas de Novembro até chegar à solitária zona alta da 5th Avenue. Ocorreu-lhe então que poderia chegar mais rapidamente a casa se atravessasse

o parque: quase um acto de rebeldia, pois Henry e Estelle, que aproveitavam todas as oportunidades para afirmarem a sua sabedoria urbana, lhe haviam dito vezes sem conta: Sylvia, tu não fazes a menor ideia do perigo que uma pessoa corre quando se aventura no parque à noite; pensa no que aconteceu a Myrtle Calisher... Por amor de Deus, minha querida, nós não estamos em Easton... Essa era a outra coisa que eles não se cansavam de repetir. Santo Deus, estava tão farta de os ouvir... No entanto, tirando Henry e Estelle e umas quantas das suas colegas dactilógrafas da SnugFare, a empresa de roupa interior onde trabalhava, quem é que ela conhecia em Nova Iorque? Ah, tudo estaria bem se não rivesse de viver com eles, se pudesse dar-se ao luxo de alugar num sítio qualquer um quarto que fosse só seu; porém, naquele apartamento avançado de chintz, por vezes só lhe apetecia estrangulá-los... E porque é que ela tinha vindo para Nova Iorque? A razão, qualquer que ela fosse, ganhara, de facto, contornos muito vagos: no entanto, um dos principais motivos por que deixara Easton fora precisamente a possibilidade de se ver livre de Henry e Estelle; ou melhor, de outros iguais a eles, se bem que, para dizer a verdade, Estelle também fosse de Easton, uma localidade a norte de Cincinnati. Ela e Sylvia tinham crescido juntas. O verdadeiro problema de Henry e Estelle era o facto de estarem tão absolutamente – tão rotundamente – casados. Derretiam-se em «quidinhos» e «quidinhas»; ela chamava-lhe «Bootsy» ou «Bootsytotsy»; e tudo tinha um nome: o telefone era o Tlim Tlim, o sofá, a Nossa Nela, a cama, o Grande Urso: sim, e que dizer daquelas toalhas com um «Dele» e um «Dela» bordados e daquelas almofadas com um «Ele» e um «Ela» igualmente bordados? Enfim: o bastante para deixar uma pessoa doidinha de todo. «Doida varrida!», disse ela em voz alta, e o parque silencioso apagou a sua voz. Mas que passeio tão agradável, fizera muito bem em atravessar o parque, o vento soprava entre as folhas, e os candeeiros, que tinham acabado de se acender, iluminavam desenhos de crianças feitos com giz, pássaros cor-de-rosa, flechas azuis,

corações verdes. De súbito, porém, como um par de palavras obscenas, dois rapazes surgiram no caminho: os rostos cheios de borbulhas, sorrisos arreganhados, agitantavam-se na penumbra como chamas ameaçadoras, e Sylvia, quando passou por eles, sentiu um incêndio a invadir-lhe o corpo todo, como se, de facto, o seu corpo tivesse roçado uma fogueira. Os dois rapazes deram meia-volta e seguiram-na; chegavam agora a um parque de jogos deserto e um dos rapazes fazia deslizar um pau pelo gradeamento do parque, enquanto que o outro assobiava: esses dois sons acumulavam-se em torno dela como o rugido concentrado de um motor cada vez mais próximo, e quando um dos rapazes lhe gritou, no meio de grande risada: «Eh, para que é tanta pressa?», a boca de Sylvia retorceu-se numa ânsia de ar. Não faças isso, respondeu a si mesma, pois tinha pensado em largar a bolsa e fugir. Contudo, nesse preciso instante, um homem que resolvera ir passear o cão surgiu num caminho secundário e ela não mais o deixou até encontrar a saída. Ah, Henry e Estelle ficariam radiantes se lhes contasse...! Parecia-lhe que estava a ouvi-los: nós bem te avisámos, nós bem te avisámos! E, pior ainda, Estelle abordaria minuciosamente o caso nas suas cartas para a família e, num abrir e fechar de olhos, a notícia espalhar-se-ia por toda a pequena cidade de Easton: Sylvia fora violada no Central Park! Passou o resto do caminho a amaldiçoar Nova Iorque: o anónimo, e o seu virtuoso terror; e o quadro que agora enfrentava: aquele corredor, igual aos corredores do metro, iluminado toda a noite, com canos que nunca se calavam e passos e passinhos que nunca paravam, e, por fim, a porta numerada – 3C.

«Chiu, minha querida», disse Estelle, saindo pé ante pé da cozinha. «Bootsy está a fazer os trabalhos de casa.» Henry, estudante de Direito na Columbia University, estava de facto na sala, debruçado sobre os seus livros, e Sylvia, a pedido de Estelle, descalçou-se e atravessou a sala nas pontas dos pés. Mal entrou no seu quarto, atirou-se para cima da cama e cobriu os olhos com as mãos. Aquela dia... teria realmente existido? E Miss Mozart

e Mr. Revercomb...? Teriam estado de facto naquela imponente mansão da 78th Street?

«Então, minha querida, o que é que aconteceu hoje?» Estelle tinha entrado sem bater.

Sylvia apoiou-se sobre um cotovelo. «Nada. Tirando o facto de que dactilografei noventa e sete cartas...»

«E de que é que falavam essas cartas, minha querida?», perguntou Estelle, enquanto usava a escova de cabelo de Sylvia.

«Mas que diabo de pergunta... De que é que querias que falassem? Das SnugFare, as cuecas que proporcionam uma tão agradável sensação de segurança aos nossos líderes da Ciência e da Indústria...»

«Caramba, miúda, desculpas de ficar tão assanhada... Francamente, às vezes não percebo o que é que se passa contigo. Falas num tom tão raivoso... Uii! Olha, devias era comprar uma escova nova. Esta está um horror, um emaranhado de cabelos...»

«Quase todos teus.»

«Hã? O que é que disseste?»

«Esquece.»

«Hum, pareceu-me que disseste qualquer coisa... Enfim, como te estava a dizer, daria tudo para que não tivesses de ir para aquele escritório todos os dias, porque voltas para casa sempre tão mal-humorada, tão irritadica... Pessoalmente, e eu disse isto a Bootsie a noite passada e ele concordou inteiramente comigo, sabes o que é que eu acho?, disse-lhe eu, acho que Sylvia devia casar-se: ela é uma rapariga tão nervosa, precisa de relaxar as suas tensões. Não há nenhuma razão para que não dês esse passo. Quer dizer, enfim, não serás talvez uma beldade segundo os padrões correntes, mas tens uns belos olhos e um ar inteligente e sincero – sim, francamente sincero. De facto, tu és mesmo aquele tipo de rapariga que agradaria a um profissional liberal. E quer-me parecer que tu gostarias de... Repara como eu mudei desde que me casei com Henry. Sou outra pessoa! Quando nos vês assim tão felizes, não sentes o peso da solidão? Porque, minha querida, deixa-me que te diga uma coisa: não há nada

como uma mulher deitar-se na cama à noite e sentir os braços de um homem à sua volta e...»

«Estelle! Por amor de Deus!» Num repente, como que se tivesse levado um choque eléctrico, Sylvia sentou-se muito direita na cama; a raiva coloria-lhe as faces como rouge. Porém, um instante depois, pôs-se a morder o lábio e baixou as pálpebras. «Desculpa», disse, «não era minha intenção gritar contigo... Daria tudo para que não falasses comigo dessa maneira.»

«Não faz mal...», disse Estelle, com um sorriso tão pateta quanto perplexo. Então, sem mais, abeirou-se de Sylvia e deu-lhe um beijo. «Eu compreendo, minha querida. O problema é que tu estás completamente esgotada – tão simples quanto isso. E aposto que não comeste nada. Olha, vem comigo para a cozinha que eu vou fazer-te uns ovos mexidos, está bem?»

Quando Estelle lhe serviu os ovos, Sylvia sentiu-se profundamente envergonhada; apesar da sua reacção intempestiva, Estelle fazia um esforço para se mostrar amável; de modo que, como que para reparar o mal que fizera, virou-se para ela e disse-lhe: «Sabes, afinal hoje aconteceu mesmo uma coisa...»

Estelle sentou-se em frente dela com uma chávena de café, e Sylvia prosseguiu: «Não sei como te contar. É tão estranho... Mas. Bom, eu hoje almocei no Automat e tive de partilhar a mesa com três homens. Para eles, era como se eu fosse invisível, já que falaram de coisas muito, muito íntimas. A certa altura, um deles disse que a sua namorada estava grávida e não sabia como é que ia arranjar o dinheiro para resolver o problema. De modo que um dos seus amigos perguntou-lhe porque é que não vendia qualquer coisa. Ele respondeu que não tinha nada para vender. E, aí, o terceiro homem (era um homem particularmente delicado, parecia não ter nada a ver com os outros dois), o terceiro homem disse que havia uma coisa que ele poderia vender: *sonhos*. Até eu me ri, mas o homem abanou a cabeça e disse, num jeito muito sério: não, era a mais pura das verdades, a tia da sua mulher, Miss Mozart, trabalhava para um homem muito rico que comprava sonhos, os sonhos que todos nós temos à noite quando dormi-

mos – comprava sonhos a qualquer pessoa... Escreveu o nome e a morada do homem num bocado de papel que deu ao amigo, mas este deixou o papel em cima da mesa. Em sua opinião, era uma coisa demasiado louca.»

«Também acho», interrompeu Estelle, num tom que sublinhava uma espécie de superioridade moral.

«Não sei...», disse Sylvia, acendendo um cigarro. «Mas a verdade é que aquilo não me saía da cabeça... O nome que estava escrito no papel era A. F. Revercomb e a morada era na 78th Street, na parte leste da rua... Olhei apenas de relance para o papel, mas esse simples facto bastou para... Não sei, parecia que eu não conseguia esquecer aquele nome e aquela morada... A certa altura, até já me doia a cabeça... De modo que deixei o escrito: não mais cedo...»

Lentamente, e com o devido ênfase, Estelle colocou na mesa a sua chávena de café. «Ouve lá, minha querida, não me vais dizer que foste a casa desse maluco, pois não?»

«Eu não queria ir...», disse ela, sentindo de imediato um imenso constrangimento. Só agora se apercebia de que fora um erro tremendo contar a história à amiga. Estelle era uma pessoa sem imaginação, ela nunca compreenderia... Os seus olhos franziram-se, como acontecia sempre que inventava uma mentira. «E, para dizer a verdade, não fui», acrescentou, categórica. «Dirigime para lá, é certo; mas, depois, dei-me conta de que era uma tonitice completa, de modo que, em vez de ir contar os meus sonhos, resolvi dar um passeio...»

«Uma atitude muito sensata», disse Estelle, começando a empilhar os pratos no lava-loiça. «Imagina só o que te poderia ter acontecido... Comprar sonhos! Alguma vez se ouviu falar de tal coisa? Pois é, minha querida, não há dúvida – isto aqui não é Easton...»

Antes de voltar para o seu quarto, Sylvia tomou um Seco-nal, coisa que raramente fazia; mas sabia que, de outro modo, não conseguiria descansar – não com a cabeça assim tão frenética, com os pensamentos numa revolução constante: além disso,

sentia também uma estranha tristeza, uma sensação de perda, como se tivesse sido vítima de um roubo real ou mesmo de um roubo moral, como se os rapazes com quem se cruzara no parque lhe tivessem de facto roubado (abruptamente, acendeu o candeeiro) a bolsa. O sobrescrito que Miss Mozart lhe entregara: estava na bolsa, só agora se lembrava dele. Abriu-o num ápice. Lá dentro, havia um papel azul dobrado sobre uma nota de cinco dólares; no papel, estava escrito: *Para pagamento de um sonho, cinco dólares*. Agora, já acreditava; era verdade, ela tinha vendido um sonho a Mr. Revercomb. Seria possível que as coisas fossem assim tão simples? Riu-se um pouco enquanto apagava de novo a luz. Se vendesse um par de sonhos por semana, imagine-se só a quantidade de coisas que poderia fazer com o dinheiro: alugaria algures um apartamento que seria só dela, pensou Sylvia, cedendo já aos apelos do sono; uma sensação de conforto, de sossego, envolvia-a como a luz ondulante do fogo de uma lareira; e logo veio aquele momento em que uma lanterna mágica projecta as suas imagens crepusculares, profundamente, numa região cada vez mais funda. Os lábios, os braços daquele homem: vistos muito ao longe, descendo sobre ela; deu um pontapé na manta, tal era a repulsa, o asco que sentia. Aquelles braços de homem, tão frios... Seriam os braços de que Estelle falara? Nas profundezas do seu sono, Mr. Revercomb debruçava-se sobre ela; os lábios dele roçavam-lhe agora a orelha... Conta-me o seu sonho?, sussurrou Mr. Revercomb.

Uma semana passou antes de se decidir a ir vê-lo de novo. Foi numa tarde de domingo, um dos primeiros domingos de Dezembro. Deixara o apartamento com a intenção de ir ao cinema, mas, como se não se tivesse apercebido do que acontecera, deu por si na Madison Avenue, a dois quarteirões apenas da casa de Mr. Revercomb. Estava um dia frio sob um céu cor de prata, com ventos tão penetrantes e enleantes como o perfume da malva-rosa; nas montras das lojas, pingentes de gelo que não eram de gelo, mas sim de uma qualquer liga metálica imitando a prata, cintilavam no meio de montanhas de lantejoulas de neve: tudo

isso irritava e desgostava Sylvia, pois odiava as festas, aquelas alturas em que uma pessoa está mais sozinha do que nunca. Numa montra, viu um espectáculo que a fez parar. Era um Pai Natal mecânico, de tamanho natural; o boneco dava uma palmada na barriga e desatava a balouçar num frenesi de júbilo eléctrico. Apesar da grossura do vidro, era possível ouvir as suas gargalhadas estrondosas, guinchadas. Quanto mais o observava, mais sinistro ele lhe parecia: até que, finalmente, com um arrepio, virou-se e seguiu na direcção da rua onde vivia Mr. Revercomb. Vista de fora, era uma mansão urbana vulgar, talvez um pouco menos cuidada e imponente do que outras, mas, ainda assim, relativamente grandiosa. A hera que o Inverno definhara serpenteava em torno das vidraças encaixilhadas e arrastava-se, em grossos tentáculos, por sobre a porta; dois pequenos leões de pedra, com os olhos cegos já lascados, erguiam-se de ambos os lados da porta. Sylvia respirou fundo antes de tocar à campainha. O negro de Mr. Revercomb, tão pálido e tão encantador, reconheceu-a com um sorriso cortês.

Na sua anterior visita, não havia mais ninguém na sala onde aguardara a audiência com Mr. Revercomb. Desta vez, porém, havia outras pessoas, mulheres com os mais variados aspectos, e um homem jovem, excessivamente nervoso, com uns olhos que faziam lembrar os de uma mosca. Se aquele grupo fosse o que, à primeira vista, aparentava ser – pacientes na sala de espera de um consultório médico – poder-se-ia pensar que o jovem aguardava com extrema ansiedade o nascimento do seu primeiro filho, ou então que sofria daquela doença a que se costuma chamar dança-de-são-vito. Sylvia estava sentada ao lado dele, e os olhos inquietos do homem desabotoaram-na rapidamente: o que quer que tivesse visto parecia não ter despertado nele grande interesse; foi com um profundo alívio que, passado um momento, Sylvia se deu conta de que o jovem se rendera de novo às preocupações que o deixavam tão freneticamente crispado. Contudo, a pouco e pouco, foi-se apercebendo do interesse que a sua presença havia suscitado no grupo; à luz débil e incerta da sala

saturada de plantas, os olhares daquelas pessoas eram mais rígidos do que as cadeiras em que estavam sentadas; havia uma mulher que se mostrava especialmente implacável. Aquele era um rosto que, em circunstâncias normais, revelaria por certo uma brandura suave, banal; agora, porém, pelo simples facto de observar Sylvia, a desconfiança e o ciúme haviam instilado nele uma fealdade inusitada. Como se estivesse a tentar amansar uma qualquer fera que, de súbito, pudesse saltar sobre ela, pronta a estraçalhá-la, a mulher atagava a pele, já muito velha e puída, que lhe agasalhava o pescoço; ao mesmo tempo, porém, o seu olhar inflexível não dava tréguas a Sylvia; até que, vindos da entrada, se ouviram os passos brutais – como um tremor de terra agitando o soalho da casa – de Miss Mozart. Imediatamente, o grupo desintegrou-se e os indivíduos emergiram; e, como estudantes intimidados com a chegada iminente do professor, aquelas mulheres e aquele homem puseram-se em sentido nas suas cadeiras. «Mr. Pocker!», disparou Miss Mozart, num tom acusatório. «Chegou a sua vez!» E Mr. Pocker, contorcendo as mãos, os olhos numa agitação incontrolável, lá foi atrás da secretária. Na penumbra da sala, as mulheres acomodaram-se de novo nos seus assentos; eram como partículas de poeira iluminadas pelo sol que num momento se agitam, para, logo a seguir, se renderem a uma espécie de calma flutuação.

Nesse momento, começou a chover; reflexos que se liquefaziam nas janelas projectavam-se trémulos nas paredes, e o jovem mordomo de Mr. Revercomb, avançando pela sala num jeito deslizante, silencioso, abeirou-se da lareira, atçou o fogo, e, logo depois, dispôs sobre uma mesa o serviço de chá. Sylvia, que era quem estava mais perto da lareira, sentia-se sonolenta por causa do calor e do ruído da chuva; de olhos fechados, cabeceava, mas não estava a dormir, embora também não estivesse verdadeiramente desperta. Por um longo período, só o cristal das oscilações de um relógio arranhou o fulgente verniz do silêncio da casa. Então, abruptamente, uma tremenda agitação eclodiu na entrada, e logo a sala, como frágil navio em mar inclemente,

soçobrou às vagas da fúria sonora: uma voz, tão cavernosa e possante como o urro irado de um touro, e tão grosseira como a cor vermelha, atroava: «Deter Oreilly? Quem vai deter Oreilly? O mordomo bailarino e quem mais?» O dono desta voz, um homem de baixa estatura cujo corpo ganhara as formas de uma pipa e em cuja pele se entranhara um tom de tijolo, investiu contra a frágil resistência do mordomo até chegar à entrada da sala, onde se postou, balouçando ebiamente o peso do seu corpo ora sobre um pé, ora sobre o outro. «Ora muito bem, ora muito bem, ora muito bem», disse ele, a voz enrouquecida pelo gin descendo a escala. «Estas senhoras todas estão à minha frente? Mas Oreilly é um cavalheiro, Oreilly vai esperar pela sua vez.»

«Aqui nem pensar», exclamou Miss Mozart, que, pé ante pé, se aproximara do homem, e que, agora, com mãos implacáveis, agarrava nele pelos colarinhos. O rosto do homem ficou ainda mais vermelho e os olhos pareciam querer sair das órbitas: «Está a sufocar-me...», disse ele, numa réstia de ar, mas Miss Mozart, cujas mãos pálidas, veiaadas de verde, eram tão fortes como as raízes de um carvalho, apertou-lhe a gravata ainda com mais força e empurrou-o na direcção da porta, que acabou por fechar-se com um estrondo que, de tão brutal, estilhaçou a pouca paz que ainda restava na sala: uma chávena de chá retiniu, e as folhas secas de uma dália esfarelaram-se das alturas do caule. A senhora da pele levou uma aspirina à boca. «Que horror», disse, e todas as outras, à excepção de Sylvia, se riram num jeito delicado, e com um sentimento de notória admiração, quando Miss Mozart passou por elas, enérgica e firme, ao mesmo tempo que esfregava as mãos, como que a dizer: «Missão cumprida.»

Uma espessa e negra mortalha de chuva abatia-se sobre a cidade quando Sylvia deixou a casa de Mr. Revercomb. Percutiu a rua deserta, na esperança de encontrar um táxi; mas não havia nada nem ninguém; sim, havia alguém, o bêbedo que provocara aquele tumulto. Como uma solitária criança da cidade, estava encostado a um carro estacionado na bermã e brincava com uma bola de borracha, que atirava ao chão para logo a

apanhar no ar. «Olha só, miúda», disse ele para Sylvia, «olha só, encontrei esta bola agora mesmo... Achas que me vai dar sorte?» Sylvia sorriu-lhe; não obstante toda a sua bravata, o homem parecia-lhe perfeitamente inofensivo, e havia no seu rosto um não sei quê – como que uma tristeza de sorriso arreganhado que sugeria um palhaço sem maquilhagem. Sylvia tomou o caminho da Madison Avenue e o homem foi atrás dela, ora parando, ora num passo mais rápido, já que, ao mesmo tempo que caminhava, ia fazendo malabarismos com a bola. «Aposto que fiz mesmo figura de parvo na casa de Mr. Revercomb», disse ele. «Quando faço coisas dessas, só me apetece é sentar-me a chorar.» Depois de tanto tempo passado à chuva, parecia ter recuperado uma boa parte da sua sobriedade. «Mas ela não devia ter-me apertado o pescoço daquela maneira; que raio de mulher mais bruta, parece uma fera... E atenção, porque eu conheci algumas mulheres tão feras como ela: a minha irmã Berenice era capaz de ferrar o touro mais bravo da manada; mas aquela... Uj, aquela é a fera mais fera de todas. Não te esqueças das palavras de Oreilly: aquela mulher ainda vai acabar na cadeia eléctrica», disse ele, e fez um estalido com os lábios. «E não têm razão nenhuma para me tratarem assim. De qualquer forma, a culpa é toda dele. Para começar, eu nem sequer tinha muito de meu; mas, depois, ele ficou com tudo o que eu tinha, é verdade, nem um pedacinho restou, e, agora, miúda, o que eu tenho é *niente*, *niente*.»¹

«Lamento muito...», disse Sylvia, embora sem saber de que se compadecia. «Mr. Oreilly, o senhor é um palhaço?»

«Fui», disse ele.

Por essa altura, já tinham chegado à avenida, mas Sylvia nada fez para encontrar um táxi; queria caminhar sob a chuva com o homem que fora palhaço. «Quando eu era pequena, os únicos bonecos de que gostava eram os palhaços», disse-lhe ela. «O meu quarto mais parecia um circo...»

¹ Em italiano no original: «nada». (N. do T.)

«Mas eu fiz outras coisas para além de ser palhaço. Também vendi seguros.»

«Ah sim?», disse Sylvia, desapontada. «E o que é que faz agora?»

Oreilly soltou um risinho todo satisfeito e atirou a bola muito alto; depois de ter agarrado a bola, a sua cabeça continuou meli- nada na direcção do céu. «Olho para o céu», disse ele. «Olha, lá vou eu com a minha mala, em mais uma viagem pelo azul! Quando não temos mais nenhum sítio para onde ir, viajamos pelo céu... Mas que faço eu neste planeta? Já roubei, já pedi esmola, já vendi os meus sonhos – e tudo para comprar mais e mais whiskey. Um homem não pode viajar pelo azul sem uma garrafa. O que nos leva a uma questão importante: como é que reagiras, miúda, se eu te pedisse emprestado um dólar?»

«Reagiria bem», replicou Sylvia, e deteve-se, incerta quanto ao que havia de dizer a seguir. Deambulavam num passo tão lento, que a chuva, obstinada, inflexível, parecia enclausurá-los como uma força capaz de os isolar do mundo; era como se ela caminhasse com um dos seus bonecos de infância, um palhaço de brinquedo que, miraculosamente, ganhara forma humana e vivera e crescera; estendeu o braço e pegou-lhe na mão: querido palhaço viajando no azul. «O problema é que não tenho um dólar. Tenho apenas setenta céntimos.»

«Deixa lá, não nos vamos zangar por isso...», disse Oreilly. «Mas diz-me uma coisa... A sério – ele agora paga assim tão pouco?»

Sylvia sabia a quem é que Oreilly se referia. «Não, não – para dizer a verdade, eu não lhe vendi sonho nenhum.» Não fez nada para se explicar; ela própria não compreendia o que se passara. Confrontada com a cinzenta invisibilidade de Mr. Revercomb (impecável, tão exacto como uma balança, imerso numa colónia de clínicas fragrâncias; inexpressivos olhos cinza plantados como sementes no anonimato do seu rosto e selados sob lentes tão opacas como aço), Sylvia não conseguiu lembrar-se de um único sonho, de modo que se pôs a contar a história dos dois ladrões

que a tinham perseguido no parque e que, numa cruel brincadeira, ora apareciam, ora desapareciam no meio dos balouços de um parque de diversões para crianças. «Pare, ele disse-me para parar; há muitos tipos de sonhos, mas esse não é sonho nenhum, é uma invenção sua. Estranho – como é que ele sabia que não era um sonho? De maneira que resolvi contar-lhe um sonho de verdade; era um sonho em que ele entrava, em que ele me abraçava na noite, no meio de uma imensidão de balões que subiam no espaço e de luas que caíam. Ele disse que não estava interessado em sonhos em que ele aparecesse.» Miss Mozart, que anotava todos os sonhos com os seus rabiscos stenográficos, recebeu logo ordens para chamar a pessoa seguinte. «Acho que nunca mais volto lá...», disse Sylvia.

«Voltas, sim», disse Oreilly. «Pensa só no meu caso, miúda... Até eu volto lá, e há muito que o Professor Miséria não quer nada comigo...»

«Professor Miséria? Porque é que lhe chama isso?»

Tinham chegado à esquina onde aquele Pai Natal demente balouçava e berrava. O seu riso ecoava na rua submersa pelo manto da chuva e pela chiadeira constante dos automóveis; a sua sombra flutuava nas luzes arco-irizadas do pavimento. Oreilly, virando costas ao Pai Natal, sorriu e disse: «Eu chamo-lhe Professor Miséria porque é isso mesmo que ele é. Professor Miséria. É possível que tu lhe chames outra coisa qualquer; seja como for, é o mesmo tipo, e de certeza que o conheces. Todas as mães falam dele aos seus filhos: ele vive nos buracos dos troncos das árvores e desce pelas chaminés a altas horas da noite; esconde-se nos cemitérios, preparando as suas emboscadas; e, por vezes, no sótão, é possível ouvir os seus passos... Ah, aquele filho da mãe é um ladrão! Um perigo, fica com tudo o que tens e, no fim, deixa-te sem nada – nem sequer um sonho... Uuuuh!», gritou ele, como que a meter medo, e riu-se ainda mais alto que o Pai Natal. «Então? Já sabes quem ele é?»

Sylvia aquiesceu. «Sim, eu sei quem ele é. A minha família chamava-lhe outra coisa. Mas não consigo lembrar-me... Já foi há tanto tempo...»

«Mas lembras-te dele?»

«Sim, lembro-me dele.»

«Então, chama-lhe Professor Miséria», disse ele, e, brincando de novo com a sua bola, afastou-se de Sylvia. «Professor Miséria», repetia ele, e a sua voz, a pouco e pouco, foi-se sumindo, até se converter numa simples traça de som. «Pro-fe-ssor Mi-sé-ria...»

Era difícil olhar para Estelle, pois ela estava diante de uma janela, e a janela estava cheia de um sol ventoso que feria os olhos de Sylvia, e a vidraça chocalhava e esse som era como um aguilhão na sua cabeça. Além disso, Estelle estava a pregar-lhe um sermão. A voz nasalada soava como se a garganta fosse um depósito de lâminas enferrujadas. «Daria tudo para que te pudesses ver a ti própria», estava ela a dizer. Ou teria porventura dito isso não agora, mas noutra altura, muito tempo antes? Ora, tanto lhe fazia. «Não sei o que é que te aconteceu... Aposto que pouco mais pesas do que quarenta quilos, vêem-se todos os teus ossos e as veias todas... ah, e o teu cabelo! Parecees um *poodle*.»

Sylvia passou uma mão pela testa. «Que horas são, Estelle?» «Quatro», disse, interrompendo o curso dos seus pensamentos o tempo suficiente para olhar para o relógio. «Mas onde é que estás o teu relógio?»

«Vendi-o», disse Sylvia, demasiado cansada para mentir. Tanto lhe fazia. Tinha vendido tantas coisas... Até o casaco de pele de castor e a malinha de mão mais selecta, a de malha dourada, que só usava à noite.

Estelle pôs-se a abanar a cabeça. «Desisto, minha querida, desisto... E dizer que aquele era o relógio que a tua mãe te ofereceu quando terminaste o teu curso... Que lástima, Santo Deus!», disse, acompanhando a exclamação de um ruído de solteirona velha. «Que lástima... Nunca compreenderei porque é que nos deixaste. Claro que é um assunto que só a ti diz respeito, eu não tenho nada a ver com isso; mas... como é que tu pudeste deixar-nos para vires viver nesta... nesta...»

«Pocilga», ofereceu Sylvia, usando deliberadamente a palavra. Era um quarto mobilado nas East Sixties, entre a 2nd e a 3rd Avenues. Suficientemente amplo para um sofá-cama e um velho psiché já muito lascado, com um espelho que fazia lembrar um olho com cataratas, tinha uma janela, que dava para um vasto terreno abandonado (pela tarde, chegavam-lhe as rudes vozes dos miúdos em correrias desesperadas), e, ao longe, como um ponto de exclamação sobre a linha dos telhados, erguia-se a chaminé negra de uma fábrica. Esta chaminé surgia com frequência nos seus sonhos; e produzia sempre em Miss Mozart um entusiasmo, um regozijo: «Fálica, fálica», murmurava a secretária, erguendo por um segundo os olhos da sua estenografia. O soalho do quarto estava uma lixeira – livros começados, mas nunca acabados, jornais velhos, até cascas de laranja, caroços de fruta, roupa interior, uma caixinha de pó-de-arroz com o pó todo derramado.

Ao pontapé a isto e àquilo, Estelle abriu caminho por entre este lixo, e sentou-se no sofá-cama. «Querida, tu não sabes, mas eu tenho andado tão consumida contigo... Quer dizer, claro que eu tenho o meu orgulho e tudo isso e, se tu não gostas de mim, bom, não tenho nada a fazer senão aceitar os factos; mas não tinhas o direito de te afastares de nós e de não me dares uma única notícia tua durante mais de um mês... De modo que hoje disse a Bootsy: Bootsy, tenho o pressentimento de que aconteceu algo de terrível a Sylvia. Podes imaginar como é que eu me senti quando liguei para o escritório e me disseram que já não trabalhavas lá há quatro semanas... O que foi que aconteceu? Despediram-te?»

«Sim, despediram-me.» Sylvia começou a erguer-se do sofá.

«Por favor, Estelle – tenho de me arranjar; tenho um compromisso.»

«Deixa-te estar quieta. Não vais a lado nenhum enquanto eu não souber o que é que se passa contigo. A senhoria, encontrei-a à entrada, disse-me que tiveste um acesso de sonambulismo.»

«Mas que ideia foi essa de falares com ela? Porque é que andas a espiar-me?»

Os olhos de Estelle franziram-se, como que prestes a chorar. Pós a sua mão em cima da mão de Sylvia e afagou-a brandamente. «Diz-me, minha querida, é por causa de um homem?»

«Sim, é por causa de um homem», disse Sylvia, e havia na sua voz uma sugestão de riso.

«Devias ter ido falar comigo...» Estelle suspirou. «Eu conheço os homens. Não tens de te envergonhar de nada, minha querida. Os homens são capazes de tais coisas com as mulheres que elas acabam por se esquecer de tudo o mais... Se Henry não tivesse tudo para ser aquilo que vai ser – um advogado honesto, íntegro, excepcional –, eu amá-lo-ia do mesmo modo, e faria por ele coisas que, antes de eu saber o que era viver com um homem, me teriam parecido chocantes e horrendas. Mas, minha querida, esse indivíduo com que te envolveste – não tenho a menor dúvida de que ele está a usar-te, a fazer pouco de ti...»

«Não é esse tipo de relação», disse Sylvia, levantando-se e localizando um par de meias na balbúrdia das gavetas do psichê. «Não tem nada a ver com amor. Esquece tudo isto. Melhor ainda: vai para casa e esquece-me – por completo; faz de conta que nunca existi.»

Estelle fitou-a atentamente. «Assustas-me, Sylvia; sinceramente, tu assustas-me.» Sylvia riu-se e continuou a vestir-se. «Lembras-te de uma vez, já lá vai muito tempo, em que te disse que te devias casar?»

«Hum, hum», assentiu Sylvia. «E agora, se fazes favor, escuta-me tu.» Sylvia virou-se; tinha na boca uma série de ganchos para o cabelo; retirou-os um a um enquanto falava. «Tu falas do casamento como se fosse a solução para todos os males; pois muito bem, até um certo ponto estou de acordo. Claro, claro que quero ser amada; haverá alguém no mundo que não o deseje? Mas, mesmo que estivesse disposta a um compromisso sério, onde é que está o homem que há-de tornar-se meu marido? Acredita no que te digo – esse homem deve ter caído num buraco dos esgotos... Quando eu digo que não há homens em Nova Iorque, estou a falar a sério, Estelle – e, mesmo que houvesse, onde é que uma

pessoa os encontra, como é que uma pessoa os conhece? Todos os homens que conheci nesta cidade e que me pareciam minimamente atraentes ou eram casados, ou eram demasiado pobres para se casarem, ou, então, eram maricas. E, de qualquer modo, este não é um sítio para uma pessoa se apaixonar; esta é uma cidade para onde uma pessoa deve vir se quiser curar-se de alguma paixão. Claro, suponho que poderia casar-me com alguém; mas... será que eu quero isso? Quererai realmente isso?»

Estelle encolheu os ombros. «Então o que é que tu queres?»

«Mais do que me tem sido dado.» Pós o último gancho no cabelo e alisou as sobralhas diante do espelho. «Tenho um compromisso, Estelle, são horas de partires.»

«Eu não posso deixar-te assim», disse Estelle, a mão numa agitação desamparada. «Sylvia, tu eras a minha amiga de infância...»

«Pois essa é precisamente a questão: nós já não somos crianças; ou, pelo menos, eu não sou. Não, quero que vás para casa, e não quero que voltes aqui nunca mais. Só quero uma coisa, Estelle: que me esqueças por completo.»

Estelle passou pelos olhos um lenço trémulo; porém, quando chegou à porta, já se havia rendido a um choro violento. Sylvia não se podia permitir ceder aos remorsos: se, até esse momento, fora de uma crueldade a toda a prova, agora não tinha outra saída senão ser ainda mais cruel. Seguindo Estelle até à porta, atirou-lhe: «Olha, e, já agora, nas cartas que mandares para a tua família em Easton, não te esqueças de escrever todos os disparates que quiseres acerca de mim!» Soltando um grito que fez com que os outros inquilinos, alarmados, assomassem ao corredor, Estelle desceu as escadas numa correria cega.

Depois disto, Sylvia voltou para o seu quarto e pôs-se a chupar um torrão de açúcar para tirar o sabor acre que tinha na boca: era o remédio da sua avó para os acessos de mau humor. Depois, ajoelhou-se e tirou a caixa de charutos que escondia debaixo da cama. Quando se abria a caixa, ela tocava uma versão caseira e algo desordenada de *Oh! How I Hate to Get Up in the*

*Morning*¹. O seu irmão tinha feito a caixa de música e oferecera-lha no seu décimo quarto aniversário. Ao comer o açúcar, pensara na avó, e, ao ouvir a melodia, pensou no irmão; as divisões da casa onde haviam vivido começaram a girar diante dos seus olhos, e todas elas estavam mergulhadas na escuridão, e ela, Sylvia, era como uma luz que ia de sala em sala, de quarto em quarto: escadas acima, escadas abaixo, de uma ponta à outra, por dentro e por fora, no ar as doces fragrâncias da Primavera e as sombras dos lilases, e o rangido de uma cadeira de balouço no alpendre. Todos desapareceram já, pensou, evocando os seus nomes, e, agora, estou completamente só. A música parou. Mas continuou na cabeça dela: podia ouvi-la, mais forte do que os gritos dos miúdos no terreno abandonado. E interferia com a sua leitura. Sylvia estava a ler um diário que guardava na caixa. Nesse caderno, anotava os pontos essenciais dos seus sonhos: dispunha já de uma infinidade de sonhos e era tão difícil recordar-se deles. Hoje, contaria a Mr. Revercomb aquele sonho das três crianças cegas. Ele iria gostar. Os preços que pagava variavam, e ela tinha a certeza de que o sonho das crianças cegas valia pelo menos dez dólares. A melodia da caixa de charutos desceu com ela as escadas e acompanhou-a ao longo das ruas, e Sylvia sofria horrivelmente porque queria que aquela música desaparecesse de vez da sua cabeça.

Na loja onde estivera o Pai Natal havia uma nova decoração, tão exasperante como a anterior. Mesmo quando estava atraída para o encontro com Mr. Revercomb, como acontecia agora, Sylvia sentia-se compelida a parar diante daquela montra. Uma rapariga de gesso com uns intensos olhos de vidro estava escaranchada em cima de uma bicicleta e pedalava a uma velocidade estonteante; embora os raios das rodas girassem hipnoticamente, a bicicleta, como é óbvio, nunca saía do mesmo sítio: tanto esforço

1. Canção composta por Irving Berlin (letra e música) em 1918 e que, na altura, teve muito êxito. A letra reflecte - em termos humorísticos - a experiência do compositor na Primeira Guerra Mundial. (*N. do T.*)

para nada: a rapariga não chegava nunca a sítio nenhum. Era uma situação lastimosamente humana, e Sylvia identificava-se com ela de uma forma tão absoluta que, quando parava diante daquela montra, sentia sempre uma dor real, intolerável. A melodia da caixa de música ecoava agora de novo na sua cabeça: a melodia, o irmão, a casa, um baile do liceu, a casa, a melodia! Mr. Revercomb por acaso não está a ouvi-la? Havia no seu perante olhar uma desconfiança baça, apagada... No entanto, parecia satisfeito com o seu sonho; e, à saída, Miss Mozart deu-lhe um sobrescrito que continha dez dólares.

«Tive um sonho de dez dólares», disse ela a O'Reilly, e este, esfregando as mãos, disse: «Ótimo! Ótimo! Mas vê lá tu a minha pouca sorte, miúda... Devias ter chegado mais cedo porque eu não resisti e fiz uma coisa terrível. Entrei numa loja de bebidas, aqui nesta rua, um bocado mais acima, roubei uma garrafa de litro e, zás, desatei a correr e só parei aqui.» Sylvia só acreditou quando ele tirou do seu sobretudo - um destroço preso por alfinetes - uma garrafa de *bourbon* já meio vazia. «Um dia destes, ainda te metes em sarilhos...», disse ela. «E depois? O que é que vai ser de mim? Não sei o que faria sem ti...» O'Reilly riu-se e despejou uma boa dose de whiskey num copo de água. Estavam num restaurante *self-service* que permanecia aberto toda a noite, um imenso e rutilante depósito de comida, saturado de espelhos azuis e de toscos murais. Ainda que Sylvia achasse aquele sítio francamente sórdido, era aí que se encontravam amiúde para jantar; porém, mesmo que tivesse dinheiro para isso, não sabia a que outro restaurante poderia ir com ele, visto que os dois juntos causavam uma estranha sensação: uma rapariga nova e um bêbedo decrépito. Mesmo ali, havia pessoas que ficavam escadadas a olhar para eles; se por acaso se demoravam demasiado a apreciá-los, O'Reilly enchia-se de brios e atirava: «Olá, lábios ardentes, lembro-me muito bem de ti, de outros tempos... Ainda trabalhas nas casas de banho dos homens?» De um modo geral, porém, deixavam-nos em paz e, por vezes, ficavam ali a conversar até às duas e três da manhã.

«É bom que o resto daquela chusma que vai ao Professor Miséria não saiba que ele te pagou dez dólares... Porque de certeza que pelo menos um deles te acusaria de teres roubado o sonho... Isso aconteceu-me uma vez. Todos róidos de inveja, prontos a fincarem-me os dentes, nunca em toda a minha vida vi um tal bando de tubarões, conseguem ser piores do que os actores, do que os palhaços, do que os homens de negócios... Se pararmos para pensar nesta história toda, há uma conclusão que é inevitável – é uma loucura, tudo isto, uma pura loucura: acabamos por ser dominados por uma série de obsessões: se vamos ou não conseguir dormir, se vamos ou não ter um sonho, se vamos ou não conseguir lembrar-nos dele. E isto repete-se vezes sem conta... De modo que, depois de contarmos o sonho, recebemos uns quantos dólares, e, quando temos o dinheiro na mão, o que é que fazemos? Corremos para a loja de bebidas mais próxima – ou para a máquina de soníferos mais próxima... E, quando damos por isso, já vamos a caminho do mais miserável, do mais imundo, do mais abjecto de todos os becos... Pois é, miúda, conheces alguma coisa parecida com isto? Eu conheço – a vida. Isto é igualzinho à vida.»

«Não, Oreilly, isto não é igual à vida. Não tem nada a ver com a vida. Tem mais a ver com a morte – é como se estivéssemos mortos. Eu sinto-me como se me tivessem despojado de tudo, como se um ladrão estivesse a roubar-me tudo o que tenho – tudo, rigorosamente tudo. Oreilly, eu antigamente tinha tantas ambições... Pois, agora, não tenho nenhuma. Nenhuma. E não entendo isto e não sei o que hei-de fazer.»

Nos lábios dele, desenhou-se um sorriso imenso. «E dizes que isso não é igual à vida? Quem entende a vida? Quem sabe o que há-de fazer?»

«Não brincues...», pediu Sylvia. «E, já agora, larga o whiskey e come a tua sopa antes que fique gelada.» Sylvia acendeu um cigarro, e o fumo irritou-lhe os olhos, cavando ainda mais os vincos do seu sobrolho. «Se ao menos eu soubesse para que é que ele quer todos aqueles sonhos – um sem-número de sonhos

dactilografados e arquivados... O que é que ele faz com os sonhos? Tens razão quando lhe chamas Professor Miséria... Porque ele não é, com toda a certeza, um mero charlatão; as coisas têm forçosamente de ser muito mais complexas do que isso... Mas porque é que ele quer sonhos? Ajuda-me, Oreilly, pensa, pensa: o que é que significa tudo isto?»

Semicerrando um olho, Oreilly pegou na garrafa e despejou mais um pouco de whiskey no seu copo; a sua boca retorcida de palhaço transformou-se de súbito numa inflexível linha de seriedade académica. «Essa é a mais difícil de todas as perguntas, miúda, vale de certeza um milhão de dólares... Porque é que não me perguntas uma coisa fácil? Por exemplo: qual o melhor remédio para uma vulgar constipação? Pois é, miúda, o que é que significa tudo isto? Também eu pensei muito nisso. Pensei nisso nas mais variadas situações. Quando fazia amor com uma mulher, por exemplo, ou a meio de uma partida de póquer...» Emborcou a bebida de um só gole e todo o seu corpo estremeceu num arrepio. «Ora bem, vejamos... Um som pode desencadear um sonho; o ruído produzido por um carro passando na noite pode levar centenas de pessoas a mergulharem no mais fundo de si mesmas... Não deixa de ter piada, essa ideia – um carro, um único carro, avançando veloz na escuridão e arrastando atrás de si tantos e tantos sonhos. O sexo, uma súbita mudança de luz, um problema grave – aí tens outras tantas pequenas chaves que também podem abrir as portas para o que há de mais profundo em todos nós. Porém, a grande maioria dos sonhos começa porque, dentro de nós, há fúrias que são capazes de rebentar com todas as portas... Eu não acredito em Jesus Cristo, mas acredito nas almas das pessoas; e é assim que eu vejo as coisas, miúda: os sonhos são a mente da alma e a secreta verdade acerca de todos nós. Ora é muito provável que o Professor Miséria não tenha alma; por isso, a pouco e pouco, ele vai-se apoderando da tua... Ele rouba a tua alma como roubaria as tuas bonecas ou a asa de frango que tinhas no teu prato... Centenas de almas passaram já por ele e foram parar a um arquivo.»

«Por favor, O'Reilly, não brincques...», disse ela de novo, porque pensava que ele não estava a falar a sério. «E repara, a tua sopa está...» Calou-se abruptamente, alarmada com a peculiar expressão que se cravara no rosto de O'Reilly. Ele estava a olhar para a entrada. Três homens tinham acabado de entrar – dois polícias e um civil que vestia um casaco de empregado de balcão. O empregado estava a apontar para a mesa deles. Os olhos de O'Reilly percorreram a sala com o desespero de um animal encurralado; por fim, suspirou, recostou-se no seu assento, e, num jeito ostensivo, deitou mais whiskey no seu copo. «Boa noite, cavalheiros», disse ele, quando os polícias se postaram diante dele, «posso convidá-los para uma bebida?»

«Não podem prendê-lo», gritou Sylvia, «não podem prender um palhaço!» Desesperada, atirou-lhes a nota de dez dólares, mas os polícias não ligaram nenhuma, e ela desatou aos murros na mesa. Todos os clientes seguiam avidamente a cena, e o gerente, que não parava de retorcer as mãos, correu para a mesa deles. Os polícias ordenaram a O'Reilly que se levantasse. «Com certeza, senhores agentes», disse O'Reilly. «Embora, francamente, não deixe de ficar chocado com o facto de os senhores se preocuparem com delitos tão insignificantes como os meus, quando, por todo o lado, há mestres na arte de roubar em plena actividade. Por exemplo, esta bela jovem que aqui vêem...», acrescentou O'Reilly, colocando-se entre os polícias e apontando para Sylvia, «... tem sido, nestes últimos tempos, vítima de um roubo hediondo... Pobre menina, a ela, têm-lhe roubado a alma...»

Durante os dois dias seguintes, Sylvia não saiu do seu quarto: sol na janela; depois, a escuridão. Ao terceiro dia, como tinha ficado sem cigarros, arriscou uma rápida incursão à loja mais próxima, uma *delicatessen* que ficava na esquina. Comprou uma embalagem de bolinhos em pequenas formas de papel, uma lata de sardinhas, um jornal e cigarros. Não comera nada desde que se fechara no quarto; experimentava agora uma sensação tão agradável, deliciosa, estimulante...; porém, a interminável escada

que teve de subir, o alívio que sentiu ao fechar a porta, tudo isso a deixou tão exausta que não conseguiu sequer fazer a cama. Deixou-se deslizar até sentir o chão sob o seu corpo e não se mexeu até voltar a ser dia. Parecia-lhe que tinha estado deitada no chão não mais do que vinte minutos. Ligou o rádio, pôs o volume no máximo dos máximos, arrastou uma cadeira até à janela e abriu o jornal sobre o colo: *Lana Nega, Rússia Rejeita, Mineiros Cedem*¹: de todas as coisas, a mais triste era o facto de a vida continuar: se uma pessoa deixa o seu ou a sua amante, a vida deveria parar para essa pessoa; e se uma pessoa desaparece do mundo, então o mundo também deveria parar: e nunca parava. E o facto de o mundo nunca parar era a verdadeira razão para a maior parte das pessoas se levantar de manhã: se se levantavam de manhã, não era porque isso fosse importante, mas, precisamente, porque não o era. Porém, se Mr. Revercomb conseguisse finalmente recolher todos os sonhos que havia em todas as cabeças, talvez... A ideia escapou-lhe, emaranhou-se com o rádio e o jornal. *Descida de temperatura*. Uma tempestade de neve avança pelo Colorado, pelo Oeste, abate-se sobre todas as pequenas cidades, amarelece todas as luzes, cobre todas as pegadas, desaba aqui e agora: com que rapidez viera, a tempestade de neve: os telhados, o terreno abandonado, o perto e também o longe, toda a paisagem que os seus olhos alcançavam estava profundamente imersa em branco, um mar de neve cada vez mais fundo, como um sono cobrindo a cidade. Olhou para o jornal e olhou para a neve. Mas devia ter estado a nevar o dia inteiro. Não, não podia ter começado agora mesmo. Não se ouvia um único som de carros na rua; no redemoinhante deserto branco do terreno abandonado, os miúdos tinham-se juntado à volta de uma fogueira; num carro, enterrado na berma, os faróis piscavam um socorro!, socorro!, tão silencioso como a angústia de um coração. Reduziu a migalhas um dos bolinhos que comprara,

1 «Lana» é obviamente a actriz Lana Turner. Tendo em conta que o conto foi escrito em 1949, é possível que Lana negue o seu terceiro casamento (ou divórcio). (*N. do T.*)

espalhou-as no peitoril da janela: os pássaros do Norte viriam para lhe fazer companhia. E deixou a janela aberta para eles: o vento, armado de neve, espalhou flocos que se dissolviam no chão como jóias do dia das Mentiras. *Temos o prazer de apresentar: A vida pode ser tão bela...!*: baixe-me esse rádio! A bruxa do bosque estava a bater à sua porta: Sim, Mrs. Halloran, disse ela, e desligou o rádio. Silêncio de neve, silêncio de sono, apenas, muito ao longe, o cantarolar dos miúdos em torno da fogueira que os aquecia e divertia; e o quarto estava azul de frio, mais frio do que o frio dos contos de fadas: descansa, meu coração, no abrigo das flores de neve... Mr. Revercomb, o que é que está a fazer aí à porta? Entre, entre já, está tanto frio lá fora...

Porém, quando acordou, sentiu-se quente e protegida. A janela estava fechada e ela repousava nos braços de um homem. Ele estava a cantar para ela; era uma voz suave, mas prazenteira: *tartes de dinheiro, tartes de felicidade, tartes de amora e também de amor, mas a melhor de todas é a tarte de amor...*

«Oreilly, és tu – és mesmo tu?»

Ele estreitou-a com força. «Pois sim senhor... a menina já acordou. E como é que ela se senté?»

«Pensava que tinha morrido.», retorquiu Sylvia, e a felicidade adejou dentro dela como uma ave ferida, mas ainda capaz de voar. Tentou abraçá-lo, mas estava demasiado fraco. «Adoro-te, Oreilly; tu és o meu único amigo e eu estava tão assustada... Pensava que nunca mais voltaria a ver-te.» Deteve-se por um instante, perdida a recordar. «Mas tu não devias estar na cadeia?»

O rosto de Oreilly ficou todo rosado de satisfação. «Eu nunca estive na cadeia...», disse ele num tom misterioso.

«Mas, primeiro, vamos comer. Esta manhã trouxe-te algumas coisas da *delicatessen*...»

De súbito, Sylvia sentiu-se como que a flutuar. «Há quanto tempo estás aqui?»

«Desde ontem», disse ele, numa azáfama com os pacotes e os pratos de papel. «Foste tu que me abriste a porta.»

«É impossível. Não me lembro de nada.»

«Eu sei», disse ele, e ficou por aí. «Vá lá, bebe o teu leiteinho como uma menina bonita. Em troca, eu vou contar-te uma daquelas histórias cheias de maldades... Oh, e é cá uma história...!», prometeu ele, dando, todo contente, umas boas palmadas nas ancas, e parecendo, mais do que nunca, um verdadeiro palhaço. «Bom, como te disse, eu nunca estive na cadeia. E a que se deve esse pequeno golpe de sorte? Pois bem, quando aqueles dois marmanhões me levavam quase de rastros pela rua, não é que dei de caras com a mulher gorila, que vinha subindo a rua toda lampeira? Exactamente, miúda – a mulher gorila, mais conhecida por Miss Mozart! Olá, Miss Mozart, digo-lhe eu, vai ao barbeiro fazer a barba? Vão prendê-lo? Pois já não era sem tempo!, diz ela, e sorri para um dos polícias. Cumpra o seu dever, senhor agente. Oh, digo-lhe eu, a senhora está muito enganada – eu não fui preso... Os senhores agentes vão só levar-me à esquadra mais próxima para que eu possa denunciá-la, sua comunista nojentá! Não te será difícil imaginar a cena que ela fez... Atirou-se a mim, claro, e os polícias, evidentemente, atiraram-se logo a ela! Não se podem queixar de que eu não os avisei: tenham cuidado, rapazes, disse eu, esta mulher tem pêlos no peito! E não há dúvida de que Miss Mozart lutou melhor que muitos homens...! De maneira que, pé ante pé, fui-me afastando daquele tremendo rebuliço... Ao contrário da esmagadora maioria dos nova-iorquinos, nunca gostei de ficar parado no meio da rua a ver cenas de pancadaria...»

Oreilly ficou com ela no quarto durante o fim-de-semana. Sylvia não se lembrava de ter tido em toda a sua vida uma festa tão bonita; para além de nunca se ter rido tanto como naqueles dois dias, nunca ninguém – em particular na sua família – a fizera sentir-se tão amada. Oreilly era um cozinheiro de primeira, e confeccionou deliciosos pratos no pequeno fogão eléctrico; certa vez, tirou colheradas de neve do peitoril da janela e, juntando-lhes xarope de morango, fez uns deliciosos sorvetes. No domingo, já Sylvia se sentia suficientemente forte para dar uns passos de dança. Ligaram o rádio e dançaram

até ela cair de joelhos, ofegante e perdida de riso. «Nunca mais vou ter medo», disse ela. «Aliás, já nem sei de que é que tinha medo.»

«Das mesmas coisas de que terás medo da próxima vez», retorquiu Oreilly num tom sereno. «Essa é uma das características do Professor Miséria: nunca ninguém sabe aquilo que ele é – nem mesmo as crianças, e as crianças sabem quase tudo.»

Sylvia abeirou-se da janela; uma brancura ártica cobria a cidade, mas a neve tinha parado de cair, e, no céu nocturno, havia uma claridade tão intensa como a do gelo: ali, vogando por sobre o rio, Sylvia viu a primeira estrela da noite. «Estou a ver a primeira estrela», disse ela, fazendo figas.

«É que desejo pedes quando vês a primeira estrela?»

«Peço para ver outra estrela», disse ela. «Pelo menos é isso que eu normalmente peço...»

«E esta noite?»

Sylvia sentou-se no chão e encostou a cabeça aos joelhos dele. «Esta noite, gostaria muito que se realizasse um outro desejo. Daria tudo para ter todos os meus sonhos de volta.»

«Mas isso é o que toda a gente quer, não é?», disse Oreilly, afagando-lhe os cabelos. «Mas depois... o que é que farias? Quer dizer, o que é que farias se pudesses ter os teus sonhos de volta?»

Por um momento, Sylvia rendeu-se ao silêncio; quando finalmente falou, o seu olhar tornara-se gravemente distante. «Iria para casa», disse ela numa cadência lenta. «E essa seria uma decisão terrível, porque implicaria que eu renunciasses à maior parte dos meus outros sonhos... Mas se Mr. Revercomb me devolvesse os meus sonhos, regressaria a casa amanhã mesmo.»

Sem dizer palavra, Oreilly foi ao armário e tirou o casaco dela. «Mas porquê?», perguntou ela enquanto ele a ajudava a vesti-lo. «Deixa lá os porquês», disse ele. «Faz apenas o que eu te digo, está bem? Vamos fazer uma visita a Mr. Revercomb... Vais pedir-lhe que te devolva os teus sonhos. Não temos nada a perder, pois não?»

Quando chegou à porta, Sylvia recusou-se a sair. «Por favor, Oreilly, não me obrigues a ir. Por favor... Eu não posso... Tenho medo...»

«Não tinhas dito que não voltarias a ter medo?»

Porém, uma vez na rua, Oreilly tratou de lhe apressar o passo; conduzia-a contra o vento com tal rapidez, que Sylvia nem tempo teve para ceder ao medo. Era domingo, as lojas estavam fechadas e os semáforos pareciam acender-se e apagar-se só para eles, pois não havia nenhum carro que se atrevesse a avançar pela avenida coberta de uma espessa camada de neve. Sylvia até se esqueceu de onde iam e desatou a falar de episódios triviais: fora ali mesmo, naquela esquina, que, certo dia, vira a Garbo, e ali, sim, naquele cruzamento, uma velha fora atropelada. Por fim, contudo, deteve-se, já ofegante, e esmagada por uma súbita luzidez. «Não posso, Oreilly», disse ela, puxando por ele. «O que é que eu lhe vou dizer?»

«Vais encarar a coisa como se fosse um negócio – e, por isso, vais propor-lhe um acordo», disse Oreilly. «Diz-lhe, preto no branco, que queres os teus sonhos. Se ele tos devolver, tu devolver-lhe-ás todo o dinheiro que ganhaste – em prestações, claro. Nada mais simples, miúda. Por que raio é que ele não te há-de devolver os sonhos? Estão todos lá, no arquivol!»

De algum modo, esta abordagem do caso pareceu-lhe convincente; tinha os pés gelados; bateu com eles no chão para os aquecer e, armada de uma certa coragem, Sylvia avançou. «Ora muito bem, cá temos de novo a minha miúda valente!», disse ele. Separaram-se na 3rd Avenue, pois Oreilly considerava que, pelo menos para já, não seria propriamente muito seguro aproximar-se da casa de Mr. Revercomb. Abrigou-se junto à porta de um prédio; de vez em quando acendia um fósforo e cantava bem alto: *mas a melhor de todas é a tarte de whiskey!* Sob o viaduto por onde passava o comboio, um cão muito magro e comprido, fazendo lembrar um lobo, avançou compassadamente e sem um só ruído sobre os respiradouros do metro em forma de lua, e, do outro lado da rua, viam-se as formas enevoadas dos homens que se

tinham reunido à volta de um bar ao ar livre: a ideia de que talvez pudesse cravar um copo a um daqueles beberões bastava para o deixar grogue.

No preciso momento em que decidiu avançar e tentar qualquer coisa desse género, Sylvia surgiu diante dele. E estava nos seus braços antes que ele pudesse aperceber-se de que era realmente ela. «Não pode ter sido assim tão mau, minha querida...», disse ele num jeito meigo, abraçando-a o melhor que podia. «Não chores, miúda; está demasiado frio para chorares: a pele do teu rosto vai ficar tão áspera...» Enquanto, sufocada pelas lágrimas, lutava desesperadamente por articular algumas palavras, o choro de Sylvia transformou-se num riso trémulo, num riso que não parecia natural. O ar depressa se encheu do fumo do seu riso. «Sabes o que é que ele me disse?», conseguiu dizer por fim, ofegante. «Sabes o que é que ele me disse quando eu lhe pedi os meus sonhos?» A cabeça dela inclinou-se toda para trás, e o seu riso cresceu e ergueu-se no ar e voou pela rua como um papagaio de papel, pintado de desvairadas cores, que fugira das mãos do seu dono. Oreilly teve de sacudi-la pelos ombros. «Ele disse... que eu não podia ter os meus sonhos de volta... porque ele já os tinha usado todos.»

Então, rendeu-se ao silêncio, e o seu rosto sossegou, vencido por uma calma inexpressiva. Deu o braço a Oreilly e, juntos, desceram a rua: mas era como se fossem amigos fazendo tempo no cais, cada um à espera do comboio do outro, e, quando chegaram à esquina, Oreilly pigarreou e disse: «Acho que é melhor ir andando, miúda. Já que temos de nos separar, o sítio pouco importa, não é?»

Sylvia agarrou-se à manga dele. «Mas para onde é que tu vais, Oreilly? Para onde?»

«Vou viajar pelo azul», disse ele, esboçando um sorriso que não lhe saiu muito bem.

Ela abriu a bolsa. «Um homem não pode viajar pelo azul sem uma garrafa», disse ela, e, beijando-o na face, meteu uma nota de cinco dólares no bolso dele.

«Deus te abençoe, miúda.»

Os cinco dólares eram todo o dinheiro que lhe restava, e agora tinha de ir a pé para casa e sozinha – que importância é que isso tinha? Nenhuma. Os montes de neve eram como as ondas brancas de um mar branco, e ela cavalgava essas ondas, levada pelos ventos e pelas marés da Lua. Não sei o que quero, e talvez nunca venha a saber; mas o meu único desejo ao ver uma estrela será sempre ver outra estrela; e não tenho medo, pensou, é a pura verdade. Dois rapazes saíram de um bar e pararam a olhar para ela; num qualquer parque, num qualquer tempo há muito tempo, tinha visto dois rapazes. Quem sabe se não seriam os mesmos... É a pura verdade, não tenho medo, pensou, enquanto ouvia os passos deles que a seguiam na neve: e, de qualquer modo, também já não restava nada para roubar.

Anexo 3 – Registo comparativo de ocorrências

3.1. “A Lenda de Preacher”

<u>N.º de ocorrência:</u>	<u>Texto de Partida</u>	<u>Tradução proposta</u>	<u>Tradução publicada</u>
1)	“Old coloured man” (p. 63) “Coloured folks” (p. 72)	“velho negro” (p. 6) “estes tipos de cor” (p.14)	“velho homem negro” (p. 95) “estes tipos de cor” (p. 107)
2)	“guttred red-clay road” (p. 63)	“estradinha avermelhada” (p. 6)	“estrada de terra vermelha, esventrada” (p. 95)
3)	“a mite” (p. 63)	“cinco réis de gente” (p. 6)	“uma migalha de gente” (p. 95)
4)	“He was so bent that he resembled a rusty sickle and his skin was the yellow of superior leather.” (p. 63)	“Estava de tal modo curvado que se assemelhava a uma foice ferrugenta e a sua pele era amarelada como o couro da mais alta qualidade.” (p. 6)	“O seu corpo, de tão curvado, fazia lembrar uma foice enferrujada, e a pele tinha aquele tom amarelo do couro de qualidade superior.” (p. 95)
5)	“wisely” (p. 63)	“pensativamente” (p. 6)	“com o gesto de um sábio” (p. 95)
6)	“It was quiet, of course, and the coolness [...]” (p.63)	“Tudo estava, obviamente, calmo, e a brisa [...]” (p. 6)	“À sua volta, como não podia deixar de ser, tudo era quietude uma aragem fresca [...]” (p. 95)

7)	“comic strips” (p.63)	“tiras de banda-desenhada” (p. 6)	“histórias aos quadradinhos” (p. 96)
8)	“two springs ago” (p.64)	“há dois anos” (p. 7)	“havia duas Primaveras” (p. 97)
9)	Anna- Jo (p. 64) Cypress City (p. 64) Calupa County (p. 68)	Opção pela não tradução de nomes próprios, nem de topónimos.	Opção pela não tradução de nomes próprios, nem de topónimos.
10)	“ <i>The Place</i> ” (pp. 65, 66) “Preacher’s place” (p. 66)	“ <i>O Sítio</i> ” (p. 8) “o sítio de Preacher” (p. 9)	“ <i>O Lugar</i> ” (pp. 98, 99) “o lugar de Preacher” (p. 100)
11)	“spanish moss” (p. 65)	“musgo espanhol” (p. 8)	“barbas de velho” (p. 98)
12)	“sweet gum” (p. 66)	“resina” (p. 8)	“liquidâmbar” (p. 99)
13)	“Hush now” (p. 66)	“Shiu” (p. 8)	“Cala-te já” (p. 99)
14)	“Heaven” (p. 66)	“céu” (letra minúscula) (p. 8)	“Céu” (letra maiúscula) (p. 99)
15)	“Emerald-winged dragons” (p. 66)	“libélulas, de asas verde-esmeralda” (p. 9)	“libélulas com asas cor de esmeralda” (p. 99)
16)	“giant tiger lilly” (p.66)	“uma enorme coroa imperial” (p. 9)	“lírio gigantesco” (p. 99)
17)	“A flow of swallows swept overhead” (p.66)	“Um bando de andorinhas voou por cima da sua cabeça”	“uma torrente de andorinhas varreu os ares” (p. 100)

		(p. 9)	
18)	“a rotted oak stump on which clusters of devil’s snuff grew” (p. 67)	“ao coto de um carvalho moribundo, onde cresciam tufos de cogumelos venenosos” (p. 9)	“ao cepo apodrecido de um carvalho-roble onde cresciam agora magotes de cogumelos de pele branca, perlada” (p. 100)
19)	“sky” (p. 67)	“céu” (com letra minúscula) (p. 9)	“céu” (com letra minúscula) (p. 100)
20)	“Several moments of silence, his eyes pinched narrow, intent upon the ring of sky, the smoky strands of cloud, like stray loops of tow hair that seemed scarcely to move over the blue screen, paler than milk glass.” (p. 67)	“Seguiram-se momentos de silêncio, os seus olhos estreitaram-se, concentrados no céu, nas nuvens que se desprendiam, como cordas brancas soltas, quase imóveis, sobre um painel azul, mais pálidas do que vidro leitoso.” (p. 9)	“Um longo momento de silêncio, os olhos muito franzidos, pregados ao círculo de céu, aos fios fumacentos das nuvens, semelhantes a anéis de um cabelo cor de estopa que se tivessem desgarrado, e que mal pareciam mover-se na tela azul, mais pálida do que vidro leitoso.” (p. 100)
21)	“Certain of his audience” (p. 67)	“Seguro de que estava a ser observado” (p. 9)	“Seguro da atenção da sua audiência” (p. 100)
22)	“It was time to speak his piece.” (p. 67)	“Estava na hora de falar” (p. 9)	“Chegara a hora de abrir o seu coração” (p. 100)

23)	“And his business finished” (p. 67)	“A sua vida já estava feita” (p. 9)	“E a sua quinta estava arruinada.” (p. 100)
24)	“whippoorwill” (p. 67)	“noitibó” (p. 10)	“bacurau” (p. 101)
25)	“pleadding his case” (p. 67)	“expor e rogar pelo seu caso” (p. 10)	“defender a sua causa” (p. 101)
26)	“A crop-eared black-and-tan” (p. 68)	“Um perdigueiro” (p. 10)	“Um cão de orelhas aparadas, com uma pelagem preta semeada de manchas castanhas.” (p. 101)
27)	“Hound” (p. 68)	“perdigueiro” (p. 10)	“cão” (p. 102)
28)	“Smooth cheeked” (p. 68)	“sem barba” (p. 10)	“faces glabras” (p. 102)
29)	“Curly Head” (p. 68) “Yellow Hair” (p. 68)	“o Caracóis” (p. 10) “o Louro” (p. 10)	“Cabelo Encaracolado” (p. 102) “Cabelo Amarelo” (p. 102)
30)	“pretty penny (...) half dollar” (p. 68)	“dava tudo para (...) praticamente do tamanho de uma moeda” (p. 11)	“Bom dinheiro (...) meio dólar” (p. 102)
31)	“Dark hollow” (p. 69)	“escuro vale” (p. 11)	“cova escura” (p. 102)
32)	“His overalls flapped crazily”. (p. 69)	“as jardineiras que trazia vestidas abanavam por todos	“o seu fato-macaco, numa agitação desvairada, fazia

		os lados” (p. 11)	lembrar uma bandeira flutuando ao sabor do vento” (p. 103)
33)	“moon vine” (p. 69)	“a trepadeira dama-da-noite” (p. 11)	“aquela trepadeira, a boa-noite” (p. 104)
34)	“Widduhs” (p. 70)	“aranhiços” (p. 12)	“viúvas” (p. 104)
35)	“Pose-Yourself man” (p. 70)	“fotógrafo que vinha uma vez por ano” (p. 12)	“Homem do Pose Yourself” (com nota do tradutor em rodapé) (p. 104)
36)	“Cypress Frolics Fair” (p. 70)	“Feira de Diversões de Cypress” (p. 12)	“Festas de Cypress City” (p. 104)
37)	“pecan grove” (p. 70)	“árvores de noz-pecã” (p. 12)	“nogueiras-pecãs” (p. 105)
38)	“watcher’s very eyes” (p. 70)	“perante os olhos deste” (p. 12)	“perante o olhar de quem lá estava” (p. 105)
39)	“outrageous offspring” (p. 70)	“filhos desnaturados” (p. 12)	“lamentável prole” (p. 105)
40)	“Distinguishing” (p. 71)	“fazendo uma distinção” (p. 13)	“Diferençando” (p. 106)
41)	“Gran’pa” (p. 71)	“velhote” (p. 13)	“avozinho” (p. 106)
42)	“Cypress City Morning Star” (p. 71)	“Igreja Estrela da Manhã de Cypress City” (p. 13)	“Igreja Estrela de Alva de Cypress City” (p. 106)
43)	“You” (diálogo dos estranhos com Preacher)	“Tu” (p. 13)	“o senhor” (p. 107)

	(p. 71)		
44)	“scuppernong” (p. 72)	“uva muscadínia” (p. 14)	“uvas scuppernong” (p. 108)
45)	“Paradise candy” (p. 72)	“doces Paraíso” (p. 14)	“chocolates Paradise” (p. 108)
46)	“Fine and dandy” (p. 73)	“Ora que bem que soube” (p. 15)	“Soube-me que nem ginjas” (p. 108)
47)	“Cabin” (p. 73)	“barraca” (p. 15)	“cabana” (p. 109)
48)	“Mortally ashamed” (p. 73)	“Envergonhado até à raiz dos cabelos” (p. 15)	“mortalmente envergonhado” (p. 109)
49)	“But you can never tell about these old coons; liable to go off the deep end before you can bat your eyes” (p. 74)	“Mas vá-se lá entender estes pretos velhos. São capazes de fazer alguma loucura antes de teres sequer tempo para pestanejar.” (p. 16)	“Mas com estes escarumbas velhos nunca se sabe; num abrir e fechar de olhos, são capazes de se passar completamente da cachimónia” (p. 110)
50)	“good man” (p. 74)	“hóme bom” (p. 16)	“Bom homem” (p. 110)
51)	“fairly danced” (p. 75)	“quase dançou” (p. 17)	“foi a dançar” (p. 111)
52)	“for a drink of water” (p. 75)	“beber um copo de água” (p. 18)	“para um copo de água” (p. 112)
53)	“Hee hee hee” (p. 75)	“Th ih ih” (p. 17)	“Th ih ih” (p. 112)
54)	“you old goat” (p. 75)	“velhadas” (p. 18)	“seu bode velho” (p. 112)

			112)
--	--	--	------

3.2. “Mestre Miséria”

<u>N.º de ocorrência:</u>	<u>Texto de Partida</u>	<u>Tradução proposta</u>	<u>Tradução publicada</u>
1)	“Master Misery” (p. 155, 170)	“Mestre Miséria” (p. 19)	“Professor Miséria” (p. 219, 239)
2)	“clacking” (p. 155)	“barulho” (p. 19)	“toque-toque” (p. 219)
3)	“snowy swollen wastes of the secretary’s face” (p. 155)	“as pregas salientes e esbranquiçadas do rosto da secretária” (p. 19)	“como o desolado deserto, nevado e tumefacto, do rosto da secretária” (p. 219)
4)	“reddish, unreflecting eyes” (p.155)	“olhos avermelhados e absortos” (p. 19)	“olhos avermelhados que não reflectiam nada do que viam” (p. 219)
5)	“Mr. Revercomb was most particularly pleased” (p. 155)	“Mr. Revercomb ficou muito satisfeito.” (p. 19)	“Mr. Revercomb gostou muito de a conhecer.” (p. 219)
6)	“Fifth Avenue” (p. 155) “Seventy-eighth Street” (p. 157) “Madison Avenue” (p. 160)	“5.ª Avenida” (p. 19) “Rua 78” (p. 20) “Avenida Madison” (p. 23) “Avenidas 60, na zona Este, entre a 2.ª e a 3.ª	“5th Avenue” (p. 219) “78 th Street” (p. 222) “Madison Avenue” (p. 225) “East Sixties, entre a

	“East Sixties between Second and Third Avenues” (p. 165)	Avenidas” (p. 28)	2 nd e a 3 rd Avenues” (p. 233)
7)	“chintz-cramped appartment” (p. 156)	“apartamento atafalhado de chita” (p. 19)	“apartamento atravancado de chintz” (p. 220)
8)	“Tinkling Tillie”, “Our Nelle”, “Big Bear” (p. 156)	“Campainhas, a Nossa Fofura, o Grande Urso” (p. 20)	“Tlim Tlim, a Nossa Nelle, o Grande Urso” (p. 220)
9)	“it would be all over Easton that she’d been raped in Central Park” (p. 157)	“não tardaria muito para que toda a gente em Easton achasse que ela tinha sido violada no Central Park” (p. 20)	“a notícia espalhar-se-ia por toda a pequena cidade de Easton: Sylvia fora violada no Central Park!” (p. 221)
10)	“any professional man” (p. 158)	“qualquer homem trabalhador” (p. 21)	“um profissional liberal” (p. 222)
11)	“anger on her cheeks like rouge” (p. 158)	“corada de raiva” (p. 21)	“a raiva coloria-lhe as faces como rouge” (p. 223)
12)	“Seconal” (p. 159)	“comprimido para dormir” (p. 22)	“Seconal” (p. 224)
13)	“ease, like fireflight, wavered over her, and there came the moment of twilit lantern slides, deeply deeper” (p. 160)	“Uma sensação de conforto apoderava-se dela e os sonhos começavam a invadi-la.” (p. 23)	“uma sensação de conforto, de sossego, envolvia-a como a luz ondulante do fogo de uma lareira; e logo veio aquele momento em que uma lanterna

			mágica projecta as suas imagens crepusculares, profundamente, numa região cada vez mais funda” (p. 225)
14)	“in a frenzy of electrical mirth” (p. 160)	“dançava alegremente para trás e para a frente” (p. 23)	“num frenesim de júbilo eléctrico” (p. 226)
15)	“In the dusk room the gathering settled again like sun motes” (p. 161)	“Na sala obscura, o grupo voltou ordeiramente às anteriores posições, como pequenas partículas de pó iluminadas pelo sol.” (p. 24)	“Na penumbra da sala, as mulheres acomodaram-se de novo nos seus assentos; eram como partículas de poeira iluminadas pelo sol que num momento se agitam, para, logo a seguir, se renderem a uma espécie de calma flutuação.” (p. 227)
16)	“scratched the polished silence of Mr. Revercomb’s house” (p. 161)	“quebravam o silêncio polido da casa de Mr. Revercomb” (p. 24)	“arranhou o fulgente verniz do silêncio da casa” (p. 227)
17)	“capsizing the room into a fury of sound” (p. 161)	“toda a sala de espera foi invadida por um barulho ensurdecador” (p. 24)	“e logo a sala, como frágil navio em mar inclemente, soçobrou às vagas da fúria sonora” (p. 228)

18)	“It was raining thick and darkly” (p. 162)	“A chuva caía em bátegas grossas e escuras” (p. 25)	“Uma espessa e negra mortalha de chuva” (p. 228)
19)	“poodle” (p. 165)	“caniche” (p. 28)	“poodle” (p. 232)
20)	“bureau” (p. 166)	“cómoda”	“psiché” (p. 234)
21)	“Uh huh” (p. 166)	“hum, hum” (p. 30)	“hum, hum” (p. 234)
22)	“Estelle fluttered at her eyes with a handkerchief” (p. 167)	“Estelle agarrou num lenço a tremer” (p. 30)	“Estelle passou pelos olhos um lenço trémulo” (p. 265)
23)	“Oh how I hate to wake up in the morning” (p. 167)	“Oh, como odeio acordar de manhã!” (p. 31) (com o título original e explicação da origem da canção em nota de rodapé).	“Oh, how I hate to wake up in the morning” (com a explicação da origem da canção em nota de rodapé) (p. 235/236)
24)	“porch swing” (p. 168)	“baloço de alpendre” (p. 31)	“cadeira de balouço no alpendre” (p. 236)
25)	“a new and equally unnerving exhibit” (p. 168)	“uma nova decoração, igualmente irritante” (p. 31)	“uma nova decoração, tão exasperante como a anterior” (p. 236)
26)	“baby” (p. 168)	“querida” (p. 32)	“miúda” (p. 237)
27)	“snatched a quart and ran” (P 168)	“Fui ali a uma loja de bebidas, agarrei numa garrafa e fugi” (p. 32)	“roubei uma garrafa de litro e, zás, desatei a correr e só parei aqui” (p. 237)

28)	“his pinned-together overcoat” (p. 168)	“sobretudo remendado” (p. 32)	“do seu sobretudo – um destroço preso por alfinetes” (p. 237)
29)	“all-night cafeteria” (p. 169)	“cafeteria que estava aberta toda a noite” (p. 32)	“restaurante self-service que permanecia aberto toda a noite” (p. 237)
30)	“baby”/“kid” (p. 170)	“miúda” (p. 33)	“miúda” (p. 239)
31)	“That is a million dollar question” (p. 170)	“Essa é uma pergunta para valer um milhão de dólares.” (p. 33)	“Essa é a mais difícil de todas as perguntas, miúda, vale de certeza um milhão de dólares” (p. 239)
32)	“pickle” (p. 170)	“uma bebedeira” (p. 33)	“um problema grave” (p. 239)
33)	“cupcakes” (p.171)	“queques” (p. 34)	“bolinhos em pequenas formas de papel” (p. 240)
34)	“And that was the real reason for most people getting up in the morning: not because it would matter but because it wouldn’t.” (p. 171)	“É esse o motivo pelo qual a maior parte das pessoas se levanta da cama: não pelo facto de que isso tenha alguma importância, mas porque não a tem.” (p. 34)	“E o facto de o mundo nunca parar era a verdadeira razão para a maior parte das pessoas se levantar de manhã: se se levantavam de manhã, não era porque isso fosse importante, mas, precisamente, porque

			não o era.” (p. 241)
35)	“in the swirling wastes of the vacant lot” (p. 172)	“no meio dos desperdícios, em torvelinho, do lote vazio” (p. 35)	“no redemoinhante deserto branco de terreno abandonado” (p. 241)
36)	“cherryberry, moneyberry, happyberry pie, but the best old pie is a loveberry pie” (p. 172)	“Dorme, dorme, meu anjinho, meu raminho de jasmim.” (p. 35) (Substituição da canção de embalar original por uma de sentido idêntico em português, com nota de rodapé citando a original)	“tartes de dinheiro, tartes de felicidade, tartes de amora e também de amor, mas a melhor de todas é a tarte de amor” (Tradução literal da canção) (p. 242)
37)	“delicatessen” (pp. 171/173)	“loja” (pp. 34 /36)	“delicatessen” (pp. 240/242)
38)	“but the best old pie is a whiskeyberry pie!” (p. 175)	“meu copinho de jasmim” (p. 38) (Substituição da canção de embalar original por uma de sentido idêntico em português, com nota de rodapé citando a original e explicitando o trocadilho empregue)	“mas a melhor de todas é a tarte de whiskey!” (Tradução literal da canção) (p. 245)
39)	“Like a wolf, a long thin dog came padding over the	“Como um lobo, um cão grande e magro aproximou-se	“Sob o viaduto por onde passava o comboio, um cão

	moon-slats under the elevated, and across the street there were the misty shapes of men ganged around a bar: the idea of maybe cadging a drink in there made him groggy.” (p. 175)	silenciosamente sobre os raios de luar reflectidos no passeio e, do outro lado da rua, viam-se formas indistintas de homens reunidos em grupo à porta de um bar: a ideia de lá ir pedir uma bebida fazia-o cambalear.” (p. 38)	muito magro e comprido, fazendo lembrar um lobo, avançou compassadamente e sem um só ruído sobre os respiradouros do metro em forma de lua, e, do outro lado da rua, viam-se as formas enevoadas dos homens que se tinham reunido à volta de um bar ao ar livre: a ideia de que talvez pudesse cravar um copo a um daqueles beberrões bastava para o deixar grogue.” (p. 245/246)
40)	“Traveling in the blue” (p. 176)	“Vou passear nas nuvens” (p. 39)	“Vou viajar pelo azul” (p. 246)